

LEONARDO
PERACINI

Seguindo Adiante



LIVRE EXPRESSÃO
EDITORA

LEONARDO PERACINI

Seguindo Adiante

2015

“Se pudessem doutra maneira quereriam também doutra maneira. As coisas por metade prejudicam o todo. Se há folhas que murcham, por que se há de queixar uma pessoa?

Deixe-a cair, e não te queixes! Pelo contrário: varre-as com o sopro do teu vento; varre essas folhas! Aparte-se de ti tudo quanto é murcho!”

Friedrich Nietzsche.

Agradeço a vida que estou levando, pela família, amigos e trabalho que tenho realizado.

A todos aqueles que me amam e aos que foram e estão sendo tolerantes a mim.

“O *homo patiens* exige o *medicus humanus*, o homem que sofre exige o médico humano, que não trata apenas como médico, mas também como homem. O médico que não é também um ser humano, mas apenas um cientista, poderia amputar uma perna com o auxílio da ciência: mas, com o auxílio apenas da ciência, não seria possível evitar que o amputado ou a ser amputado se suicidasse depois ou antes da amputação”.

Viktor E. Frankl.

Sabemos o que somos, mas ignoramos o que
podemos nos tornar.

William Shakespeare.

Dedicado,

Ao meu querido filho, Miguel da Silva Peracini Michel.

SUMÁRIO

Prefácio	19
O meu grito	29
No divã.....	33
Retirando o lixo.....	37
O jogo dos espelhos	42
Os grandes detalhes.....	49
Falta, dá ideia?	55
O que é, não é.	62
Caindo, em si.....	66
A vida não se aposenta.....	69
De-coração	73
O sentido está no invisível	78
O continente e o conteúdo.....	84
Universo de cores	87
Ajuntando pedaços.....	97
Porque as pessoas choram em velórios?.....	112

Vida, é coisa que precisa tomar cuidado.....	118
Gente cotidiana	123
O retorno a placenta.....	126
O que há de mais novo no amor?	130
Antes de mozart, antes de leonardo da vince, antes do antes.....	132
Não existe fim, se existe vida.	135
Se não dominar, será dominado.	148
Higiene de sentido	151
Eu, julgado, por mim mesmo.....	156
Tudo é mentira, tudo é verdade.....	161
Como pássaros engaiolados	172
Com-viver, com-versar.	174
O contador de histórias	186
Para além do que sou. Do que possa me tornar. Acima de mim.....	196
Acúmulo de memória.....	207
Vaidade, fingimento, pura verdade.....	210
Sempre existirá alguma coisa errada.....	217
Ou a gente vive, ou a gente termina.....	222

Já teve coragem de se perguntar, o que não teria coragem de se perguntar?	239
Delícia de dor!	255
Desabrochar	260
O amor, a dor e a vida.....	269
Sobre o autor.....	285
Bibliografia.....	287

Seguindo Adiante

PREFÁCIO

Faz aproximadamente 4 anos que conheço o Leo.

Num dos nossos encontros, me sentei ao seu lado e logo veio a primeira provocação: ***O que é o pensamento?***

Rapidamente passei a teorizar a conversa.

Imediatamente a interrupção... **Não, André! Eu quero saber o que você pensa!**

Pois é. Com o Leo, esses momentos ocorrem com frequência. Ele faz perguntas à moda de Sócrates! E, como tal, as respostas em monossílabo levam à derrocada... risos

– Todos nós fomos concebidos. Passamos pela gestação e pelo pós-natal. Ao longo destes períodos, fomos tomando consciência do ambiente à nossa volta.

Na primeira fase, os instrumentos que nos trazem as impressões organolépticas são parcos. Estávamos imersos em

Seguindo Adiante

um ambiente suficientemente estável para que ocorresse o necessário desenvolvimento dos aparatos fisiológicos. Mesmo assim, depois que as células se tornaram suficientemente especializadas para que pudessem surgir os nervos, passamos a guardar (memorizar) as primeiras impressões. Criamos assim os primeiros condicionamentos.

Transcorrido o período gestacional, passamos para o pós-natal. Nessa fase, as impressões organolépticas ainda são poucas, pois os instrumentos não estão totalmente desenvolvidos. Apesar disso, os condicionamentos deixaram de passar pelo filtro amniótico.

Todos nós fomos concebidos. Passamos pela gestação e pelo pós-natal. Ao longo destes períodos, fomos tomando consciência do ambiente à nossa volta.

Nos anos seguintes, apesar do ganho na qualidade das impressões organolépticas, ainda não estamos totalmente aptos para utilizar a **força de vontade**. Nada de deliberações sobre aquilo que Kant chama de desejo.

O pleno desenvolvimento da capacidade deliberativa ocorre, do ponto de vista social, após completar 18 anos. Este indivíduo, agora adulto, pode deliberar.

Foram percorridos 18 anos. Durante este caminho, os condicionamentos e as crenças criados pelos medos, pela

cultura, pela historicidade e pela temporalidade, unidos aos condicionamentos da espécie (gravados nos genes), modificaram os fatos. Os fatos modificados criam a verdade pessoal. O convívio em sociedade estabelece a verdade social. A cultura judaico-cristã também tem sua parcela de contribuição. A verdade única se solidifica, cristaliza-se.

Mesmo que utilizemos da **força de vontade** para melhorarmos os instrumentos de avaliação... Mesmo que usemos “o outro” para nos conhecermos... Mesmo que busquemos a neutralidade de nossas referências... Estamos e estaremos presos a alguns condicionamentos e crenças!

Talvez essa fosse a minha resposta. Entretanto, nossas conversas são, em sua maioria das vezes, entrecortadas pelos compromissos.

Em vários momentos de nossos diálogos passamos pelos mais diversos confrontos. Os primeiros destinados a estabelecer o território ocupado pelas respectivas personalidades. Depois para estabelecer as regras de crescimentos mútuos que norteiam a verdadeira relação de amizade.

*Entender como universos tão díspares possam ter uma relação de crescimento mútuo só pode ser entendido num ambiente geográfico tropical. Em quaisquer outros ambientes, com um clima não tão favorável ao desenvolvimento da autossuficiência, seria motivo para confrontos armados. Lutas acirradas pela **verdade única**. Isso é o que nos mostra a história da humanidade!*

Seus olhos perscrutam minhas palavras e ações...

Entender o pensamento humano sempre foi um desafio. Ainda hoje o é.

A que se deve este desafio?

Ahhh... Temos de entender que o cérebro humano é um órgão razoavelmente recente.

A espécie humana se desenvolveu a apenas 180 mil anos aproximadamente. Estudos indicam que são necessários 300 mil para o pleno desenvolvimento de um órgão. Assim sendo, para entender o pensamento, é necessário saber como o cérebro se estrutura.

Existe uma enorme distância entre o mapa da atividade cerebral feita com um eletroencefalograma ou uma ressonância magnética e a percepção que temos das imagens mentais.

As estruturas do cérebro são de três tipos: **reptiliano, límbico e córtex.**

Os nossos sentidos são ligados ao cérebro **reptiliano** e isso faz com que tenhamos consciência de, apenas, **2.000 bits** de informação. Essa quantidade é ínfima quando consideramos que são gravados 400 bilhões de bits no córtex.

Para que possamos nos conscientizarmos de mais informações, temos que usar a **força de vontade.**

A **força de vontade** é definida pelo filósofo alemão Kant como sendo a capacidade de deliberação do homem sobre o desejo. O desejo é um condicionamento imposto pela natureza, pelo meio social, pelo tempo e pela história.

Com o Leo é assim... Cada diálogo é um mergulho num universo em transformação. Nos primeiros três anos, um universo banhado pelas certezas do fisiologista. Outros momentos foram seguidos da ampliação de perspectiva. Essas ampliações vieram dos novos conhecimentos adquiridos dos estudos da filosofia e da psicanálise.

Existe uma noção do Direito que exemplifica bem o uso da **força de vontade** sobre o desejo, chama-se **subsunção**. Isto significa focar as informações que estão negligenciadas no subconsciente (ou inconsciente). Analisar uma informação, e deliberar sobre ela, cria uma relação sináptica que torna acessível àquele conteúdo.

O próprio cérebro tem dispositivos que permitem o acesso das informações. Estes instrumentos sutis compõem o pensamento humano, porém não são os instrumentos que são percebidos pela consciência, e sim o resultado.

Ufa! Consegui um ligeiro assentimento daquela mente crítica...

Seguindo Adiante

Ordinariamente, as impressões do mundo à nossa volta são gravadas no hipocampo pelos cinco sentidos. Essas impressões recebem um incremento importante, que relativiza a memorização, as emoções. Agora essas impressões são gravadas na memória definitiva seguindo a cadeia de eventos que a gerou.

Para que possamos acessar facilmente as memórias, devemos aumentar as relações sinápticas associadas a ela, devemos aumentar sua percepção.

A memória pode ser prejudicada pela ingestão de substâncias naturais ou não. Ao longo da história recente, foi comum o uso de algumas dessas substâncias. Entre elas está o álcool. Por isso, a percepção sempre foi muito negligenciada pelos primeiros cientistas. Entretanto, sabemos que a percepção é mais forte do que a memorização simples das impressões organolépticas.

As impressões organolépticas são o nosso meio de comunicação com o universo à nossa volta. Um universo caótico, impreciso, multiforme e em mutação constante.

A percepção, por outro lado, conscientiza as impressões organolépticas eivadas pelas emoções. As memórias que são oriundas de sentimentos de medo, ou seja, com alta carga de fatores estressantes, são gravadas com maior

nível de detalhes. Essa é uma das respostas às adaptações da espécie frente às agressões do ambiente.

Pelos motivos supracitados, temos duas coisas interessantes e importantes: **o fato** (*a realidade*) e **a verdade** (*o modo como a consciência entende a realidade*).

Consigo de meu interlocutor um meio sorriso de Monalisa. Será que estou agradando? Quantas outras perguntas percorrem aquela mente sagaz?

Continuo...

A realidade é formada pela ressonância de um padrão básico de informação. Essa ressonância ocorre em múltiplos níveis passando pelo microcosmo, pelo cosmo e pelo macrocosmo. Naturalmente, a percepção desse padrão depende do desenvolvimento de instrumentos mais precisos do que os sentidos. Um dos instrumentos mais precisos usados pela consciência é a linguagem. E, dentre as linguagens, uma que se destaca como universal é a **matemática**.

O maior dilema é que os livros não são escritos dentro de uma linguagem exclusivamente matemática. Os significados da linguagem não matemática estão repletos de subjetividades. Esta significação sofre influência direta dos condicionamentos e das crenças pessoais. Elas podem ser: **fisiológicas, sociais, históricas, temporais, emocionais e espirituais**.

Seguindo Adiante

O Leo me interrompe e esclarece sobre algumas coisas...

*As várias escolas de pensamento humano ocidental deram origem aos **dualistas e materialistas**.*

Os materialistas não admitem a transcendência.

Os dualistas a admitem.

*Desde a Grécia antiga os primeiros filósofos, dos quais podemos lembrar de Platão, diziam que a vida humana era composta de **anima**, alma (aquilo que se move) e matéria. A vida transcendente é a vida dos espíritos. É um corpo formado por um conjunto de **logos** (ideias, pensamentos).*

Os pensamentos apresentam uma lógica própria. Essa lógica é chamada de livre associação de ideias. Segundo Sigmund Freud, esse arrebol mostra como somos. Mostra como a nossa psique funciona. Abre os caminhos do Universo paralelo que existe em nós.

Cada frase que falamos sintetiza os nossos sentimentos e nossas experiências com relação ao mundo. Cada frase mostra o Universo existente em nosso âmago. Mostra como são as regras no nosso Universo.

Vamos ver aonde você vai chegar...

– Pressupor a transcendência é pressupor a espiritualidade.

Certamente, todos nós nos comunicamos por meio de **aforismos**. Essas frases sintéticas repletas de significados. Essas meias-frases eivadas de emoções diversas. Essa linguagem é semiótica e transcendental. **Por isso, esse Universo pessoal é imanente em sua materialidade e transcendente à percepção do outro.**

Devemos nos lembrar de que, nos moldes do deus indiano **Brahma**, o nosso Universo só passa a existir depois que abrimos os olhos. Não o Universo factual, mas sim o Universo pessoal.

Segundo a PNL (Programação Neurolinguística), 7% da linguagem são as frases que dizemos. Os outros 93% da linguagem se dividem em: 55% gestual (feitos com as mãos ou o corpo) e 38% a entonação de voz.

Por outro lado, estudos mais recentes elevam a importância da linguagem corporal para 93%. E os 7% restantes são divididos em: 6% relativos a entonação de voz e 1% para a frase que é dita ou escrita.

Assim terminaria a minha resposta. E antes que o Leo me bombardeie... Termino este texto como segue:

Esse livro se apresenta por meio de aforismos. Por meio da livre associação de ideias. É assim que adentramos ao Universo do escritor.

Seguindo Adiante

Entender o Universo pessoal por intermédio das frases escritas pelo autor. Aprender sobre o Universo do escritor desta maneira é exercitar a arqueologia ou a antropologia.

Para apreender sobre o Universo pessoal, nada melhor do que conviver com o seu criador (ou seria melhor dizer cocriador?!).

Nesses 4 anos, o Leo mudou... Os seus conhecimentos foram banhados pelas emoções do nascimento do primogênito. Este momento ímpar da vida pessoal que minimiza a personalidade e maximiza o ágape.

Justamente o ágape!! (risos)

É o momento em que o medo de perder o outro se sobrepõe a perder a si mesmo. Pelos motivos supracitados, as impressões sobre o mundo ganham outro peso. O centro de gravidade pessoal muda o seu eixo. Quando eventos desta natureza ocorrem, as órbitas mudam. Analogamente, seguindo essa perspectiva, a Terra deixou de ser o centro do Universo. O Sol não é o centro da Galáxia. A Via Láctea não é a única do Universo. Talvez existam Multiversos.

Boa leitura!

O MEU GRITO

“Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz. ”

Platão.

Estou agora, sentando a minha mesa, com as portas fechadas, fugindo de qualquer coisa que queria me tirar ainda mais do conforto, do barulho interior que é só meu, que se manifesta agora, que incomoda, que me faz querer dizer algumas coisas... Incrível como isso acontece de tempos em tempos! Fico estupefato com esse turbilhão de coisas e acredito que, ele nos permite mover pela existência, que nos proporciona sentimentos, que não sabemos bem o que é, mas

Seguindo Adiante

que achamos que pode ser amor por algo, pela arte de criar, pela falta de ainda não possuir, pelo que já temos, pela trajetória de vida, pelo amor aos outros, pela oportunidade de existir, no mundo, e para si, possa ser um poço de desejos.

Ao meu lado, na parede, está pendurado um de meus quadros favoritos, a obra prima de Edvard Munch, intitulado O Grito, que, confesso, tenho a sensação, em alguns momentos dentro da sala, que ele está vivo. Você deve estar pensando que estou delirando, gritando internamente como a manifestação do quadro, em crise existencial... Pode ser, mas tenho uma certeza: quem está dando vida a ele, sou eu, ou melhor, aquilo que está dentro de mim, fazendo barulho, sendo projetado para fora, para além de meus olhos, gotas do meu oceano interno subindo à superfície. Acredito que, como eu, muitos são assim, pois, quando nos identificamos com algo, excorporamos, nós damos vida àquilo que vive dentro de nós, e uma pintura como essa faz evacuar pensamentos, delírios, abstrações, vida represada que busca ser despertada, vivida. Não tenho dúvidas de que já existia dentro do artista que pintou o quadro, algum de desses seus objetos internos, que, aprisionados, ele conseguiu libertar, talvez, por estar entediado em viver apenas no mundo interno, sabendo que existe algo além do que possa ser maior do que a si próprio.

Hoje, sinto os tons de azuis e verdes da obra pulsar nesta identificação projetiva, e tudo se perpassa entre ela e eu,

ou eu e ela. Não sei, mas sinto a transferência, a quimiotaxia das cores, e me parece que existem três, eu, ela e algo no meio surgindo, algo como prazer e angústia ao mesmo tempo. Às vezes, até penso, se estou querendo sentir o que Munch sentiu quando estava pintando, idealizando uma vida de sentimentos profundos que foi vivida durante a construção da obra ou pelo fato de admirar o potencial existencial de tal feito. De forma dramática, consciente, a obra conduz-me sempre na tentativa de me identificar com a representação de uma verdade pessoal. Toda obra de arte é uma tentativa de explicar algo que ainda não está compreendido, mas, em meu caso, o vazio de Munch, opera com meu vazio, que não passa a serem mais vazios, porém parecem-me dois nada incorporando a filosofia de Sartre. Pode, também, ser delírio, mas, tenho comigo que as sensações são de vida, de algo preenchido, não mais de vazio-em-si, mas coisas da alma, e não do corpo, como distinguia Platão. Consigo ver a vida em seu deleite nos dois vértices, e lembro-me do que Munch escreveu “Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol – o céu ficou, de súbito, vermelho-sangue – eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta – havia sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fjord e sobre a cidade – os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade – e senti o grito infinito da Natureza. ”. Por que, em meio a tantas obras, escolhi Munch? E, por que O Grito, o escolhido? Não sei. Talvez, porque a vida é um saco sem fundo; porque nunca estaremos contentes com o que já

Seguindo Adiante

possuímos; porque somos fracos e carentes; porque nunca conseguiremos compreender e suportar a verdade em sua totalidade; porque estamos evoluindo, e evoluir é seguir adiante, é se desenrolar, desabrochar, nascer todos os dias, fazer-se sem sentido e suportar eternamente a incerteza do caos; porque, quando vivemos no escuro, o que nos resta é gritar por respostas; e porque pintura, que é pintura de verdade, não vive em quadro.

NO DIVÃ

“O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.”

Friedrich Nietzsche

“Eu sinto a necessidade de escrever, porque sinto a necessidade de viver. E, você, já escolheu como irá morrer?”

Sentado aqui, angustiado, com um nó sendo provocado a desamarrar, como daqueles que se formam na garganta e peito, penso o porquê deste sentimento que já vem se manifestando há dois dias. Talvez, eu mesmo esteja provocando isso, pois há dias que não escrevo, e sinto que estou morto quando não estou escrevendo, mas, agora, é diferente, porque parece que a casca está sendo trocada, como fazem os caranguejos que, para crescerem e trocarem de casca,

Seguindo Adiante

precisam se esconder entre as pedras e em buracos na areia. Suas cascas duras os protegem de seus predadores, mas, quando eles estão em fase de troca, sem cascas, devem se esconder para que não sejam mortos. Com isso, eles, escondidos esperam solitários a transformação se operar. Solidária, a biologia opera, faz seu papel, eles conseguem construir outra casca, maior, mais resistente e dura.... Sinto-me assim, como um caranguejo, sozinho, sentindo a casca nascendo. A vida também tem algo parecido: Até os 25 anos, nós nos montamos, após esta idade, desenvolvemo-nos em outros seres humanos, até algo em torno de 55 anos, quando, após essa idade, nos preparamos para nos desmontar, algo bem semelhante à biologia dos caranguejos. Poderíamos até dizer que a troca da primeira casca acontece na adolescência, quando estamos vulneráveis ao mundo.

Para além de meus ouvidos, começa a tocar, agora, Moonlight, de Ludwig Van Beethoven, minha sonata predileta. Sinto que o ritual já teve início, sei que não vou parar tão cedo, sinto até parte dos sentimentos se dissiparem, como mágica interna, desobstruindo os canais afetivos, tediosos e começo a se encantar comigo, com aquilo que tenho contato, com minha alegria que é só minha. Nesta vivacidade, sei que quando a coisa toma esse caminho já intuo em que vai dar. Não estou provocado por isso, mas, quando vejo, já foram várias linhas, e os pensamentos, sobre aquilo que está além de mim, do ser que pensa, agora, se organizam como cadeiras de roda gigante,

girando em sintonia. Penso como se estivesse sido feito de pensamentos, construindo as narrativas, as histórias que me encantam. Para se tornar um bom ser humano, não é necessário aprender a contar histórias? O que é um Homem sem narrativas? Sem sonhos e desejos realizados? Sem histórias? Sem apreender a traduzir o que sente? O que mais desejamos na vida é ter boas histórias para serem contadas. Quando descobrimos que a morte faz parte da vida, e que tudo, um dia, chegará ao fim, porque chegará mesmo. Então, buscamos, desesperadamente, construir algo que nos perpetue e que seja contado por outros, algo que faça nos ressuscitar enquanto mortos.

Meus olhos umedecidos, como meus ouvidos, estão voltados para dentro, excitados, para aquilo que nunca soube explicar em nenhuma de minhas obras, a não-coisa, o cerne da profundidade infinita, que angustia, mas que se banha no bálsamo da alegria, como espíritos dançantes que buscam se elevar para além do Homem, para aquilo que revoluciona, algo novo que possa ser apegado, uma não-coisa porque não tem nome. Seria como se houvesse uma definição única para o amor. Confesso, novamente: não sei o que se tornará este início que, em minha mente, por estar vazia de pensamentos afetivos, deixa-me conduzi-la por endereços que levam a sintomas alucinatórios talvez, tipo coisas incompletas, fechadas em um mundo que está escuro e que parece que não é só meu, mas de outros que sempre estão espiando, que

Seguindo Adiante

querem se aproximar de si mesmos, da verdade de suas intuições. Aprofundemos, então, sem desejos, sem memórias, deixemos a obra fluir, como flui o mundo da vida.

Leonardo Peracini

RETIRANDO O LIXO

Dor elegante

Um homem com uma dor
É muito mais elegante
Caminha assim de lado
Como se chegando atrasado
Chegasse mais adiante

Carrega o peso da dor
Como se portasse medalhas
Uma coroa, um milhão de dólares
Ou coisa que os valha

Ópios, édens, analgésicos
Não me toquem nesse dor
Ela é tudo o que me sobra
Sofrer vai ser a minha última obra

Paulo Leminski

Seguindo Adiante

Acreditamos que algumas de nossas escolhas são perfeitas, que nos irá completar aquilo que falta. Sentimo-nos esmagados pela insolúvel falta de sentido, da busca insaciável, do lixo que nunca é retirado para fora, e que deveria ser reciclado. Tenho pensado muito se essa busca não está causando uma voracidade incontrolável, na qual caminho, sempre tentando fazer alguma coisa, algo que não é apenas reflexo biológico. Todos os dias, busco algum sentido, não logicamente, como uma tarefa, ou racionalmente, porque tenho de buscar, mas, espontaneamente, porque quero buscar ter algo a me direcionar, algo que tenha algo, mas de maneira livre, sem escravidão, quando se trata de meu mundo interno.

“Aquilo que me produz como sujeito eu não faço acordo e não negocio com ninguém.”

Sei que a vida é curta e não deve ser pequena, apequenada, reduzida ao reducionismo existencialista daqueles que se movem contra seu sentido. Quão grande somos nessa finita existência, quão pequenos também somos nessa infinita existência. Penso que pensar, às vezes, é perder tempo, não o tempo do relógio, mas o tempo que não existe e que não pode ser enquadrado. Esse interjogo entre sentir e pensar, não se sabe muito bem aonde pode dar. Discernir, então, entre afetividade e racionalidade, é buscar aquela harmonia que tentei descrever no início, e que agora não é mais harmonia,

mas apenas uma buscar de um patamar maior, tentando novamente harmonizar-se como as sonatas de Beethoven que, por vezes, crescem sem antes ter nascido, mas que, quando nascem, fazem nascer o fim próximo, aquilo que todos buscam, a vida em demasia, a dor suportável, a excelência da eterna finitude do espírito humano, na luz que brilha, porque tem de brilhar pela intuição certa da verdade. Sei que ninguém vive em paz, e isso é condição para a vida; então, seguimos.

Escolhas são feitas todos os dias por todos nós, escolhedores do nada, daquilo que não temos certeza, daquilo que pode ser tudo ou apenas mais uma escolha, uma indecisão, uma fantasia. Pessoas escolhem escolher porque acreditam que somos os escolhidos, e pessoas escolhem não escolher, escolhendo porque tem de escolher, porque, mesmo não acreditando, escolhem viver excepcionalmente vivos, mesmo não vivendo pela própria escolha.... No fundo, gostamos de ser escolhidos, pois é lógico, e o que é lógico é verdade confortável, satisfeita, e isso é perigoso.

Ainda não sei bem o que estou escrevendo. Sinto que quero continuar este trecho. Vou deixar registrado o que está em minha mente, farei como fazem os padeiros com as massas de pão, que necessita de um tempo de descanso para crescer e atingir o ponto ideal. Mais para frente, aprofundaremos esta coisa de satisfeito e insatisfeito. Vamos ver no que dá; mas de

Seguindo Adiante

uma coisa eu tenho certeza: o forno já está ligado e a temperatura começou a subir, contudo, espero que, durante esse sonho acordado, imerso em devaneios, objetivo sentir-me escrevendo sem qualquer fardo, entrando e dormindo em minha verdadeira casa, sem desejo e memória, apenas à mercê de minhas margens, para além de mim mesmo.

Enquanto estou odiando pouco, sei que estou indo bem, pois minha capacidade de amar está acesa, prevalecendo grande e viva. Meu medo é perder-me nesta capacidade de amar ou odiar muito, projetando meu ser para o vazio-afetivo-mental, sem poder me entrelaçar mais com minha não-coisa. Mesmo quando estiver em momentos de ódios profundos, tamponando minha capacidade de amar, não farei como fez Ricardo III, acreditando que, se não pudesse amar algo ou alguém, seria, então, condenado a odiar para sempre. Ricardo não entendeu que odiar também é condição da vida, que já nascemos assim, e que escolher viver só com amor ou ódio é impossível. Para que se viva, algumas condições devem ser aceitas, em função da condição do ser humano em si. A tristeza, por exemplo, é uma delas. No fundo, somos tristes, sozinhos, animais acuados, esperando a morte. Fernando Pessoa dizia que somos um cadáver adiado. Parece duro o que estou escrevendo, mas é verdade, pois nossa vida terminará em tragédia. Podemos escrever poesia, fazer o bem para a humanidade, mas não escaparemos de retornar ao pó. Do pó viestes, para o pó não voltarás? É verdade, é duro, mas

devemos aprender a suportar este caos, toda uma revolta, lutar para não sermos dominados por coisas invisíveis que antecipam a tragédia, como exemplo, nos dias de hoje, o ódio que está levando homens a ludibriarem crianças bem pequenas a explodirem seus corpos como fazem os homens-bombas, crianças inocentes, civis, que não sabem discernir suas escolhas! Fazem isso a troco de nada, de uma ideologia barata, que promete a salvação para aquele que se mata, para sua família, enquanto, prometem para seus superiores, aqueles covardes, com mentes primitivas, responsáveis por esse movimento trágico, a conquista de mais poder, de glória, de mitificarem seus legados; como se isso fosse resolver alguma coisa. Precisamos tentar nos salvar, mas não a qualquer preço, de maneira medrosa, covarde, fraca.

O JOGO DOS ESPELHOS

“De fato, não podemos traduzir a linguagem do inconsciente para a consciência sem empresta-lhe palavras do nosso domínio consciente.”

Melanie Klein

Eu não continuarei a lutar para desatar o nó que segura à pulsão reprimida, inconsciente, que atormenta e prevalece em alguns de meus confrontos internos, pois não invejo Narciso, mas aos nós que me foram dados. A vida? Vou vivendo assim, como roda gigante, uma hora em cima, outra embaixo, mas sempre girando, buscando os sorrisos avassaladores das crianças, sem punição, desviando dos sentimentos de toda culpa adquirida por todos os erros e pecados já cometidos no mundo. Não se confunda, pois aquele que vive de verdade assume a responsabilidade pelos seus pecados, isto é, ele vive livre, pulsante, nesse contexto. Repare, não estou encaixotando

meus erros e enviando a alguém que não os mereça, faço isso apenas para sentir que tudo está resolvido, mas não sinto também que devo fugir e me punir por tudo, por nada, ou por aquilo que está oculto, que não faz parte da vida, eu sou a favor do desfrute do fragmento de segurança e de paz interna, pois não quero pertencer àquele grupo de mortos simbólicos, que correm eternamente atrás de suas chamas. Esses, em vez de focarem em suas faíscas, com as quais ainda podem produzir grandes chamas, vivem à busca da juventude, da felicidade passada, dos momentos que, um dia, foram somente momentos. Esquecem, especialmente, de observarem seus novos desejos, suas pulsões mais latentes que, hoje, talvez, reprimidas pelo descaso, pelo ódio, pela falta da capacidade de exercitar a libido, o amor, a vida, aquilo que não se observa na lógica, na matemática, mas no sentido de recriar a chama iluminadora dos quartos escuros, que tampona os medos repetitivos, esses mesmos que se entrelaçam sobre um pedestal fixo na rotina do dia a dia, envolvidos pela falta de sentido e pela desesperança condutora à depressão maníaca depressiva, magnetizando o corpo a se encontrar com a alma, próximo ao seu último suspiro, ao encontro derradeiro que, talvez, seria o reverso da vida, da liberdade infantil, do pecado que sempre será dor.

“A culpa também é condição da vida.”

Seguindo Adiante

Interessante esse fim. Gostei do que foi escrito, porque, para haver pecado, deve existir dentro do ser, que é humano ódio, culpa, algo que não é bom, que não é puritanismo, que já nasce porque faz parte do seu nascimento. Com efeito, no interjogo dos espelhos, no reflexo não visto, buscamos, por vezes, sem encontrar algo, simplesmente porque não sabemos que não sabemos o que devemos buscar. Contudo, quando a luz, que ilumina o que deve ser iluminado, se foca apenas no essencial, então, descobrimos que, mesmo não sabendo o que devemos buscar, sabemos que, agora, devemos não só buscar, mas encontrar um sentido para se realizar, para morrer em paz. Na verdade, achamos que sabemos, quando não temos a mínima ideia do que tudo isso representa, toda essa coisa que existe.

Amor só pode ser Amor

Preciso de um martelo
Para se forjar um ferro.
Para se ter um martelo
É preciso antes forjar o ferro.
Para se fazer um martelo,
É preciso outro martelo.

Leonardo Peracini

Quero fazer um círculo.

Tenho esta ideia.

A ideia de círculo não é o círculo

É apenas uma ideia de círculo.

É ideia. Vive apenas dentro de minha cabeça.

Círculo é redondo, com centro circular.

Qual o diâmetro do seu círculo?

Ideia é isso que acabei de falar. Para mim. Para você não.

Quando sai da minha cabeça não é mais ideia.

Não é mais meu. Pode ser registro seu.

Preciso de amor.

O amor não é o que eu idealizo. Sei que está dentro da
minha cabeça.

O amor é amor,

Como flores são flores.

Para se fazer amor é preciso outro amor.

A ideia de amor é uma ideia para você, para mim não.

Amor não se idealiza, se sente.

Amor não é ideia. Amor não é ausência.

Pensar em ausência é uma ideia.

Flores são flores,

Porque são flores.

Como são suas flores?

Seguindo Adiante

Uma ideia pode ajudar a entregar flores.

Preciso parar de ter ideia.

Ideia vem do pensamento, dói. Dói diferente do amor.

Amor vem do sentimento, afeta. É uma dor sem ideia.

Ideia cura se for boa.

Mas, pode ser também vaga, ilusória, silenciosa,

Como diabetes e pressão alta.

Amor vem do que está antes do pensamento.

Antes do sentimento pensante. Da ideia pulsante.

Não tenho ideia do que seja.

Parafraseando, Amor só pode ser Amor, como flores só podem ser flores. Tanto um quanto o outro não se pode ter, pois o que se pode ter perde seu valor. Ter o amor seria como arrancar a mais bela flor da terra e tentar cultivá-la em um pote com água, seria desesperador ver sua morte, rápida e sem valor.

O amor, como as raízes de uma flor não estão na superfície humana. Eles podem até parecer estar pelas pulsões de suas belezas, mas nunca estarão, do mesmo modo, que um homem e uma mulher não são apenas um homem e uma mulher, um pai e uma mãe não são apenas pais, tudo é

representação simbólica, investimento libidinal, trabalho psíquico sobre os objetos internos e externos.

O conhecimento que, por vezes, é representado pela memória, pela capacidade de raciocínio não tem tanto valor quanto o pensamento. Para nossa mente, sentar para se alimentar e fazer uma conta de matemática exige a mesma função: articular a memória no contexto do estímulo solicitado. Já o pensamento não, esse é de outra ordem, exige um percurso pelo caminho da emoção, alucinação, elaboração psíquica, dos conceitos mentais e da publicação daquilo que surgiu e não é mais um pensamento, pois, nessa fase é memória, raciocínio, parte de algo que ficou consciente. Essa dinâmica, sim, é fervorosa, exige que estejamos preparados para suportar toda sua luz e sabedoria.

Essa luz que, às vezes, provocada pelo acaso, que é ligeira em seu soluçar, nos conduz como ondas que levam peixes que não sabem por onde estão indo, mas sentem que devem ir, que devem seguir algo que lhes dê alguma resposta, algum sentido, algum valor naquilo que está sendo pensado. Nesse caminho, não interessa a verdade, mas apenas o sentido que ele pode conter.

Quando sabemos que já sabemos, ficamos expostos a várias barreiras, as quais podem nos levar à ignorância, sendo desinteressantes. Podemos estar preparados para ultrapassar as barreiras se aceitarmos que sempre existirá uma verdade última

Seguindo Adiante

jamais encontrada, suportada, mas o fato de ela existir, como a vida existe, já é um excelente motivo para buscar seu sentido, um ato de fé, de construir algo que se edifica a partir daquilo de que estamos sendo feitos.

Não confunda o espírito que cito aqui com fé e religião, pois não quero misturar o que não se mistura. Nos tempos atuais, acho que nem Deus ainda acredita mais em Deus. Não se confunda, mas eu não deixei de acreditar em Deus, apenas troquei de Igreja. Abandonei a Católica pela Psicanálise. A diferença se faz apenas no nome, a primeira se fala em Deus e a segunda em Freud. Também não acredito em dons, pois penso que Deus não faria uns homens com mais potencialidades e outros com menos, seria um paradoxo perante suas leis. Imagina como seriam fracos aqueles com tais “dons”, pois não precisariam fazer esforço em suas vidas para se comportar como sujeitos. Viver exige esforço, competência. Nem todos estão aptos a viver.

OS GRANDES DETALHES

“Ainda bem que não vivemos em estado de graça. Se fosse que graça teria a vida?”

Para uma palavra ser gravada em nosso corpo, antes é preciso senti-la, fazer associações com o que já existe. Isso se chama experiência emocional, que é a tradução do sentido para o mundo mental psíquico, isto é, antes de criarmos os símbolos para determinada coisa. Existem os sentimentos que são exprimidos sob a forma de um sentido de criação, de uma lógica que é traduzida e transfigurada sobre a plataforma humana, algo que corte mais do que lâmina e queime mais do que fogo. Esses sentimentos são como aqueles moedores de pimenta do reino.

Quando estamos conversando com alguém, existem, na verdade, não só palavras, mas um entrelaçamento de sentidos, cada qual com sua experiência, seu potencial de expressão em

Seguindo Adiante

meio a toda a efervescência do momento, como esta escrita, por exemplo, que ora está em dó maior, ora está em dó menor, ora está viva, ora está morta. Por isso que dizem que a palavra tem poder, vida e sentimento. O poder que existe na palavra é o da transformação, da linguagem, da mudança de rota das associações. A linguagem é a maior ponte que um ser humano pode ter. Quando é preciso superar uma barreira ou algo difícil como um trauma, é sugerido tentar transformar a dor existente em pensamentos, em consciência, em sentimentos suportáveis, associações diferentes que não gerem tanto desprazer quanto a dor mental atual.

A mudança de rota, ou de transformação, dentro de algo que já está transformado em outro algo, faz com que os sentimentos criem raízes mais profundas. Muitos chamam esse movimento como sendo de caráter, de essência, de conjunto de valores. Porém, o difícil é acompanhar o corpo que nunca deseja não desejar, parar de dançar, ele está sempre à busca de alimento, de mudança, de algo maior do que ele.

Com certeza, já aconteceu com você ou já ouviu falar que tal pessoa está com uma “farpa” enfiada na pele e que precisa ser removida, expelida. Farpa é um pedacinho de madeira afiada como faca, que penetra facilmente em nosso corpo. Ela, na maioria das vezes, tem um tamanho muito pequeno, mas incomoda pra caramba todo o corpo, de tal maneira que sentimos um mal-estar em só saber que ela está

ali, alojada, quebrando a harmonia de todo o sistema. Os traumas, as barreiras são como essas farpas que entram sem pedir licença, sem percebermos, causando uma dor física e psíquica que se torna irritante. Enquanto não retirada, recorre insistentemente até que a seja.

Observem as crianças que, quando são afetadas por essas farpas, sentem uma dor psíquica muito forte, às vezes, mais do que a física, simplesmente pelo fato de ver que existe um corpo estranho alojado no corpo dela. Algumas não querem nem tirar a farpa, com medo de doer mais, mas, também, não querem olhar para ela, pois têm medo daquilo que está ali, alojado, que não é seu, que está causando dor.

O adulto não é diferente. Ele esconde muitas verdades, traumas, achando que, se for agir assim, sofrerá menos. Isso acontece porque ele próprio não suporta a situação e não consegue confiar em si mesmo, em suas capacidades de superar tais barreiras ou em outro como parceiro de ajuda. Esconder, muitas vezes, é sinônimo de proteção, e fazemos isso a torto e à direita, pois é mais fácil, na maioria das situações difíceis, reprimir os sentimentos para o mundo interno do que enfrentá-los com espírito reto. Por isso, também acontece que certas conversas são adiadas, desmarcadas e não conversadas. Do mesmo modo, certas vidas são adiadas, desmarcadas, vivem sem pegadas, sem marcas, são odiadas.

Seguindo Adiante

Poema em linha reta

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em
tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas
vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para
tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes
das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e
arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais
ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de
fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido
emprestado sem pagar,

Leonardo Peracini

Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho
agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas
ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste
mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na
vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que
uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Seguindo Adiante

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem
titubear?

Eu, que venho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

Fernando Pessoa. Poesias de Álvaro de Campos.

Existem ideias que têm vida própria e sentimentos que não conseguimos controlar. É aquilo que nos deixa loucos, inconformados com nós mesmos. Aliás, o termo “inconformado” quer dizer que algo não está de acordo com a forma que deveria, isto é, quando estamos inconformados, sem uma forma pré-determinada, nos sentimos incompletos, com algo sobrando ou faltando, em desacordo, em dor psíquica. Isso nos deixa confuso e com sentimentos ambivalentes, divididos em si, mas que, também, se forem analisados, repensados, servem como um excelente ponto de equilíbrio para a transformação de algo que nos incomoda, que precisa ser convertido, sobreposto a outro modelo melhorado. Falaremos, mais à frente, sobre um conceito do filósofo brasileiro Mario Sergio Cortella, que está relacionado com que estamos elaborando aqui, o conceito de Insatisfação Positiva.

FALTA, DÁ IDEIA?

“Quando algo triste acontece, aqueles que se entristecem, naturalmente, são os mais fortes, os mais afortunados psicologicamente. Coitados são aqueles que não conseguem sentir. Infelizes são os que ficam felizes com a tristeza.”

Um círculo é diferente da ideia de um círculo, e a ideia de círculo é ideia, mas o círculo, por si, representa a verdade do que é o círculo. As ideias de círculo podem ser diferentes uma da outra quando comparamos várias pessoas pensando na mesma ideia. Quando imaginamos uma circunferência que, para ser circunferência, precisa, antes, se transformar em vários pontos conectados, que formam uma linha e que, por sua vez, se conecta formando uma circunferência. Temos, então, a circunferência em si. Quando falamos em empatia, sintonia, entendimento das partes, estamos falando nessa conexão de pontos que se fundem transformando-se em circunferência.

Seguindo Adiante

Cada ponto, que se exprime, é um ponto diferente do outro, com sua representação, com seu formato e ideia. Resolver um conflito é conseguir fazer com que um ponto, através de vários pontos, se torne uma linha, transformando-a em uma circunferência, algo que se conecta em si, que se resolve e que acaba com a ausência ou o vazio daquilo que clama, que ainda não existe. O que existe é conflito, porque algo está faltando e não está completo. O que não se apresenta do jeito que se idealiza, em nosso exemplo, a ideia de círculo que não se encaixa no círculo, torna-se apenas uma ideia; cada círculo pode ser diferente para cada um daqueles que pensam.

O propulsor dessa dinâmica interna é a falta, a ausência, o que precisa ser preenchido, pensado. Sem a falta não moveríamos um dedo para nada, até porque nada teria sentido se já fosse completo, satisfeito. O feliz, da nossa reflexão acima no texto, é aquele que não consegue aceitar a realidade, ou seja, aquilo que aconteceu, e que tem em sua personalidade traços psicóticos, que o fazem se alucinar, impedindo de ter o contato com a verdade. Esse não consegue formar a ideia de círculo, pois tudo para ele, em seu mundo, é fragmentado, saturado, seus delírios são protetores, porque seu aparelho mental não consegue suportar o que se passa. O coitado recebe, vagorosamente, pedaços de verdade, mas fica paralisado, tentando entender o que está acontecendo, se é mesmo verdade ou mentira aquilo que está ocorrendo ou que se passou. Como um pêndulo, ele oscila, da realidade à fantasia.

Já o triste, que está triste, porque aconteceu algo de triste, tem um contato maior com a realidade, seu aparelho mental consegue elaborar melhor do que os outros dois a situação, os fatos, as verdades, a realidade; ele se permite, através desse processo, “sentir” o que deveria ser sentido, pensar o que deveria ser pensado, viver o que deve ser vivido. Com isso, sente mais do que os outros a verdade em si, sua dor é maior, sua experiência, seu processo de elaboração, de tristeza, de dor, traz a sua cura, que ajuda na aceitação, no entendimento, na lucidez, no amadurecimento, mesmo que estejam engendrados de profunda tristeza e sensibilidade. Os demais, por não conseguirem elaborar esse círculo, necessitam de apoio, para que prossigam com suas vidas, caso contrário, seguirão menos saudáveis, retalhando a si e aos outros que vivem a sua volta, somatizam seus traumas, podendo se dissociar da realidade, despersonalizando a personalidade.

“Gosto de gente que sente o que estamos sentindo antes mesmo de sentirmos. Gente assim é gente refinada.”

Poderíamos dizer que o ser humano é construído em torno de um buraco negro, que consome, produzindo faltas, ausências, vazios, coisas que ficam esperando serem preenchidas. Porém, como já havia dito, sem a falta não existiria a construção, nada se transformaria. Uma escada só é uma escada porque, algum dia, precisou faltar uma escada. Primeiro se fez a ideia de escada, depois a escada em si.

Seguindo Adiante

A saudade, por exemplo, é uma falta, uma dor psíquica representada pelo luto, pela perda de algo que continua existindo, algo que já existiu e que faz falta, que não existe mais, que não conseguimos deixar de nos projetar, de pensar, sentir e investir nossa libido, porém, sem transformações, apenas as ideias se conjecturam, mas não resolvem os impactos desses vazios.

“Preparei-me, em pensamento, para dizer o quanto sinto de saudades, o quanto sinto sua falta. Quando nos vimos pela manhã, recuei, coloquei café em minha xícara, pensei se iria falar. Lentamente, avancei com um carinhoso abraço, colocando nossos corações próximos; o silêncio falou, mas eu não consegui. Por que, meu Deus? Será que saudade não tem nome?”

O fato da não continuidade cria as faltas não preenchíveis, pois o objeto no qual nos conectávamos se foi, não existe mais, por exemplo, um ente querido. Nossa mente tenta não acreditar que isso aconteceu. Então, por vezes, ela fantasia pensamentos como forma de proteção, de alívio, tentando diminuir a dor psíquica, causada pela ausência não preenchida, o que diríamos que não são também pensamentos, mas delírios, alucinações, representações psíquicas. Entretanto, essa falta conduz a grandes transformações, pois, quando ficamos conscientes de que algo está faltando, nós nos direcionamos imediatamente a buscá-lo, objetivando algum

sentindo, projetando nossa libido a outro objeto. Porém, o sentido de preencher um vazio com outro objeto só acontece quando o luto do objeto anterior já foi vivido, superado, transformado, introjetado. Como no exemplo anterior, da perda de um ente querido, esse luto varia entre quatro e seis meses, mais do que isso, teríamos um suposto quadro patológico, depressivo. As ausências, nesse caso, são insuportáveis, não conseguem ser elaboradas. Vamos continuar a seguir, e nos aprofundaremos mais adiante nesta temática.

“Sinto demasiadamente que meu trem já partiu e fiquei. Vejo outras pessoas embarcando; meu trem já não chega mais, acho que nunca veio, não sei se é de trem que devo ir... Talvez seja só isso, não existe mais nada à frente, será que já não tenha chegado e não percebi?”

Quando algo está faltando, e não sabemos o que, agimos inconscientes, sentimos que algo não está legal dentro de nós, até mesmo em momentos simples do dia-a-dia. Quem nunca se pegou com fome e teve aquela sensação de que nada serve, nem a massa, nem a carne, variantes demasiadas, porém, não representadas, sentidas, preenchidas. Do mesmo modo, existem faltas que apenas doem, como no caso da saudade, e faltas que somente nos ajudam a construir algo que achamos que estamos buscando.

Seguindo Adiante

“Uma distância de mim mesmo me assombra, se torna dolorosa. Têm horas que acho que esta vida é emprestada. Então, me aproximo do portão da casa, paro, e chamo: olá, eu estou?”

Outro ponto é a resistência de pensamentos e ideias que formam barreiras, tentando evitar com que cheguemos ao núcleo, ao ponto de sentido que nos mostrará o que se busca. Temos, também, um exemplo clichê, pelo qual pensamentos resistentes entram em cena quando queremos fazer alguma coisa, porém, nos sentimos inseguros, antes mesmo de começar, pois já ficamos pensando que não dará certo, que não seria isso que gostaríamos de fazer, que não dará certo, até porque nada nunca deu certo na vida; tudo, sempre, ao final, dá errado... A frustração é algo que sempre nos acompanha, e a coisa segue assim por adiante. Por que isso acontece? Porque a ausência também forma pensamentos ruins, e o fato é que, quando alguém se atrasa para um encontro, a maioria das pessoas fantasia coisas ruins inimagináveis, elas chegam a se alucinar de medo, insegurança e angústia.

“Formo toda fantasia, e ela fica sólida, consistente... De surpresa a verdade aparece e estilhaça fervorosamente tudo, como um crime, um pecado mortal, daqueles de que o inferno está repleto. Sem entender, petrifico, sentindo-me reduzido a nada, vazio, nu, sem poder levar nada comigo.”

O mistério e a dinâmica estão em entender que nós somos seres de talvez, de também e de incertezas. Temos dificuldades em lidar com a ausência, com o incerto, com a realidade. Internamente, nossos sentimentos e decisões são linhas paralelas de conexões paradoxais, caminhantes, incertas simétricas e assimétricas. Observe que, em um computador, não existe “talvez”, ou é isso ou é aquilo, entretanto, reforçando, nós somos seres de nuances, sensíveis, alteráveis, em constante evolução. Pessoas de certezas operam por mentes primitivas, infantis.

Nesta temática, o conflito se estabelece quando nos deparamos com tais situações de talvez, e quando os queremos resolver como um computador, como uma lógica já programada, de forma digital, precisa, processual. Com efeito, encarar a falta de respostas, as incertezas, a ideia de círculo que não é círculo, reduz o ser humano à inércia, à incapacidade de se transformar sobre a fúria do buraco negro, da espiral afetiva, ainda não nomeada. Ficamos, também, angustiados pelo acúmulo de ausências não preenchidas e, mesmo assim, insistimos em ter uma resposta decorada para o preenchimento da ausência, que seria mais fácil.

O QUE É, NÃO É.

“Prefiro a dor da injeção à dor do coração.”

A diferença de norma e normal é que a norma está estática, parada, e o normal está em movimento, se adaptando, sobrevivendo aos estímulos internos e externos. Por exemplo, uma cirurgia na cabeça, sempre exigirá dois neurocirurgiões, um para abrir o crânio, os ossos duros, fortes, e outro para operar a região no cérebro mais sensível.

O primeiro neurocirurgião, pela força que faz em abrir a estrutura da cabeça, após sua intervenção, fica com as mãos tremendo, que são os reflexos da força feita durante a cirurgia. Já, o segundo, fica em espera do primeiro, acompanhando a abertura do crânio, pois seus movimentos serão delicados, precisos, e um pequeno erro sequer pode invalidar o paciente. Com isso, ele atua no detalhe, na delicadeza, enquanto o primeiro na brutalidade, na força. Tanto o primeiro quanto o

segundo são necessários para que a cirurgia aconteça e se realize da melhor maneira possível.

Como o exemplo dos cirurgiões, ilustramos o interjogo do mundo externo e interno, da continuidade daquilo que é normal, necessário para que se atenuem dores, angústias e verdades não suportadas. A norma é o outro, que sempre existirá para nos abrir; o normal então seria os nós, aquele que opera lentamente sobre si mesmo, tentando mudar algo, e alterar alguma coisa que não está próximo da realidade.

O normal é aquele círculo que contém várias conjecturas de normas, que se tornam visíveis a algo que é normal, necessário, consoante. O ser humano, normal é aquele que está em constante transformação, em movimento, buscando entender quem se é naquele momento, naquele dia, naquela situação. Somos diferentes a cada minuto, a cada segundo, a cada pensamento, a cada ideia não pensada, sentida, experienciada.

“Não tenho medo dos loucos, angustiados, depressivos, pessimistas. Tenho medo daqueles que se acham normais, felizes, satisfeitos.”

Quantas vezes não nos pegamos diferentes, inseridos em grupos que jamais imaginávamos de que faríamos parte? Por que isso acontece? Por que temos essa necessidade? Seria inato dos seres humanos? É interessante que isso ocorra,

Seguindo Adiante

porque em um grupo social, mesmo que nos identificamos, ainda somos únicos, com nossa própria identidade, com nosso modo de existir, pensar, representar. Há pessoas que conseguem até mudar a identidade de um determinado grupo, pelo simples fato de influenciar, através de si, a todos os demais, formando um terceiro grupo.

Pelo fato de sermos seres inesgotáveis, em que nada nos totaliza, com uma identidade infinita, e com pouco autoconhecimento sobre o que se é, ficamos estupefatos frente às ausências, às situações que não estão em nosso controle. Somos resistentes em entender que a vida que tem sentido é aquela que se vive pelas respostas dadas aos enigmas da existência. Existem coisas que são impossíveis de entender, como palavras que são impossíveis de dizer. Por isso, dizemos meias palavras, sentimos muito, falamos engasgados, com vários nós na garganta. O objetivo é equilibrar-se nos malabares da vida. A busca pelo sentido último também é uma das maiores necessidades humanas, e só existe porque nunca foi sentido, porque não existe. Se existisse, não haveria o porquê de buscá-lo, seria pleno, cabal em sua intuição. O que já existe não tem significado, pois já houve um significante, uma nomeação, porém, o que vem para existir se transforma, pois está cheio de significados daquilo que é novo, aprendido, elaborado, sentido.

Aprendemos com as experiências, com aquilo que engolimos e conseguimos digerir. Temos como exemplo o amor, que não é o que não é, que é o que é, que é falta, incerteza, dinamismo, transformações, continuidade, delírios, alucinações. Se não houvesse, dentro de nós, ausências já seríamos completos. Aliás, o amor não está dentro de nós, mas fora, afetando aquele que atravessa seu caminho.

“Deram meu nome, e, a partir daí, seria comigo transformar-me em meu nome, naquilo que sonhavam, que eu nem sabia o que me tornaria. O percurso do meu rosto me revela, ele se revela em sua tormenta, silêncio, mistério, ansiedade, do pouco a pouco ajuntado pela existência. Um dia, hei de ficar, não pelo nome, mas pela fotografia, pelo rosto gravado, pelos ajuntamentos.”

CAINDO, EM SI.

“Aos poucos, descongelo. Tenho sido muito para muitas pessoas, e esfriei ao ponto de me esquecer de mim. Nem sei mais quem sou de tão pouco que fui para mim.

Ultimamente, ando muito ocupado, chorando bastante, descongelando; construindo meu novo mundo, minha nova ilha.

Preciso, urgentemente, tirar o peso do mundo, que está todo atolado em meu peito, tenho de me afastar de expectativas frustradas, afastar-me daquele que, um dia, eu fui. ”

As dificuldades estão em tolerar os vazios, a realidade, verdades pessoais, entendendo que, no momento, não existe o próximo degrau, mas que sua ideia existe, e que a busca, o fará o degrau, que, quando se tornar degrau, seu significado será

pulverizado, criando novas ausências, ideias do próximo degrau, de outro degrau diferente, ainda não pensado, necessitado. O degrau eleva e nos leva ao pico da montanha, à solidão, a mais ausências, do mesmo modo à sabedoria, que projeta acima, que nos deixa solitários, querendo mais leite.

Lembremos de que, à frente, sempre existirá o desconhecido, o buraco negro que nos transforma e que provoca os vazios, aquilo que ainda não passou e que, em nossa fé, acreditaremos que irá passar. Essa fé não é no sentido religioso, mas naquilo que nos significa verdades. Penso que foi por isso que o filósofo alemão, Friedrich Nietzsche dizia que estamos caindo em um abismo, mas que devemos cair dançando.

A sensação é que devemos tornar definido o que hoje é indefinido, consciente o que é inconsciente e presente o que é futuro. Quando tudo se encaixa, é questão de tempo para que o certo, o desencaixe se transforme novamente em incerto, desencaixado, pois a vida é um grande cubo mágico! Tenho até a intuição de que o responsável pelo desencaixe é o próprio certo.

A realidade, cada vez mais, está sendo sublimada, encoberta com ideias perfeitas, mas não verdadeiras. Será tudo isso para nos defender da ideia que a vida é isso? Que odiar é humano? Pensar em matar pessoas é humano? Se sentir culpado é humano? Não conseguir controlar as emoções é

Seguindo Adiante

humano? O que é tudo isso, que verdadeiramente é humano?
Quem poderia ser considerado humano?

A VIDA NÃO SE APOSENTA.

“Os dias estão me passando.”

Parece-me que o poder da incerteza é maior do que o da certeza, seu tempo de sustentação é ilógico e desconexo, incompreensível à luz da consciência psíquica. Mas, também, como já se sabe que o universo está em constante expansão, o Homem não poderia ser diferente, aliás, o Homem não seria parte integrante do próprio movimento universal, como o corpo que não é separado da mente? Eu comparo essa sincronia, imperceptível, com o movimento da terra, que gira e se move, e nós, aqui presentes, não sentimos nada, apenas apreciamos pelos olhos o dia e a noite, o frio e o calor, advindos das estações do ano, os pássaros parados e os pássaros voando. Partes desses fatos foram provadas pelo grande cientista, Albert Einstein com sua teoria sobre a relatividade. Em uma ótica interna, não vejo tamanha diferença entre a expansão do espaço e de nosso mundo interno, já que

Seguindo Adiante

ambos não param de se transformarem, de passarem por novas experiências, são atemporais.

Em meio a essa loucura, que vai se costurando pelas beiradas do dia-a-dia, seguimos construindo um objeto interno que nos ajude a seguir adiante, proporcionando que seja, em fragmentos, algum significado, algo que, ao caminhar, sentimos que está valendo a pena, mesmo conscientes da incerteza, dos padrões de aceitação sociais que articulam a moral e a ética. Então, entre o sentimento de culpa por não fazer nada, e tentar seguir adiante, sempre será o melhor caminho seguir, não parar, continuar a experienciar o que ainda não foi experienciado, até porque os momentos de dificuldades são nada mais que novas experiências, novos sentimentos que devem ser clivados ao significado maior da vida, daquilo que ainda não sentimos, que prova valor.

“A vida não se aposenta!”

Em polvorosa, sentimentos se transformam em experiências, simbologias que servem para codificar os próximos passos da luta pela vida, descortinam os próximos degraus, construindo o que ainda não se construiu. Nesse escravismo de si mesmo, evitamos o desprazer, uma regra dos seres humanos a fim de manter sua sobrevivência, de buscar prazer, continuar a saborear a vida, de brincar com ela.

Porém, saber lidar com o desprazer, com pensamentos recorrentes de dor, é a maneira menos dolorosa de continuar a entender que as ideias que, muitas vezes, nos tomam a mente, que acreditamos ser aquilo que nos salvará, em sua forma, essas ideias eclodem de dentro de si uma verdade não verdadeira, apenas uma fantasia disfarçada de realidade, outra defesa, um deslocamento de energia.

Suportar, tanto a ideia, quanto o círculo em si é se modificar internamente, conflitar consigo mesmo, separar, cindir o que dificilmente será separado, tornar consciente o que está inconsciente, com o fim de diminuir, ao máximo, a dor do sofrimento humano, do peso da existência. O doutor Freud escreveu que “quando a dor de não estar vivendo for maior que o medo da mudança, a pessoa muda”. Quando nossos pensamentos esbarram com recordações penosas, que provocam sentimentos de desprazer, a tendência é fazer com que eles migrem para centros que geram prazer e não desprazer. A vantagem desse mecanismo é que a dor psíquica diminui, as coisas parecem que se ajeitam, quando, na verdade, estão sendo guardados naquele quarto escuro, no qual armazenamos nossas dificuldades, medos, angústias, pensamentos que não devem ser pensados, que nos levam à melancolia e ao desespero quando descobertos. A desvantagem é que, em alguma hora, esses pensamentos ultrapassam a barreira que conduz ao prazer, e surgem mais fortes, até porque foram reprimidos, recalçados, sublimados.

Seguindo Adiante

Do mesmo modo, seguindo o conceito da bioenergética, o corpo reage a tudo aquilo que sofre resistência. Um dia, ele evolui, desenvolve-se com o objetivo de superar a resistência imposta, surge como nunca se viu, vem à tona, com toda força, causando impacto, estrago que, por vezes, se transforma em patologias, como as síndromes do pânico, da melancolia, dos distúrbios de ansiedade, de esquizofrenia e outras formas demasiadas de sintomas e causas.

DE-CORAÇÃO

“Ainda bem que não vivemos em estado de graça. Se fosse assim, que graça teria?”

Nessa autópsia da vida, encarar o abismo dançando é melhor do que fingir que não está caindo, mas que está voando. Não somos feitos de aço, somos seres humanos, e ser humano é aprender, ao longo da existência, a amar, a odiar, a se conhecer, a gravar experiências, acumulando-as, decorando dentro de si o que já se passou na vida. Aliás, a palavra decorar, podemos significar como, decoração, isto é, quando decoramos alguma coisa é porque sentimentos foram construídos em uma simbologia pela qual conseguimos nos comunicar com coração, com outras pessoas ou com nós mesmos. O importante do decorar é que algo que foi importante ficou com a experiência, e que, em algum momento, poderá ser acessado, desenvolvido, excorporado,

Seguindo Adiante

transformado em algo ainda melhor. Por isso, importamos para dentro, introjetamos o objeto, a vida, decoramos nosso mundo interno.

Por conseguinte, todos esses movimentos, esses experimentos, criam, dentro do mundo interno, um caos, forma-se um emaranhado de coisas sem começo e fim, entrelaçando uns aos outros, em paralelos, em contínuos, e em intermitentes. Muitos paradoxos são formados, cisões são feitas, significados também constituídos e solidificados, como a solda que preenche ao ferro e une partes ainda mais fortes, porém, quando não polida, fica com sobreposições criadas pela fusão e pelo tamponamento. Nietzsche, em sua obra prima, “Assim Falava Zaratustra”, escreveu que “é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante”. Dissecando esse pensamento, saímos desse caos, como se tivéssemos trocado de pele, na ótica de se preparar para engendrar o próximo, esperando algo melhor, que gere mais sentido e prazer, como nesta obra, em que cada letra forma uma palavra, que forma um significado; em que cada frase e sentido ficam diferentes para aquele que os articula junto a suas narrativas. Temos outro exemplo, uma passagem, que vem das escrituras sagradas, descrito em Marcos, que conta “para que vocês saibam que o Filho do Homem tem, na Terra, autoridade para perdoar pecados” – disse ao paralítico – “eu digo a você: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. Ele se levantou, pegou a maca e saiu à vista de todos, que, atônitos,

glorificaram a Deus, dizendo: "Nunca vimos nada igual!". Essa passagem ilustra bem a condição de que a fala "levanta-te e anda" não serve como significante apenas para o movimento físico, para o paralisado levantar, mas para que aquele que está no caos, paralisado por suas incongruências afetivas, se dê conta, que é preciso seguir adiante, passando pelo que tem de passar, pois, apenas assim, a luz lhe chegará, o prazer tomará conta daquilo que, há muito tempo não era sentido profundamente. Essa passagem, olhando pelos vértices em que pode ser apresentada, é muito encantadora, pois evidenciamos também que são a fala, a linguagem, os símbolos que propulsionam o andar, o início de um novo pensamento, sendo esse provocativo. Outro ponto de destaque está no complemento da fala "pegue a sua maca e vá para casa", que também remete ao significado "retorno", ao lugar no qual se vive, isto é, que tem vida. Internamente, poderíamos dizer que o retorno a casa, seria a reconstrução de uma nova personalidade, o polimento da fusão da solda e ferro, de um novo ser que está em constante mutação, por vir, esperando seu nascimento. A casa seria o casulo, o local de recuperação, de retorno aos sentimentos mais profundos, múltiplos, mais singulares em cada pulsão. Fazendo uma análise, lembremos que em uma casa existem quartos, e que tais quartos, representam personagens que moram ali, que vivem em nosso mundo interno, e que se manifestam de acordo com que significamos. Vivem, dentro de nós, Deus e o Diabo, claro, que

Seguindo Adiante

vivendo em quartos diferentes, separados. Salta, também, aos olhos, o final da passagem, “Ele se levantou, pegou a maca e saiu à vista de todos, que, atônitos, glorificaram a Deus, dizendo: "Nunca vimos nada igual!". Temos, aqui, algumas coisas a analisar. Primeiro, observem que o fato de rompermos barreiras, à frente de outros seres humanos, edifica ainda mais a capacidade de energizar e reforçar o “algo” ou “alguém”, que serão os novos próximos objetos externos a que iremos nos apegar, pois tendemos a escolher os caminhos que darão rápidas e maiores recompensas no curto prazo, com um menor esforço, independente da conta que um dia chegará a ser paga no futuro, positiva ou negativa. Segundo, observamos, também, o entusiasmo de todos, seduzidos e encantados com o que acabou de acontecer, algo inusitado. Poderíamos até dizer que o círculo foi tão forte que aqueles que estavam ali não conseguiram suportar o que realmente estava acontecendo, movendo suas ideias como cascatas que jorravam fortemente sobre seus corpos, inundando e saturando tudo o que ali se encontrava, naquele momento, presente, pensante. A linha ficou tênue, entre amor, medo e esperança. Sem dúvida, naquele instante, surgiram, em várias mentes, delírios, pensamentos fantasiosos, tornando o drama mais potente. Do mesmo modo, estímulos negativos foram reprimidos por estímulos protetores, criadores de sentido e conectores de afetos, delírios, alucinações, que, juntos, criam

uma narrativa, cada um com seu drama, atuando como um constructo.

Acredito que, pelo simples fato de direcionar o aparelho de pensar pensamentos, visualizando a imagem ou a representatividade de alguém, com o objetivo de superar a si mesmo, um problema, uma dificuldade, um sofrimento ou dor, a mente fica em polvorosa, entusiasmada, contagiada pelos estímulos externos, os quais provocam reações internas fortes, que ajudam a clivar pensamentos e sentimentos em associações que contribuem para que o outro, ou aquele que entra nesse estado, se salve também, se cure, diminua os problemas e dores, causados pelo drama humano. “Se outros conseguem se superar, eu também posso, ou melhor, qualquer um pode desde que queira se levantar e continuar a andar”. Nesta fugaz reflexão, concluímos que vivemos, a todo o momento, imersos em sentimentos ambivalentes, no deleite de dialéticas que nos movem a escolher “o que” e “como” se direcionar frente ao mundo, a si mesmo e aos outros. Por isso, ao mesmo tempo em que estamos pensando algo de bom sobre alguém, podem surgir também, pensamentos ruins de inveja e ódio sobre a mesma pessoa. Contudo, o que importa, no fundo, é o sentido pelo qual a situação se desenvolve, como se transforma, como a digerimos ou a penhoramos em nossas camadas mais profundas, inconscientes e inconsistentes.

O SENTIDO ESTÁ NO INVISÍVEL

"Perguntas nos dão asas. Respostas nos dão a terra para caminhar."

Para haver sentido, é necessário descortinar o padrão do dia-a-dia com metas mais arrojadas, com decisões que propulsionam situações maiores do que as atuais. A própria palavra decisão tem, dentro de si, a palavra cisão, que significa cindir, partir, dividir. Decidir é cindir para escolher entre um ou outro, abrindo mão, sempre, de um algo por outro algo que desejamos e que esperamos que dê mais sentido, que seja a melhor opção, que nos deixe mais felizes. Por conseguinte, o fato de ser cisão já libera tensões, medo por algo que não possa dar certo, ou que será uma decisão errada. Porém, o sentido estará presente em toda cisão, mesmo naquelas de profunda dor interna, de crises e de sofrimento. O sentido está naquilo que nunca vimos, no invisível, naquilo que é representado e criado em nosso aparelho de pensar, em um funcionamento

normal de suas funções, tudo aquilo que afeta todo o corpo com suas descargas, provocando sentimentos, afetos, cicatrizes, cesuras internas que se manifestam por toda a vida, a cada hora, como fantasmas adormecidos, outrora, como crianças, bebês não nascidos.

“Mais resistente do que o aço, só a mente humana.”

Tem gente que não consegue nem abrir os olhos para ver determinados tipos de imagens ou fotos, pois seus significados foram simbolizados com algo que já existia e que, quando marcado, foi preconcebido como algo mau, ruim, que gera desprazer, dor, angústia, confusão. Em vários casos, com certeza, existe algum tipo de bloqueio que foi formado, a fim de impedir que a razão evidencie a realidade ou a própria verdade. Com isso, várias funções mentais são ativadas, tanto para tentar projetar o pensamento à realidade, como também, para sublimar e esconder aquilo que causa tanta dor e angústia. As duas funções são apenas funções, com um único objetivo: manter a sobrevivência daquele que habita o corpo. Por isso, o julgamento de outros seres humanos é um processo delicado. Muitas vezes, nem ele sabe o que está acontecendo, por que reage ou reagiu em determinada situação, por que perdeu o controle de si, e por que isso sempre acontece do mesmo modo, como se fosse um desejo inconsciente, compulsório, que força a repetição, por que ainda não se realizou, ou entra em outra faceta, foi elaborado pelas funções mentais de uma

Seguindo Adiante

maneira adequada, produtiva, ou também, distorce, por que está causando tanta dor, angústia, que chega em determinados momentos a sufocar o corpo, somatizando, perdendo o controle de si.

“Como o invisível machuca!

Saudade, Deus, Amor, Ódio, Culpa, Ansiedade,
Desespero...

Deus não existe, mas persiste. Saudade não tem nome. Amor é amor. Ódio, a maioria ainda não descobriu que nasce com ele. Culpa é a soma de nossas misérias. Ansiedade é vontade de ter valor, de existir para si mesmo. Desespero é o que aparece dentro de nós quando estamos lúcidos.”

A dor psíquica é representada pela angústia e pela ansiedade. Igualmente, a dor muscular se manifesta pelos processos inflamatórios, químicos e metabólicos. Os dois são processos diferentes, mas com um único fim: alertar o corpo de que algo não está legal, que ele está sofrendo e que as coisas precisam voltar ao funcionamento normal, funcional, reprodutivo, em estado positivo.

Quanto à primeira dor, a física, por muitas vezes estarem evidentes os sintomas e suas causas, se a perna dói, sabemos que a dor está na perna, diferentemente, da dor psíquica, que está inconsciente, isto é, se a mente dói, não

sabemos onde está a dor, sabemos que ela está causando o processo doloroso, manifestando-se através de sintomas já citados, de ansiedades, de angústias, de perda de sentido na vida, de desespero, de manifestações físicas relacionadas ao sistema imune, entre outras. "Os sintomas são atos prejudiciais ou, pelo menos, inúteis à vida da pessoa que, por vez, deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento." FREUD, Conferência XXXIII (1916-1917).

Para entender as causas, é necessário fazer um retorno às cicatrizes internas, pelas camadas mais profundas do aparelho mental, a fim de tentar compreender, para reelaborar o que está causando os sintomas, fortalecendo alguns pilares internos. Essa situação seria como se mudássemos uma cena no filme da nossa vida, como se reescrevêssemos o capítulo que não ficou legal, reprodutivo, ou conectado com toda a história, suas nuances e prazeres. Quando a filmagem não fica legal, editamos. Imagine seu pai, sentado sozinho em um cinema, assistindo o filme da sua vida, mas o filme que está gravado na mente dele, todas as suas cenas, tudo o que ele acha e já teve de contato com você, com sua vida. De repente, você entra no cinema, senta ao fundo e começa a assistir ao filme. Estupefato com o que vê, extasia, fica espantado, porque aquele filme, mesmo sendo da sua vida, está sendo passado de acordo com a ótica de seu pai, e não a da sua, mas o filme da sua vida é a mesma, todas as experiências, encontros, tudo que

Seguindo Adiante

passou, mas, visto pelo seu pai, pela visão dele, ele apenas relata ali, naquele filme, o que dele interpretou e gravou de você.

Você sai, entra em outra sala. Ali, está sentada uma mulher, sozinha, assistindo um filme, também o filme da sua vida, e essa mulher é sua mãe. Você, novamente, se senta ao fundo e percebe que o filme é também o seu mesmo, mas é diferente daquele do filme do seu pai, do seu próprio filme. Assustado, percebe que a vida e os momentos sempre foram os mesmos, tudo, tudo o que viveu, cada experiência, cada encontro; que, na ótica de sua mãe, era aquilo ali que se projetava. Percebe então, que cada um teve uma percepção, uma maneira de interpretar, de registrar, de engolir, digerir, de sensibilizar a vida. Você levanta lentamente, sai sem fazer barulho, abobalhado, sente um alívio, mas um alívio estranho porque sempre foi crente que sua vida era tal coisa e pronto. Esqueceu que, durante seu percurso, que cada ser humano é diferente, que cada um sente diferente, pensa diferente, age diferente, inclusive você. Relembra que, tanto você, como todos outros tem a capacidade de reescrever uma história, a de enxergar as nuances que não havia visto, as sensações, os momentos mais importantes, desfazer as culpas fantasiosas, desatar os nós mal sucedidos, viver uma outra vida, mesmo sendo a mesma vida, como se fosse uma vida dentro da outra, várias vidas, não negando a sua própria vida.

Leonardo Peracini

É nesse sentido que seguimos e que tentamos olhar ao profundo, nos lançando a mudar, a se transformar em algo de valor, que nos ajude a suportar a existência, nossas próprias histórias não editadas. Mesmo o sofrimento mais profundo pode ser repleto da mais profunda alegria. Não é porque tivemos cenas desagradáveis que as cortaremos de nosso filme. Nada disso! São elas que nos ajudaram a entender as maneiras de se fazer o filme, de viver.

O CONTINENTE E O CONTEÚDO.

“A dor serve para sentir, ela, e o outro.”

A matemática, antes de ser matemática, foi intuída pelos gregos, foi sentida, só depois transformada em símbolos lógicos, ilógicos e abstração. Ela está sendo uma das tentativas do homem em tentar desvendar o que seria a verdade absoluta. Qual o sentido último? Conseguindo esse feito, responderiam várias perguntas que atormentam a humanidade. Ainda continuamos a tentar, não sabemos se estamos próximos do que buscamos. A pergunta seria: essas respostas levariam a uma grande transformação humana? O que mudaria de um dia para o outro? Seríamos mais humanos? Inteligentes? Conscientes do que devemos fazer enquanto vivos?

Independente das respostas ou perguntas, entendemos que é necessário, antes de se perguntar, ou de responder algo, para si ou para os outros, sentir, intuir, presenciar dentro de si

as ausências de que estamos falando, os buracos que clamam por serem preenchidos. Todos têm seus questionamentos, suas ausências a serem preenchidas. Essas perguntas acima são feridas da humanidade, ausências coletivas, que se perpetuarão pela eternidade.

Quando ganhamos afeto, obtemos conhecimento. Este nasce da afetividade, daquilo que nos incomoda, que está faltando. De uma maneira singela, seria a união da ausência com a verdade, do continente com o conteúdo, o encontro com a verdade pessoal.

Um bebê, antes de chorar de fome, sente ausência de algo. Ele não consegue nomear o que está sentindo, ainda não possui essa capacidade, contudo, essa ausência cria um desconforto, uma frustração que é eliminada quando a falta é preenchida, seja com leite ou com uma fantasia criada. Em ambos os casos o campo simbólico se sustenta, seja pela fome saciada, seja pelo delírio. O que o bebê realmente deseja é o encontro com algo que elimine seu estado de frustração. E o que a mãe deseja, é que seu bebê elimine sua frustração. O desejo da mãe opera sobre o desejo do bebê, ela se torna o continente para o conteúdo não suportado pelo bebê. Quando isso acontece, o continente materno consegue amparar o conteúdo, surgindo um aumento do prazer interno de ambos e uma diminuição na frustração. Um diálogo empático entre duas pessoas tem o mesmo efeito. Um olhar sobre o outro tem

Seguindo Adiante

o mesmo efeito, aliás, quantos olhares já não foram lançados sobre nós em horas difíceis, e que serviram como esses continentes maternos, aliviando a dor? Em certas horas na vida, mesmo tendo à disposição, apenas um olhar, já é o suficiente para nos ajudar a suportar tantas frustrações, tantos desgostos. Quando perceber que alguém está em dor, primeiro olhe, pare, escute, depois fale.

"A existência é a tentativa da vida de saciar, de forma cabal, nossas faltas, que são constitutivas, criadas pelos desejos frustrados, que, quando vivos, nos impulsionam à dor essencial, à paixão delirante de sermos melhores do que somos mesmo sabendo que nunca seremos o que idealizamos".

UNIVERSO DE CORES

“Não tenho medo da vida. Tenho medo de sentir saudade.”

Um cego que nasceu cego também sonha como aqueles que enxergam, a diferença é que sua função simbólica e vias de transformações são um pouco diferentes. Nosso aparelho psíquico sonha por meio de imagens, representações, constrói narrativas através daquilo que sentimos. Você deve estar se perguntando: como um cego que nunca viu nada consegue sonhar? Para ele, a cor azul é diferente daquele que enxerga, isso é verdade, porém, os dois, tanto aquele que vê quanto o que não vê, conseguem, por meio de suas funções mentais, elaborar a cor azul, afinal, tenho a impressão que aqueles que enxergam têm suas cores azuis elaboradas diferente uns dos outros, isto é, o azul meu nunca é o azul seu, pois cada um tem seu azul, como seu pensamento. Se o cego, aquele nascido cego absoluto, enxergasse de uma hora para outra, após anos de cegueira, sua vida, no início, seria um inferno, pois seu aparelho simbólico entraria em pane quando recebesse todos os

Seguindo Adiante

estímulos visuais. Contudo, teria de reaprender, simbolizar novamente tudo o que durante sua vida cega simbolizou, como se tivesse que “resetar” seu cérebro e começar a escrever tudo de novo. Seria brutalmente doloroso e assustador.

A cor azul é uma representatividade simbólica de algo que o próprio ser humano criou, e que acredita que seria verdade, nomeando de azul, uma “coisa” que não tinha nome, e que agora tem. Nosso aparelho mental busca símbolos o tempo todo, dando nomes a eles, imagens, narrativas. Quando aprendemos que a cor azul se chama azul, começamos a conjecturar imagens, desenhos de azul com outras cores, formando ideias, misturando símbolos, construindo histórias.

Quando estamos sofrendo, entorpecidos, temos de nos esforçar para alterar a cor azul, modificá-la em outro contexto, misturá-la com outras cores, reconstruir nosso azul que, aos poucos, se tornou cinza, sem percebermos. Uma vida preta e branca é uma vida sem sentido, com poucas opções de cores para se usar na vida.

Se Depois de Eu Morrer, Quiserem Escrever a Minha
Biografia

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha
biografia,

Leonardo Peracini

Não há nada mais simples
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da
minha morte.
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as cousas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar,
porque nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um
acompanhamento de ver.
Compreendi que as cousas são reais e todas diferentes
umas das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o
pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las
todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

Alberto Caeiro, in "Poemas Inconjuntos"
Heterónimo de Fernando Pessoa

Seguindo Adiante

Toda ideia humana inicia na preconcepção de algo. Grande parte das teorias, das conjecturas de pensamentos escorre por caminhos metais alucinatórios, o que, na verdade, parece que precisamos sentir primeiro antes de pensar, sentir segurança, desejo em querer seguir, dar um próximo passo, isto é, nos passarmos primeiro de loucos, para depois elaborar a realidade. Contudo, querendo ou não, a vida segue, os pensamentos são pensados, outros pensam sozinhos, tudo continua e é contínuo em nossa existência. Do mesmo modo, lutamos inconscientes para decodificar a melhor saída, elaborar o que emocionalmente não estamos conseguindo, provocando uma batalha espartana com os inimigos internos, nossos fantasmas que se alimentam de nossos medos, angústias e ansiedades, pois somos um prato cheio para eles.

Talvez, esses são processos, petrificados ao longo do desenvolvimento humano, desde a sua origem, imortalizados, conduzam, por suas leis internas, uma caça contínua de desvendar algum quebra-cabeças, decodificar um símbolo, nomear os sentimentos, porque sempre estamos à procura. A teoria interna, os fatos externos servidos pelo mundo e o impacto e o confronto entre os dois, causam efeitos, sintomas, decisões, incertezas. Com efeito, sentimos na esperança de que algo se transforme e traga mais sentido, porque somos inocentes, pois nunca nos contentaremos com a efemeridade do sentido. Quando conseguimos quebrar as algemas invisíveis, que trazem a paralisia emocional, caminhamos e,

talvez, sentimos que estamos seguindo adiante. Sabemos que o tempo não resolve, mas sim o que se faz nele, mesmo sendo tudo incerto, fracassado. Esperamos que seja um fracasso brilhante, uma vez que, até nisso, temos a capacidade de nos sustentar, de fantasiar o que deveria ser.

Somos seres atemporais, com tempo programado de existência e inexistência. Tudo está conectado, os processos fisiológicos e mentais, tudo em uma única dinâmica, que cria acidentes e transforma, a cada segundo, a origem daquele que existe. Mesmo gêmeos idênticos são largamente diferentes uns dos outros, pois cada experiência, cada conexão, cada pensamento pensado e não pensado, traduz o próximo passo, isto é, tudo sendo incerto, porém, transformando incertezas em certezas, algo que se traduz, e que liga quantidades de situações às marcas emocionais, gravadas internamente, diferentes, separadas umas das outras, porém, ligadas, conectadas continuamente, sendo reprimidas em solicitações ou impulsionadas em outras, provocando dinâmicas certas, com um fim incerto. Vivemos atentos e nos defendendo, a fim de criar um acomodamento do aparelho mental. Quanto menos energia gasta em vias já existentes e utilizadas por ele, melhor. Temos um exemplo: observe os grandes executivos, aqueles e aquelas abarrotados de tarefas ao longo da semana, cheios de trabalho e problemas para resolver. Observe que, em sua maioria, eles, durante os finais de semana, procuram esportes radicais, a fim de manter a dinâmica exercitada

Seguindo Adiante

durante a semana, deixar aceso seu vício por endorfinas. Inconscientes, sua mente viciada busca nunca sair do padrão, mesmo já estando em níveis de estresse altos. É mais do que natural o ser humano se adaptar às situações e criar mecanismos para sustentá-las. É como disse Darwin: “os dinossauros se foram, mas as baratas continuam, vence o mais adaptável e não o mais forte e inteligente.” Tentamos agir assim durante toda a vida, cada um com seu processo mental, emocional, prazeroso, codificado e simbolizado durante sua existência. É uma correria só, apenas para se manter em vida, aliás, nem todos conseguem, estão no planeta só para fazerem peso. Outro exemplo são aqueles que, durante a semana, sentem grandes descargas de prazer pelo trabalho, em reuniões falam, decidem, exercitam a retórica, pois a oralidade é sua ferramenta mais potente, contudo, quando chega o final de semana, todo trabalho é interrompido, tudo para de uma só vez, porém, a fim de continuarem tentando manter o nível de prazer advindo da oralidade, comem excessivamente grandes quantidades de alimentos, ingerem tipos de comida que provoca prazer, consomem calorias acima do necessário, se deleitam em experiências emocionais pela via oral, parecem que estão mamando pela primeira vez, exercitam a via mental do mesmo modo como se estivessem em reuniões, falando, mostrando seus dotes retóricos e de tomadas de decisões, pois seu mundo é sua boca.

Leonardo Peracini

Essa dissonância entre o real e o mental, muitas vezes, é criada como mecanismo de proteção, que impede que estímulos reprimidos, que causam dores internas e provocam angústias cheguem à superfície, eclodindo e provocando descargas que abalam as vias que geram prazer e conforto emocional. Muitos não conseguem sustentar dois dias consigo mesmos. Aos domingos, bem próximo ao seu final, entram em dor psíquica, sentindo um vazio existencial, o que, na verdade, nada mais é do que um contato feito com as feridas internas, pela aproximação criada durante o estado de relaxamento. Seria como se as comportas do mundo interno fossem abertas, e suas feridas subissem abruptamente a superfície, se manifestando.

Verdades

Como é difícil falar.

Falar! Falar sobre as verdades,
Suas nuances e aspirações.

Palavras não capturam realidades,

São pequenas e insuportáveis.

Em polvorosa, são realidades,

Que são rosas,

Que brotam palavras.

Que simbolizam momentos profusos,

Seguindo Adiante

Não verdades.

Difícil encontrar palavras que descrevem verdades,
Mas impossível silenciar diante do não saber.

Entrelinha acima,
Se perfaz e insinua a realidade.
No interesse, inter-esse,
No estar entre, no meio, participando,
Transvestida talvez,
Sem palavras,
Ouvindo o silêncio verdadeiro.

Seu feixe devora o corpo e o saber.
Arranca pedaço ao pedaço.
Parte. Participa.
É cura quando suportada,
Delírio quando não significada.

Todavia, a fim de amenizar essa dor psíquica, conseguimos mexer nas feridas através de processos e técnicas que ajudam a remodelá-las, diminuindo seus efeitos negativos, pois, mesmo se manifestando, a mente tenta sempre fugir à dor, o que contribui para a eficácia desse processo. Sabemos que mexer nas feridas internas, em traumas, é mexer nas

verdades pessoais, sejam elas já conscientes ou inconscientes. O que se tenta é controlar uma inércia interna, metal, que está desestabilizada, acima da normalidade. Esse processo funciona como um machucado que deve ser esterilizado, lavado com água e sabão para que não apareçam infecções e se cure o mais rápido possível. Sabemos, também, que a cura completa nunca irá acontecer, a pele e as fibras danificadas nunca serão as mesmas, pois, algumas partes ficam até com cicatrizes aparentes aos olhos, que são levadas para toda a vida. Dessa maneira, transveste-se a verdade pessoal, mesmo tocando-a, e se aproximando, ela reproduz uma experiência emocional que, por sua vez, marca, afeta, grava algo que foi experimentado, consciente ou inconsciente, pensado ou fantasiado, transformando todo o meio, vias mentais, afetivas, que mudam porque foram feitas para mudar, e ficam mais resistentes à dor. Ficaríamos espantados se nada mudasse. Peter Gay, biógrafo do doutor Sigmund Freud, descreve em seu livro, “Freud: Uma vida para nosso tempo”, que Freud dizia: “A mente está sob o domínio do princípio da estabilidade, que ordena que ela descarregue estímulos desestabilizadores que a invadem de dentro ou de fora”. “É o princípio da inercia neurônica”, para usar a formulação técnica de Freud, “os neurônios tendem a se desfazer da Quantidade. ” Isso tudo porque o estado quiescente. De calma após a tempestade, dá prazer, e a mente procura o prazer ou (o que muitas vezes é a mesma coisa) foge à dor. Mas, a “fuga ao estímulo” não consegue explicar, por si

Seguindo Adiante

só, toda a atividade mental; o princípio da estabilidade é rompido sucessivamente em vários pontos. As lembranças, que desempenharam papel de tanto destaque no pensamento de Freud, tanto na sua época como posteriormente, acumulam-se na mente quando ela armazena estímulos. E mais: a mente, em busca de satisfações, tenta obtê-las agindo no mundo real – percebendo-o, raciocinando sobre ele e modificando-o de modo a fazê-lo ceder aos desejos persistentes.”

A transformação e o sentido último estão nesse emaranhado de incertezas e dor, na ponte entre a preconcepção e a concepção, na trama dos pensamentos, nas vitórias perigosas ou nas derrotas dos complexos internos, na tradução do inconsciente para o consciente, na confirmação dos desejos, diferentemente de suas teorias confirmadas. Contudo, essas palavras podem até parecer uma conversa entre eu e você, porém, não seria essa a intenção, mas a reprodução de algo que conceba e transforme aquele que toque essas provocações, afinal, ninguém tem o direito de desanimar só porque foi frustrado. O mundo não é aquela mãe que protege, que está sempre ali com seu seio transbordando, esperando o bebê a solicitar, que quando chora é acalmado, fazendo com que sinta prazer e segurança quando necessário. Por isso que mãe é tão valiosa.

AJUNTANDO PEDAÇOS

“Quando estou com você, agradeço, pois livrou-me de mim mesmo”

Como um ponto que inicia a criação da geometria, e que dá formas em todas as suas formas, é também o vazio, a autorreflexão, o processo de análise e o conhecimento do mundo interno e externo que supera os flagelos da contemporaneidade, provocando transformações humanas, mudanças de paradigmas, cisões necessárias, e reconfigurações de demasiados valores. A geometria não existe no mundo externo, apenas no interno, em nossas criações pensantes, nas associações desenvolvidas ao longo da existência humana, desenvolvida por séculos, por muitos humanos. Penso que apenas o ser humano conseguiria tal grau de profundidade, complexidade e sofisticação de tamanho pensamento, pois é o modo mais sofisticado da evolução, o pensamento abstrato. Sem dúvida, ela foi pensada, concebida, com o fim de facilitar, entender ou racionalizar algo que nos aproxima da verdade,

Seguindo Adiante

das perguntas que procuram respostas, com suas diferentes formas, que são criadas através da multiplicação e da sequência de vários pontos. Contudo, nessa analogia, constam também os seres humanos, acumuladores de formas, de seqüências lógicas que, a todo tempo, tentam reproduzir transformações que levem a algum sentido, que conforte uma dúvida, uma pergunta sem resposta. Um bom exemplo para evidenciar o que estou pensando é a separação, o rompimento afetivo de pessoas ou outro objeto querido, simbolizado. Por conseguinte, quando nos separamos de algo ou alguém, sentimos novamente, no momento de separação, todas as separações experienciadas em nossas vidas, todas as cisões, os desligamentos e as perdas já perpassadas em nosso corpo. Confusos, com efeito, nos perguntamos “o que” e “por que” tamanha dor e sofrimento nos arrebatam? O que está acontecendo? O que não entendo? Quanto desamparo! Por vezes, o arrojo desse impacto, causado pelo acúmulo de perdas é tamanho, que entramos em colapso, desespero, ficamos inconformados, sem forma, sem formas de reação e elaborações psíquicas emocionais. Com isso, nós nos projetamos ao abismo interno e nos debruçamos sobre nós mesmos, sobre aquele que conhecemos em parte; ficamos ajoelhados aos cantos das rochas construídas ao longo do tempo, formadas pelo processo de acumulação, de empilhamento que, mesmo construído pela e através da dor, que se defronta com nossa própria imagem, significado, que

Leonardo Peracini

eclode ali, mostra o que nos somos; pedaços de nós mesmos, com partes não concluídas, fragmentos do nada, feitas para encaixes, jogadas às beiras, mas que representam nosso todo, o todo incompleto, que é completo, que necessita de contínua expansão, são partes de nada, de conflitos, de vida que espera ser vivida, de partes que querem entrar em ação. O desligamento dos objetos externos e internos pulsa morte.

NIHIL

Nada sustenta no nada esta terra
Nada este ser que sou eu
Nada a beleza que o dia descerra
Nada a que a noite ascendeu
Nada esse sou que ilumina enquanto erra
Pelas estradas do breu
Nada o poema que em breve se encerra
E que do nada nasceu

—

O FIM DA VIDA

Conhece da humana lida
A sorte:
O único fim da vida

Seguindo Adiante

É a morte
E não há, depois da morte,
Mais nada.
Eis o que torna esta vida
Sagrada:
Ela é tudo e o resto, nada.

Nihil e O fim da vida

Por, Antonio Cicero Correia Lima, compositor, poeta,
filósofo e escritor brasileiro.

Ainda assim, quando a perda ou a separação é digna de seu valor, gentilmente, nesse momento, devemos libertar as lágrimas, aprisionadas entre os olhos, deixando escorrer livremente pelas deformidades da face, pelo momento alucinatório, de contato profundo com o mundo interno, que é singular, pessoal, individual, que luta sempre pela vida, pela sobrevivência de mais algum segundo, de mais uma brisa, de mais um erro.

Embora, nesse momento, não compreendendo o tempo, intuímos o sentido da existência, daquilo que não queremos que acabe. Cansados, deprimidos, algo ou alguém se manifesta em nosso interior, imagens pulsam em nossas mentes, narrativas acontecem, sentimentos sem nomeações nos entortam ainda mais, o corpo dança, eclode de sentido,

sofrimento, parece que tudo está se separando, parando, esperando a troca do objeto interno que se foi e que escorregou entre os dedos, que não voltará. Se voltar, o gozo não será mais o mesmo, a cara diferente, tudo será como não era antes.

Sem embargo, ilustramos esse contexto da geometria, como no exemplo, do ponto, que seria a separação, onde vários pontos formam uma linha, isto é, uma sequência acumulada de separações. Todavia, no momento, sentimos uma grande segurança, por já ter experimentado momentos e sentimentos como esse, ou, ficamos inseguros, muito abalados pelo fato de sentir novamente “aquela sensação”, que não superamos, aquele trauma que emerge com força, nos estremecendo o espírito, pulsando à superfície. Nada obstante, nesse momento, encontra-se a importância da transformação, entendimento de si, dos modelos de pensamentos, da superação de situações que, a princípio, parecem insuportáveis e irresolúveis.

Seguir adiante não significa passar uma borracha no que aconteceu, recalcar algo, sublimar, mas viver a dor e o prazer, porque é saudável serem vividos, sentidos, experienciados, já que eles fazem parte da vida e a vida deles. A vida é para ser vivida, e reviver é se transformar para construir mais um degrau no caminho da existência, empilhar partes, construir formas, separar partes, formarem outras, se deformar brilhantemente, mesmo que seja na mais profunda frustração.

Seguindo Adiante

Fazemos isso pelas de-cisões, pela escolha de continuar a viver, a sentir ainda mais o sabor do prazer, da alegria, do valer a pena, mesmo diante da dor interna mais profunda, das dissonâncias da vida, dos dissabores, do pó que flui, flutua e que não entendemos de que o mesmo é partes, partes da origem, daquilo que viemos, em que nos acidentamos casualmente, que reproduz a vida, que dá sentido, que provoca mudanças, expandindo as grandes verdades, dissecando mistérios, contornando crenças e dualidades, que cria música, que nos impulsiona a seguir mais um pouco, mesmo perplexos diante das mazelas que somos, que já vimos e de que fizemos partes. Estremecemos os lábios diante do desconhecido, choramos como bebês, com medo, inseguros, a idade cronológica segue, porém, a afetiva, a emocional reprime, decresce, retorna à infância. Esse descompasso transforma significados, esconde os fantasmas internos, faz esquecer, cria justificativas, culpabilidades, deformações, condensações e transferências ao mundo externo. Esse mundo externo atua como esfinge, dizendo-nos: decifra-me, senão te devoro. Esse mundo externo serve de chave, de acesso para entender o que acontece no mundo interno que, por sua vez, se torna mais real que o mundo externo, que dá vida aos nossos sonhos, que são reais, que pulsam, desejando nos projetar à frente, que nos conduz a buscar algo, a se transformar, a ter contato com a matéria humana, sabe-se lá por que, com qual função, objetivo, cada um de modo diferente, entretanto, todos regidos por leis

universais, misteriosas, que nos aproximam das verdades pessoais, de nós mesmos, de nossos nós.

Por conseguinte, em vez de encarar a própria verdade (realidade), criamos mecanismos de fuga, reprimimos e transferimos nossa libido para o que não deveria ser investido, investido em um cachorro, um celular, um trabalho, uma estética, outra pessoa, drogas, sexo, e assim por diante. Um exemplo clássico é aquele modelo de casal que conviveu durante anos, e depois da separação começam a fugir do contato de seus filhos, colocando a culpa no outro, não assumindo a responsabilidade, sempre dizendo e apontando que a culpa é do outro, de algo ou alguém, nunca de si próprios, pois assumir a responsabilidade seria ter capacidade de suportar a verdade, e ter contato com a verdade não é nada fácil, pois é necessário, antes, quebrar as ilusões conjecturadas até então, e isso dói. Como havíamos dito, fazemos de tudo para evitar as dores do mundo. Nosso objetivo é encontrar a fórmula para se viver em um estado de graça, inocentes que somos. Essa fuga, além de reprimir sentimentos, causam angústias e desesperos, como uma panela de pressão que, ao ser colocada ao fogo, dá a impressão de que uma hora vai explodir e acabar com tudo.

Entretanto, diferentemente das reações internas e das atitudes, para o mundo externo, tentamos mostrar que tudo está indo bem, recalcando os sentimentos e representando

Seguindo Adiante

estados de grandes euforias ou intensos dramas. Essa armadilha provoca ainda mais dor, pois o sentimento de culpa cresce pela fuga de si mesmo e por não conseguir encarar as situações. Isso também poderia ser um paradoxo, pois, por um lado, queremos reduzir ao máximo qualquer situação que gere alguma alta excitação, sentimentos de qualquer natureza, pulsões elevadas, instintos reprimidos, desligamos de muita coisa, pulsamos morte. Contudo, precisamos elevar tais pulsões e sentimentos a níveis acima do conforto que buscamos, a fim de deformar a atual forma, para, assim, transformá-la em algo mais forte e resistente, em que almejaríamos a um conforto maior e mais resistente a mudanças. Seria como ter de correr para melhorar nosso coração, elevando sua pulsação acima da zona de limiar, com o objetivo de estressá-lo em partes, concluindo que sua recuperação irá gerar mudanças estruturais cardíacas, pelas quais sua capacidade de força, complacência e plasticidade irá ficar mais eficaz, tornando, assim, o órgão mais forte e resistente aos impactos do dia-a-dia em que a frequência cardíaca tende a se elevar. O interessante é que corações fortes, quando estão em situações normais do dia-a-dia, fazem menos força para ejetar a quantidade ideal de sangue para o organismo, fazendo com que a frequência cardíaca fique em pulsações abaixo da média da normalidade. Coração assim pulsa vida, e, por isso, essa seria a pulsação de vida, que nos resgata de nós mesmos, de nossos nós. Todavia, esse outro

exemplo evidencia o efeito de super compensação, pela qual um órgão altera sua estrutura a fim de resistir às novas mudanças que podem ocorrer por estímulos internos ou externos. Com isso, ele trabalha na preventiva, sempre tentando aprimorar as capacidades que promovam maior adaptação. Perceba que um pombo selvagem tem seus ossos das asas mais pesados e fortes do que um pombo doméstico, pois ele precisa dessa resistência para conseguir alçar grandes voos por longos tempos. Diferentemente dos pombos domésticos que têm os ossos das pernas mais resistentes, fortes, para conseguir caminhar mais, pular de um graveto ao outro. Nenhum músculo irá hipertrofiar se não for estressado, nenhum osso irá fortificar se não houver estímulo externo. Quanto maior o sedentarismo, o conforto excitatório, maior serão as chances de perdas musculares ao longo da vida, maior será o risco de doenças. Nenhuma mente irá evoluir se não conseguir se entender com si própria. Veja que magnífico: a própria mente que adoece é curada por si mesma. Isso é humano. Temos a capacidade de conviver com partes nossas doentes e, ao mesmo tempo, com partes super saudáveis. O mais interessante é que as partes saudáveis, quando estimuladas, tratam as doentes, a mente humana vive assim.

“Conversação”

O tumulto no coração

Seguindo Adiante

faz um monte de perguntas.
Depois para e passa a dar respostas
no mesmo tom de voz.
Impossível ver a diferença.
Dessinocentes, as conversas começam,
e então envolvem os sentidos,
meio que pela metade.
Depois não há mais escolha,
depois não há mais sentido;
Até que some
a diferença entre o sentido e o nome.

Estupenda poeta, Elizabeth Bishop

Esse conceito da fisiologia é bem próximo àquele que estamos discutindo, que Freud intitulou em sua metapsicologia. A diferença é que, no caso das pulsões ou estímulos psíquicos, causados por algo novo, diferente, a excitação é contínua, repetitiva, pulsional e acumulativa, podendo se tornar em patologias quando não transformados em algum sentido, símbolo ou significado. Uma vida saudável é aquela que consegue lidar com as tramas da dimensão simbólica, aspirando patamares além do corpo, da rede física, transcendendo ao fim único dos símbolos, da significação, existindo além do que se pensa, superando modelos adquiridos, sem embargo, existindo como pessoa através da

construção de si mesma, da trituração das angústias, da revelação contínua, penetrável, daquilo que é real, como um espelho vivo, porém vazio. Assim sendo, por consequência, a própria angústia é causa de grandes dores da humanidade, que remete ao “abafamento” psicológico, causando ressentimentos, e, dessa forma, recorrências de sentimentos negativos são inevitáveis. Posto de tal maneira, isso se torna sentimento preso, resistente, pronto para ser reciclado ou transformado. Complementa Peter Gay na obra sobre Freud: “Desde a publicação de livros de etiqueta à proibição da nudez nas praias, da prescrição da obediência aos superiores à pregação do tabu do incesto, a cultura canaliza, limita e frustra o desejo. A pulsão sexual, como as outras pulsões primitivas, luta incansavelmente pela gratificação frente a proibições restritivas, muitas vezes, excessivas. O autoengano e a hipocrisia, que trocam as verdadeiras pelas boas razões, são os companheiros conscientes da repressão, negando necessidades apaixonadas em nome da concórdia familiar, da harmonia social ou da simples respeitabilidade. Negam essas necessidades, mas não podem destruí-las. Freud gostava da passagem de Nietzsche, citada por um de seus pacientes prediletos, o Homem dos Ratos: ‘Fiz isso’, diz minha Memória. ‘Não posso ter feito isso’, diz meu Orgulho, e mantém-se inexorável. No final – a Memória se rende’. O orgulho é o braço coercitivo da cultura, a memória é o relato sobre o desejo em pensamento e ação. Pode ser que o orgulho ganhe, mas o

Seguindo Adiante

desejo continua a ser a qualidade mais exigente da humanidade. Isso nos reconduz aos sonhos; eles demonstram à exaustão que o homem é o animal desejante. ”

Sonhos são anseios desprovidos de coragem
Desejos insolentes que a luz do dia
Encurrala no canto de nossa alma
E dali, apenas à noite ousam rastejar.

Arthur Schnitzler

Observemos os dependentes químicos, seu tratamento terapêutico, ou melhor, o tratamento específico de suas angústias, que são libertadas apenas quando eles decidem sair da vida que estão levando. Quantos jovens angustiados não conseguem conduzir seus sentimentos e tiram suas vidas a fim de não sentir mais o que estão sentindo. Em vista disso, encontramos, nas estatísticas, que cerca de um milhão de óbitos são registrados por ano no mundo. Com efeito, da mesma forma que limpamos nossas casas e nossos corpos, precisamos também limpar nosso interior. Se não tivéssemos o controle sobre o nosso corpo, com certeza, ele gostaria de morrer o quanto antes, a fim de evitar excitações, desperdícios de energias, caminhando, assim, sempre para a não excitação, o não gasto de energia, o retorno ao inorgânico, a um estado

de imobilidade absoluta ou, ironicamente, à felicidade cabal. Muitos se anestesiaram com a ideia de que, depois da morte, tudo se resolverá e que não haverá preocupações, dores, problemas, gastos energéticos como os de hoje, enquanto vivos. Esse movimento nada mais é do que uma negação da vida, de não suportá-la.

Para os problemas reais nós temos solução, diferentemente dos problemas imaginários. Como dizia Jacques Lacan: acordamos para continuar a dormir. Parafraseando, dormimos porque não suportamos grandes cargas de realidade.

Mesmo tentando não lutar contra a ideia de que a morte seria o descanso pleno, da não excitação, várias pessoas vivem aprisionadas em si mesmas, com suas conjecturas fantasiosas, mergulhados em ilusões, fugindo de situações que, mesmo com seus fantasmas internos e com os perseguidores, deveriam ser enfrentados, seguindo, mesmo com medo, pois não é digno do ser humano desistir de sua vida. A vida admite erros, mas somos nós com nossas neuroses que não admitimos que a vida erre, sendo a morte, nessa trama, o maior erro de todos. Sendo assim, acredita-se que fugir é mais fácil do que enfrentar, porque o nível excitatório das pulsões seria mais baixo durante a fuga do que o enfrentamento, o que não é uma verdade, pois uma fuga, que gera uma repressão de sentimentos, pode se tornar uma angústia profunda pelo represamento dos

Seguindo Adiante

pensamentos e fantasias advindos da saturação psíquica, transformando-se em um estado patológico. Uma vida, para ser saudável, precisa ser, a priori, indefinida, ser consciente de que tudo muda, sendo necessário entender que, quando se trata de ordens maiores, nada é certo. Por detrás de todo medo, ansiedade, desamparo e angústias existem desejos que se projetam e lutam para serem realizados. Alguns o serão, outros talvez nunca, pois ficarão congelados nas profundezas internas, podendo ser realizados por outros após nossa morte. Já percebeu que sempre, próximo à morte, pedimos que se realize o último desejo? Incrível, até mortos, desejamos desejar.

Quando não nos sentimos realizados, é porque desejos profundos não se realizam. Criamos assim as fantasias para dar conta dessa ausência, desse vazio interno que assombra. A fantasia se torna o enredo do desejo. A lucidez se apaga, fica pequena, do mesmo modo como o sentimos e que acontece o mesmo com o sentido de nossas vidas. Para viver intensamente lúcido, é necessário discernir o que é realidade e o que é fantasia. Porém, essa separação é algo impossível de se fazer constantemente, pois a maioria de nossos desejos são transvestidos com fantasias, embalagens que modificam o impacto na superfície consciente. Temos parte da consciência de nossas perversões, de desejos escandalosos, de coisas que gostaríamos de realizar, mas que sabemos que seriam proibidas, pois provocariam grandes desastres; contudo, nós os guardamos para nós mesmos, como fragmentos

instantâneos conscientes, que são diferentes desses desejos inconscientes, que são poderosos, fazendo-nos de escravos, buscando realizá-los a todo custo. Por exemplo, uma pessoa obesa talvez esteja obesa porque está com desejos descompensados, isto é, por seu desejo não se realizar, outras fontes de prazer atuam tentando amenizar. Pode também ser por um desejo voraz, deslocado, que consome tudo, alienando aquele que deseja, traçando tudo que vem pela frente, comida, sexo, dinheiro, trabalho, seu próprio corpo. Em vista disso, o enredo segue contado, simbolizado, consciente-inconsciente, causando prazer e dor, desejos e culpas.

PORQUE AS PESSOAS CHORAM EM
VELÓRIOS?

“Eu sofro de poema”

Da outra ponta do pavio, temos a colisão consigo mesmo, que pode ser propulsor de transformações. Como sempre nos provocava o brilhante psicanalista Dr. Luiz Milan Novaes, perguntando, por que o jacaré não tem medo de água? Por que uma pessoa, indo a um velório de um desconhecido, também chora? Para a primeira provocação, um jacaré não tem medo de água, porque ele já reconhece o que pode ou não comprometer sua sobrevivência, sua existência. O que cria medo é aquilo que é desconhecido e que pode acender algo de ruim, de desprazer, mortífero, que elimine algo. Colidir com si mesmo é se encontrar com o desconhecido, com a dor, com algo que pode, a priori, ser ruim, que conduz a desprazeres, porém também suscita, em sua marcha, transformações que sustentam ordens internas diferenciadas que levam à lucidez, à

suportabilidade da existência. Poderíamos ficar páginas inteiras nesta instigante provocação, mas seguimos adiante.

Referente à segunda provocação, por que pessoas que não têm afeto ou ligação com pessoas que estão sendo veladas choram em seus velórios? A resposta é bem objetiva e simples: porque as pessoas choram em velórios. Isso mesmo! Faz parte da ritualística de um velório chorar. Por isso que nos deparamos com situações que, a princípio, parecem estranhas e ficamos sem entendimentos porque esquecemos o fato de que vivemos com base em ritos, em padrões a serem seguidos. As pessoas têm de chorar em velórios. Os pais têm de dizer a seus filhos que eles são os mais lindos do mundo. Para inflamações na garganta tomam-se anti-inflamatórios. Esquecemos que quando se trata das dimensões humanas mais profundas, dos desejos inconscientes, das dissecações de camadas do ser humano, a coisa não é bem assim, como causa e efeito. Modelos não podem ser seguidos à regra. Nada é controlado. Tudo é incerto. Neste conjunto de pensamentos, lançados pelas páginas desta obra, nós nos deparamos com a náusea da atualidade, da liquidez exposta pelo filósofo Zygmunt Bauman, do mal estar da civilização apontado por Freud, dos demais pensadores que se dedicaram a esquadriñar esses fenômenos sociais que se ligam diretamente com as carências internas, suas dificuldades, dores, e falta de sentido na vida. Dessa forma, quando um filho cresce e a sociedade o discrimina, dizendo que é feio, partes internas de si se

Seguindo Adiante

conflitam, pois, quando criança, era o mais lindo de todo o mundo, agora, todos dizem que é feio. É a criança interna, conflitando com o adulto, com as fases das cesuras que formam a personalidade. No próprio velório, após alguns minutos, aquele que chorava porque tinha de seguir a ritualística do momento, conta piadas na roda ao lado, como se nada estivesse acontecendo. São sentimentos que, em questão de segundos, se alteram, modificam toda a estrutura, ou seja, uma fantasia ou ilusão toma conta por minutos, depois, a realidade se choca através das verdades, daquilo que se é. Consequentemente, esse abalo entre desejos, fantasias e desenvolvimento humano tem consequências que causam cisões, traumas, angústias, sentimentos ambivalentes. Contudo, dessa maneira, devemos, aqui também, julgar o efeito da dose-resposta, decidindo o quanto vale enfrentar e o quanto é importante fugir do que está causando impacto, tentando clivar as cisões que já foram causadas, ressignificando em sentido o que posteriormente se transformará em uma nova experiência de vida, em evolução humana, algo de primeira grandeza, ou continuar a fugir, fantasiando e seguindo a vida como os ponteiros de um relógio.

Nos liames da miséria humana, temos uma tendência em reduzir e superestimar muita coisa, principalmente no campo dos significados e símbolos. Observe a inércia humana quando se coloca luz no relacionamento entre duas pessoas. Inquestionavelmente, a maioria das pessoas pensa que ama

alguém, quando, na verdade, apenas precisa do outro para alimentar suas perversões, seus desejos. Pode parecer indigesto, mas o ser humano, que também ama, odeia. A questão principal se encontra à margem do desenvolvimento humano, de sua evolução. Hoje, mesmo as nossas margens mais profundas, ficamos carentes por não entendermos determinadas coisas, as reduzimos ou superestimamos. A margem, que digo, não é apenas a margem do conhecimento da humanidade, até porque ninguém é melhor do que ninguém, pois seria novamente reduzir algo ou alguém. Até mesmo aquele com menor capacidade, pode ensinar algo àquele com maior capacidade, já que nunca estaremos prontos para tudo, por sempre estarmos à margem do nosso conhecimento, de nossas capacidades humanas. Quando sentimos que mudamos, na verdade, não mudamos, porque estamos cada vez mais descobrindo quem somos, ficando parecidos com nós mesmos, com que realmente seria a coisa em si, aquilo que se é, que se descobre e que evolui a outro patamar, que se aproxima de seu próprio nome.

O que muda é a representação daquilo que foi descoberto. Um casal, no início de seu namoro, extasiados de paixão, tem dificuldades de ver realmente quem é a pessoa com quem se está iniciando algo. São duas pessoas em delírios, que podem, no futuro, dar certo ou não. Nunca saberemos se realmente um relacionamento pode dar certo. Quando o tempo passa, descobrimos coisas em nós e no outro de que

Seguindo Adiante

não sabíamos e que achávamos que não existiam, enquanto, sempre estiveram ali, e que agora se manifestam, pulsam. Alguns, diante de tamanha frustração, tentam mudar o outro, dizendo que, no início, não era assim, ficam inconformados, perdidos por não aceitarem a verdade. Por isso que o amor é raro, valioso, pois poucas pessoas têm sentimentos profundos, verdadeiros uns pelos outros. Amor é Amor! Amor é diferente de Amor!

“Sua barriga está cada dia maior, cresce que é uma beleza, beleza mesmo, só pode ser isso, pois não tem explicação tamanho mistério, é beleza.

Disseram-me que na décima quinta semana o bebê começa a ter sensibilidade à luz, já sei, essa luz só poderia estar entrando pelos olhos da mãe, que estão cada dia mais radiantes, leves, em plena graça, com olhar aveludado para tudo, penetrante, sensível, amoroso; deve ser isso, o amor de mãe querendo brotar, só pode ser, também, com dois corações, o que não brotaria né?

Confesso, foi inevitável, quando percebi já havia pensado: “coitado do menino, nem nasceu direito e a claridade de sentir a vida já começou a incomodar. Preciso ensiná-lo de que luz é algo com que se tem de ter sensibilidade, saber lidar bem, porque demais cega e de menos, cria doença”. Quando ele começar a ouvir, direi isso tudo, claro, ainda do lado de cá.

Leonardo Peracini

Nossa! Não vejo a hora de ele nascer para se livrar de mim. ”

VIDA, É COISA QUE PRECISA TOMAR
CUIDADO.

“Uma vez, um homem foi acusado de ser quem ele era, e foi
chamado de Aquele Homem”

Clarice Lispector

Vamos seguir adiante, e, para isso, antes gostaria de, gentilmente, de forma fugaz, esquadrinhar um conceito sobre revolta e revolução, que, talvez, possa servir como plataforma para o movimento da mensagem que anseio contagiar. Pois bem, a diferença entre revolta e revolução é que a revolta apenas gera pânico, paralisação e demência coletiva. Uma pessoa revoltada é aquela que sempre está resmungando o tempo todo, falando de tudo e todos, com uma perspectiva de que o mundo inteiro está errado, achando que alguém deveria

fazer alguma coisa para resolver seu problema, mas claro, nunca ela, pois seu pensamento é, na maioria das vezes, apequenado, fechado em si, já que, do mesmo modo, ela também prefere ficar sempre em sua posição egoísta, inerte, esperando que algum dia algo se resolva, que apareça um salvador, alguém que irá curar sua doença, seus problemas não resolvidos. O revoltado se alimenta de suas próprias queixas, fraquezas, medos, inseguranças.... Por isso, dá um monte de voltas em si mesmo, se re-volta, sem direção, caminha e não sai do lugar. Passa ano, entra ano e ela continua ali, no mesmo lugar, porém mais nervosa porque percebe que ainda não conseguiu parar de dar volta em si.

Revolução já soa até diferente em nossas mentes, pois, de início, seguindo a mesma linha de pensamento comparamos que *r-evolução*, é uma palavra de alento maior, que salta aos olhos, de forma cristalina em seu significado, que traduz “grande transformação, com movimentos recorrentes, contínuos em si, progressivos”, que gera evolução, que sobe e que tem asas, que evolui. Não é à toa que ela está fixada em marcos da humanidade! A Revolução Industrial poderia ser um deles, não aqui, no sentido de dizer que foi bom ou não esse momento na história, mas a profundidade da palavra, que denota uma evolução, algo que andou, mesmo com pernas tortas, mas caminhou em frente. Não seria minha intenção apenas chamar atenção para esse significado da palavra, mas que vale a pena fazer um adendo, citando que, por detrás dessa grande

Seguindo Adiante

revolução, existiram homens enérgicos, convictos de que as coisas deviam evoluir e ser diferentes. Os principais responsáveis foram Rockefeller, Vanderbilt, Carnegie, Astor, Ford, Edson e Morgan, protagonistas de uma visão diferenciada, contagiante, ousada, que entregaram ao planeta a mensagem de que não adianta apenas descobrir algo, é preciso colocar em prática o que se pensa e ter resistência emocional para enfrentar as mudanças, crenças e paradigmas fixados, romper limites individuais.

Sendo assim, desenlaçando o pensamento, o mais importante está em construir algo com aquilo que foi descoberto, com aquilo que foi traduzido, explicado, reconhecido, manifestado e compreendido. Um dos meus filósofos preferidos, já citados em minhas obras, o francês Jean-Paul Sartre, dizia que primeiro devemos descobrir o que fizeram de nós, para depois decidir o que vamos fazer com o “aquilo” que fizeram de nós, sendo o mais importante, decidir, mas decidir o que construir a partir daquilo que fizeram de nós, que, ao meu ponto de vista, é fascinante, pois essa reflexão nos convida a entender que o ser humano está Sendo, isto é, sempre em movimento, se transformando, remexendo o mistério da ação, do movimento interno e externo revolucionário, daquilo que conduz a mudança a algo que deve ser recriado, melhorado, reproduzido.

Toda revolução começa de dentro para fora, do mundo interno para o externo. Dessa forma, antes de mudar externamente é necessário assombrar as profundezas interiores, conduzindo-as ao maior convite que um ser humano poderia fazer a si mesmo: buscar a sua construção, seguindo adiante, ultrapassando limites jamais imaginados, ambicionando uma visão clara, acima da média, sem se deixar contagiar pelo espírito de revolta, e se embriagar pelo espírito da revolução, da ação, com uma postura alinhada e determinada a tal ponto que o sentido da vida se manifeste e se encontre com a própria vida, promovendo o que poderíamos chamar de “encontro”, aquilo que não teria nome, mas sentido, como a construção de si mesmo diante do caos, caos este que, certamente também nos dá a oportunidade de exprimir da vida o que realmente ela é.

“Ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso, a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravesse os tempos, a galinha existe. Mãe é para isso. – O ovo vive foragido por estar sempre adiantado demais para a sua época. – O ovo, por enquanto, será sempre revolucionário. – Ele vive dentro da galinha para que não o chamem de branco. O ovo é branco mesmo, mas não pode ser chamado de branco. Não porque isso faça mal a ele, mas as pessoas que chamam o ovo de branco e aquilo que é branco pode destruir a humanidade. Uma vez, um homem foi acusado de ser o que ele era, e foi chamado de Aquele Homem. Não tinham mentido: Ele era.

Seguindo Adiante

Mas, até hoje, ainda não nos recuperamos, uns após os outros. A lei geral para continuarmos vivo é: pode-se dizer “um rosto bonito”, mas quem disser “o rosto”, morre; por ter esgotado o assunto.” Isso foi escrito por Clarice Lispector.

O interessante é que tem gente que, para existir, precisa estar reunida. Poderíamos fazer uma comparação com nossos pensamentos que pensam que são pensamentos, quando, na verdade, não são verdadeiros pensamentos concretos, são apenas pensamentos, formas reunidas que constituem alguma coisa já formada, com casca, com uniões energéticas. Os pensamentos mais concretos, aqueles que verdadeiramente são pensamentos de última grandeza, novos por si só, não se unem antes para se tornarem algo a existir. Eles, com sua força, quebram o campo da união, das ligações repetitivas e entram no campo da abstração, no qual, imergidos em nada, e em tudo, saem após um lento e profundo mergulho em verdadeiros pensamentos sofisticados. Digo verdadeiros, sofisticados, porque eles se aproximam da verdade, do sentido. Após esse desnudamento, os pensamentos passam a existir como pensamentos autênticos, originais. Quem não pensa não existe mesmo reunido em grupos. Da mesma maneira, grupo que não pensa não existe. Quem não sente não existe. Antes de pensar, sentimos.

GENTE COTIDIANA

“Apenas uma faísca é necessária para acender um espírito alemão.”

Martin Heidegger

Sinto que estou preso a este livro, mas isto que escrevo não é bem um livro, pois cada palavra parece um ímã que me atrai mais. Sinto meu estado físico definhando em vários momentos, mas não consigo me libertar e repousar por alguns dias. Apesar disso, sei que enquanto não terminar, não estarei livre, pronto para repousar. Permaneço me embebedando da abstração que nasce em minhas intuições, daquilo que já descrevi em outras oportunidades, da “não-coisa”, do significado que pulsa e emerge sentido, daquilo que não sei o que é, mas sei que preciso realizar, afinal, o que seria de minha vida se não pudesse explorar minha profundidade, minha placenta? Tenho andado muito cansado fisicamente, meu corpo, ou melhor, este corpo que habito, vem insistindo, pedindo para que cuide dele, que pare e que viva como gente

Seguindo Adiante

cotidiana, gente que usa pijama, que assiste à televisão, que tem tempo para se alimentar direito e para jogar conversa fora, que tem tempo para viver a vida, para fazer amigos. O corpo pensa isso, eu não, porque sou constantemente massacrado por mim, e até tento fugir, mas sinto que estou sequestrado. Por isso, escrevo como se fosse para libertar alguém que, talvez, seja a minha própria vida.

Penso que viver o cotidiano é buscar a felicidade, a paz, o conforto, todavia, viver a loucura, a abstração, o desgaste é ter a oportunidade de se encontrar próximo ao sentido singular da vida, como um vício que nos deixa apaixonados, em plena vivacidade, mas presos e livres para escolher entre felicidade e sentido, entre o que é permitido e proibido. Não quero, aqui, fazer comparações, até porque não se compara uma coisa com outra, pois de acordo com meu ponto de vista, cada coisa, por mais que é parecida é apenas uma coisa em si. Mesmo sendo coisas, não são boas ou ruins, melhores ou piores, são coisas, são pensamentos ou metapensamentos, apenas são porque existem em algum lugar, no tempo, estão seguindo adiante, sendo o que poderiam ser, pulsando, talvez, como fantasias que, por detrás de seu véu, existe a representação psíquica do instinto, dos desejos... O que não quero é ficar dentro da coisa, gosto de entrar e sair. Acho que, por isso, não enlouqueço. Quanta coisa eu já perfurei e quanto já bebi! Teve horas que me sentia intoxicado. Continuo, porque tenho de continuar, o que deveria fazer a não ser isso? Sou daquele tipo que, quando

criança, quebrava castanhas no portal das portas, não para comer a castanha, mas para ver o que havia dentro. Faço isso até hoje, mas não com castanhas.

Vou desacelerar agora, pois sinto que a tinta está muito forte, seu cheiro está ardendo em meus olhos. Pegajosa, escorre entre meus dedos. Assim, neste estado, não conseguirei comunicar o que figura tem a dizer, e não estou a fim de comprar uma moldura cara para salvar este quadro, até porque, quadro de verdade não tem moldura. Tem gente que é assim, se vende pela moldura.

O RETORNO A PLACENTA

“Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.”

Clarice Lispector

Seguir o coração é fácil, seguir o cérebro é difícil. Há momentos em que o coração nos diz o que precisamos saber, porém, o cérebro sabe que não saber de algo é melhor, e mesmo pensando, esse algo nos direciona a evitá-lo. É por isso que pais demasiadamente preocupados não são suficientemente bons para seus filhos. Todos os pais erram com seus filhos, porém, é pelos erros que os filhos buscam o triunfo de suas vidas. Todas as falhas ou necessidades, acometidas no desenvolvimento infantil, constroem vazios internos, que os filhos tentam, durante a trajetória de sua existência, preencher, buscando eternamente o preenchimento completo, a plenitude do êxtase da vida, o gozo final. Muitos

mascaram esse mecanismo dizendo para si e para outras pessoas que estão buscando a felicidade e o sucesso, o que faz que, por sua vez, estejam buscando respostas, entendimento, buscando a si mesmos, suas placentas. Todo ser humano precisa de respostas, porém, respostas densas de se entender custam caro, são verdadeiros anagramas, labirintos complexos que perpetuam a vida. Em vista disso, muitas pessoas, por não conseguirem o êxito, abrem mão de seu caráter, da ética e da moral social, da própria vida, não da vida pela morte, mas pela vida não vivida, não consumada, não existida, definham em fantasias, não vivem momentos de lucidez, acordam e retornam a dormir.

Para existir, é preciso aprender a viver no intervalo, entre o que passou e o que está se preparando para nascer, é como se estivéssemos não pensando em que estamos pensando, ficando sobre a luz, na atenção flutuante, sem racionalizar o que não se pode racionalizar. É por isso que pensamento sem pensador é verdade. É por isso que vivemos correndo atrás de uma clivagem que nos torne um pensador, completos, pois os pensamentos e a verdade sempre existiram. É nós que não os suportamos, principalmente em situações extremas, de choques internos. Não conseguimos ser o instrumento, o pensador que vai se acoplar a um pensamento que desnuda uma verdade, a carcaça não aguenta o espírito, a fechadura da porta machuca ao ponto de explodir a castanha. Perceba a quantidade de fugas e sabotagens que apresentamos

Seguindo Adiante

em momentos nos quais nos aproximamos de alguma verdade. Quando buscamos ser alguém, na verdade, estamos nos preparando para nos engendrar em algo, com coisas que caiba dentro de nosso corpo, em nossas vidas, como parte de nossas histórias e narrativas. Isso acontece porque nascemos histórias.

“(…) ultimamente ando escrevendo muitos poemas, ou sei lá.

Acho que os poemas andam me escrevendo, não se preocupe, isso que falo é coisa de poema, aquela doença que havia comentado, que sofro de poema, lembra? Sei que sou muito vaidoso, mas sei também que sou. Não gosto de ser outro, acho meio brega, por isso existe coisa e não coisa dentro da gente; coisa já é, não-coisa é curiosa, se esconde, faz mistérios, é aquilo que está entre o nascimento do ovo e da galinha, que não é ovo e nem galinha, é a não-coisa. É quando sai um poema, correndo de dentro da gente, aquela narrativa que estava em carreirinha, acumulada em fila, como se houvesse liquidação dentro de nós, chama atenção; tem gente que logo percebe, e diz: - você tá com a coisa hoje. Pode esperar, a não-coisa está sendo batizada. Água por exemplo, prefiro a sentida do que a falada. Se pudesse chamaria as pessoas pelo seu sentido, pelas suas coisas: – quente, por favor, poderia me passar o café? – Ei, você aí que transborda, qual a próxima parada? – Meu querido, como está frio hoje, ou é você? Água, só entendi quando caía em meu corpo debaixo do chuveiro, macia, quentinha, saltante, escorregadia, lubrificante, me aveludava, placenta na certa!

Leonardo Peracini

Daí batizei essa não-coisa de uma coisa que chamam de água, mas oh, cada um tem sua água própria. Aliás, gente chove por dentro? Tempestade eu já vi fazer.”

O QUE HÁ DE MAIS NOVO NO AMOR?

“Quem não vê diferença entre alma e corpo carece de ambos.”

Nesta obra descubro meu narcisismo não evidenciado, meus pontos cegos, meus restos não analisados. Escrevo para isso e por isso. Ora científico, outrora, poético; ora eu, outrora não eu. São pontos que, quando se manifestam, transformam ligações de algo verdadeiro que, ao contrário daquelas ligações falsas, que parecem ligações, mas que, em seu cerne, não fazem conexão, e que são conexões porque estão dentro de mim, e sou isso, minhas gravidezes. Em seus aprofundamentos, mostram a superfície, algo que deixa a conclusão de que não são ligações, aquilo que achamos que é mas não é, que projetamos como certezas, como superfície sem sentido e que se transformam em frustrações, em movimentos não articulados com a metamorfose de uma dimensão mais elevada, abstrata certa, como aquele sentimento de criança machucada, ferida, não ouvida, que se manifesta em nós

adultos, nos conduzindo a movimentos depressivos, autodestrutivos. Somos assim, adultos-crianças; vivemos desse modo, sempre insistindo em nos perguntar: o que há de mais novo no amor? É claro, o amor. Perdemos tempo correndo atrás de respostas, enquanto, o que buscamos já existe. Achamos que para viver bem, é necessário acumular galhos e, com isso, nos esquecemos do tronco. Perambulamos parte da vida como pedaços de carne, com fome e sede de sentido, atormentados pela ebulição da vida contemporânea, do nada, das fotografias.

ANTES DE MOZART, ANTES DE
LEONARDO DA VINCE, ANTES DO ANTES.

“Só veem as belezas do mundo, aqueles que têm belezas dentro de si.”

Rubem Alves

Leonardo da Vinci e Mozart não se tornaram o que se tornaram simplesmente porque deveriam se tornar. Aliás, Mozart quando criança, tocava de uma forma espetacular, mas não em seus moldes, em sua matéria exprimida, ele apenas usava padrões os quais aprendeu com seus mestres, seus motivadores. Mozart se elevou, virou quem é quando começou a exprimir verdadeiramente suas obras com seu próprio sangue, com seu modo de funcionar, com as descobertas de si mesmo, com suas neuroses triturando a voracidade de seus desejos mais profundos. Tornou-se não Mozart para si, mas Mozart para o mundo. Se escutarmos uma de suas últimas

músicas e a compararmos com as primeiras, podemos observar uma grande diferença entre uma e outra, ambas magníficas. Ao final de sua vida, seu mel era mais puro do que nunca, seu fogo queimava mais do que fogo, suas lâminas cortavam mais do que lâminas, seu jeito de funcionar atingiu o ápice, o que o fez morrer como Mozart, como Aquele Homem, aquele que foi o que se é e que nunca mais se apagará. Do mesmo modo, Leonardo da Vinci com suas pinturas, entregando uma Monalisa inacabada, que ficou acabada, porque, para se tornar Monalisa, precisa ser assim, pois se não fosse assim, provavelmente não seria Monalisa. Leonardo e Mozart consumiram sua vida com muita vida, viveram momentos espetaculares, estudaram e experienciaram verdades profundas, não ainda pensadas. Foram grandes pensadores, românticos, intrigantes, insaciáveis pelo sabor e sentido da vida, aquele tipo de humano insatisfeito, que devora a si mesmo quando vive. Esse intervalo, essa faixa existencial dinâmica é o complexo completo do vazio que se enche e que se esvazia pela desconstrução e construção da sobreposição de uma manifestação que signifique alguma coisa, algo que faça valer a pena, que exista para nós, mesmo não existindo para outrem. Clarice dizia que arte não é liberdade, é libertação. Que não é pureza é purificação. Rubem Alves dizia:

“Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno. Não haverá borboletas se a vida não passar por longas

Seguindo Adiante

e silenciosas metamorfoses. Contudo, nós não vemos o que vemos, nós vemos o que somos. Só veem as belezas do mundo, aqueles que têm belezas dentro de si. Tem razão o poeta: “O amor é a coisa mais triste quando se desfaz”. É triste por causa do retrato: porque ele faz lembrar uma felicidade que se teve e que não se tem mais. O retrato é uma sepultura. Portanto, eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos. ”.

NÃO EXISTE FIM, SE EXISTE VIDA.

“Quem ama nunca está longe! Como posso estar longe de quem está dentro de mim?”

Padre Léo

Todo mundo morre, mas nem todos aprendem a morrer. Quando descobrimos em que nos tornamos, conseguimos, diante do prisma da existência, enxergar que estamos prestes a iniciar alguma obra, alguma coisa que faça sentido, que reduza a dor de viver, do vazio existencial. Contudo, o intervalo, a faixa existencial a qual foi dita anteriormente, representa o caminho, o meio, aquilo que acalenta, de maneira fragmentada e fugaz, os passos que devemos percorrer na incerteza. Esse nascimento ou superação de si mesmo é uma atitude positiva frente à vida, que amplifica a visão de vida e morte, de ódio e amor, de saber e sabor, de ter a liberdade de escolha e de aceitar escolher

Seguindo Adiante

depois de algum movimento do destino. No entanto, o intervalo é o dinamizador daquilo que achamos que devemos buscar, daquilo que acreditamos que está fazendo sentido. Em síntese, viver é um ato de fé. Não existe felicidade para quem busca felicidade. Precisamos de problemas, tédio, pecados e delírios para superá-los, a fim de provarmos o tempo todo de que estamos vivos.

A felicidade, que a sociedade hoje pinta, não tem graça, pois tudo é frouxo, frágil, compassado, isto é, a felicidade seria muito chata se fosse assim, o que, ao meu ponto de vista não chamaria de felicidade, mas penso eu, de fuga da realidade, de conseguir entender que o medo, a infelicidade e o ódio fazem parte da felicidade, da vida. O intervalo é o caminho, portanto, existem vários a escolher. O caminho mais agradável, fácil. O caminho mais difícil. O caminho que os outros esperam. O caminho que nós gostaríamos que fosse. Entre os caminhos, existe o caminho do sentido, aquele que nos move a viver em pleno entusiasmo, conjecturando fantasias e assimilando realidades em uma única resposta, desenvolvendo, em si, uma capacidade de plasmá-los e, com isso, seguir adiante, mesmo, talvez, não encontrando o que se busca, conscientes, também, de que é possível de que nunca será encontrado, e não entendendo o porquê de a estarmos buscando.

Todavia, escolher seguir adiante é uma escolha individual, porém, você poderá até dar a sua opinião, mas não

conseguirá mudar o seu próprio sabor, seu destino, que é levar consigo milhares de anos, de questões ancestrais. O medo sempre existiu, as angústias e as dores humanas do mesmo modo. Nada está sendo inventado, e vivemos acudados porque não sabemos de nada, não temos respostas para as perguntas mais simples, sabemos mais que outros animais. Por isso, angustiamos, mas não sabemos o quanto necessitamos saber. Fantasiamos por não saber, fragmentamos pensamentos, ou melhor, como já dito, alucinamos por não saber, por não conseguir suportar verdades, pensamentos mais profundos, complexos arcaicos, existentes e engendrados na humanidade. Se pararmos para refletir, não sabemos nem de onde viemos, o que estamos levando, carregando dentro de nós.

Seguimos como reprodutores de sentido, de ilusões, de histórias não contadas. Os significados são construídos, alguns de maneira bruta, entregues pela vida, outros, criados através da vida. Nietzsche dizia que aquele que vive pelo significado é aquele que vive uma vida de ressentimentos, de dramas, pois não consegue suportar que a vida é uma tragédia, algo sem sentido, que não tem nenhum fim espetacular. Mas, dizia também que, mesmo diante deste abismo, deste caos, vale a pena viver. Charles Darwin dizia que o homem está aqui, perdido, trombando uns aos outros, porém se transformando porque essa é a dinâmica do universo. Para quem não aceita os modelos de pensamentos complexos, das profundezas, é necessário criar ilusões, fantasias, universos inteiros de teorias

Seguindo Adiante

que servem de amortecimento, de máscaras, pano de fundo, a fim de atenuarem as dores da vida, do viver, do simplesmente suportar quem se é e anulando sua própria vida.

O que é a vida? Elucidamos grandes e magníficos artistas que escolheram um caminho de dor, os quais conseguiram construir suas memoráveis obras, e que, do mesmo modo, não diferente de muitos seres humanos, se viam, durante algum período, perdidos, sem a dose adequada de sentido em suas vidas, não conseguindo suportar o peso da existência. Uns, em momentos de desespero e de dor decidiram tirar suas próprias vidas, dizendo não à dor incessante, eterna, à contínua infelicidade humana, a angústia de ter de continuar a caminhar, acreditando que escolher o caminho da morte seria pôr fim a todo sofrimento, a toda incompreensão e dinâmica do vazio adulto-infantil-primitivo. Essa decisão, de acabar com tudo, não é uma decisão de escolher um caminho, mas uma escolha de não mais seguir adiante, pautada em desespero, na negação da vida. Por outro lado, tentando descortinar e compreender o que poderia levar um ser humano de tamanha elevação e magnitude a um fim tão trágico como esse: será que eles eram belos demais para este mundo? Será que vieram em um tempo diferente? Será que as luzes do seu conhecimento os cegaram? Será que sua dimensão biológica não suportou tamanha potência? Será que acharam que deveriam ter sucesso durante toda a vida?

Leonardo Peracini

Tire suas mãos de mim
Que eu não pertenço a você
Não é me dominando assim
Que você vai me entender
Eu posso estar sozinho
Mas eu sei muito bem onde estou
Você pode até duvidar
Acho que isso não é amor

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?

Nos perderemos entre monstros
Da nossa própria criação
Serão noites inteiras
Talvez por medo da escuridão
Ficaremos acordados
Imaginando alguma solução
Pra que esse nosso egoísmo
Não destrua nosso coração

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?

Seguindo Adiante

Será que vamos conseguir vencer?

Brigar pra quê
Se é sem querer
Quem é que vai nos proteger?
Será que vamos ter
Que responder
Pelos erros a mais
Eu e você?

Música: Será - Legião Urbana

Sabe, aquele momento em que nos encontramos com alguém em demasiada dor, em sofrimento, em cegueira, perdidos na vida sem saber o que fazer, e conseguimos, no momento, assumir o papel de continente, a fim de exprimir todo o conteúdo daquele ou daquela que está cruzando nossas vidas, contribuindo no redirecionamento de seu caminho? Então, certa vez, escutei uma história de um grande professor, que dizia que existia uma menina em sua escola, com aproximadamente doze anos de idade, e que se destacava dos seus outros coleguinhas de turma, mas não pelo seu conhecimento aprofundado, mas, sim, pelas suas vestimentas. Ela era daquele tipo extravagante, que usava roupas apertadas, pequenas, sensuais demais para sua idade, em que, eu acredito que ela tinha como objetivo ser notada, chamar a atenção de

todos, gritando inconscientemente: “Eu existo, por favor, me notem! ”. Tal professor, incomodado com a situação, convidou a jovem para uma conversa, que foi mais ou menos assim:

Professor: Você tem notado que suas vestimentas estão um pouco sensuais para sua idade, o que, por vezes, está causando uma euforia desnecessária no colégio. Sei que sua beleza é algo que deve ser valorizada, até porque você é linda, mas penso que poderia ser de outra forma, com roupas mais próximas da sua idade, mais discretas. O que você acha?

Jovem: Não, professor! Eu sou assim, essa é minha personalidade, não me peça para não ser quem eu sou.

Professor: Minha querida. Não estou dizendo para você não ser o que você é. Em momento algum, pensei nisso. Desculpe-me se não consegui ser eficaz em minha comunicação. Mas, vamos lá, vou tentar outra vez.

Jovem: Professor, eu entendi, sim, o que você quis dizer, não irei mudar. Aproveito até para dizer que irei continuar a vir assim, se quiser, me expulse do colégio.

O professor, observando aquela jovem, que demonstrava uma postura muito fechada, reativa, que evidenciava em seu olhar uma profunda dor, que parecia que estava asfixiada por algo que incomodava de tal maneira que a fazia não escutar nada, apenas se fechar e continuar com o

Seguindo Adiante

torpor de angústia. Contudo, aquele professor era realmente um professor, e ele sabia por onde costurar, pois sabia que seu continente conseguia suportar aquele conteúdo, suas palavras eram sons que formavam uma grandiosa sinfonia naqueles que, mesmo não querendo ouvir, escutavam a música se formando.

Professor: Minha querida. Seria indelicadeza da minha parte querer provocar sentimentos em você que a façam desistir de seus estudos aqui em nosso colégio, aliás, penso que posso lhe ajudar muito a conquistar seus tão almejados sonhos, afinal, meu propósito como professor é caminhar ao seu lado, indicando e construindo o melhor caminho. A sua realização será a minha no futuro, pois é dessa matéria que eu me alimento.

Jovem: Professor, já que você está querendo saber o porquê de eu me vestir assim e quais são meus sonhos, irei contá-los.

Professor: Pois não, meu bem.

Jovem: Eu me visto assim, sabe por quê? Porque eu quero ser uma prostituta, uma bela de uma prostituta! E, vou lhe falar mais, não quero ser uma prostituta dessas favelas aqui ao lado, quero ser uma prostituta em Brasília, daquelas de luxo, bem requintadas! Quero comer nos melhores restaurantes, vestir as melhores roupas, viajar muito e ficar ao lado dos homens mais poderosos desse país. Quero ser notada, invejada, e fazer muito sucesso em minha vida.

Aquele professor, experiente em sua profissão, ficou assombrado com as palavras daquela jovem de doze anos. Por alguns segundos, ele entrou em devaneios, pensando o que diria na devolutiva, o que seria que ele, ali, naquele momento poderia absorver daqueles pensamentos, que foram, ao longo dos anos, engendrados de dor. Qual seria a melhor abordagem de mostrar o caminho mais adequado e, ao mesmo tempo, não desperdiçar nada daquela voracidade que a jovem exprimia. E, de repente, um vazio se instalou na mente daquele homem. Os segundos que se passavam pareciam horas, sua temperatura começou a subir, seus olhos dilataram e seu coração batia como o de um pássaro aprisionado em uma gaiola, parecia que seu corpo estava desesperado, caindo em um abismo, mas, ao mesmo tempo, usando de todos seus recursos para encontrar o que faltava, o que iria preencher aquele vazio, aquele pensamento ainda pensado pelo pensador, aquela verdade que iria modificar uma rota, uma vida. Como em um passe de mágica, a ideia encontra o vazio, o pensamento, eureka! O Professor, então, aliviado, sai daquela posição de assombro, daquele torpor de ansiedade e desespero e retorna mais forte, renovado, com sua face mais tranquila, serena, sentindo-se vitorioso e orgulhoso de si, pois conseguiu novamente usar a sua maior potência como professor, conseguir pensar! Fisiologicamente, seu corpo se deleita no sabor do pós-pensamento, da bagunça que foi criada, e que, agora, após essa supercomensação, retorna a homeostasia interna, pronto para

Seguindo Adiante

dar mais um retoque em seu quadro da existência e revolucionar outra vida.

Professor: Querida, olhe para mim, dentro dos meus olhos, sem preconceitos e paradigmas, eu quero lhe dizer uma coisa: eu posso lhe ajudar e muito!

Agora foi a vez de aquela menina ficar extasiada, pois, pela sua lógica, ela esperava que seu conteúdo não fosse suportado pelo continente daquele professor. Mas, ela se esqueceu de que aquele professor já havia seguido muito em seu caminho, que seu título de professor não era por acaso. Então, frente a todo esse drama, aquele contexto de sintonia e conexão resolveu escutá-lo, só que desta vez mais calma, de forma curiosa, ativa, interpretando cada palavra manifestada, cada pensamento antecipado. Sua atenção era tamanha que, naquele momento, naqueles segundos humanos, e não segundos de um relógio, seu corpo chorava, mas, ao mesmo tempo, via em sua frente algo que poderia diminuir a dor que só ela sentia e que só ela saboreava em cada pensamento, em sentimentos que pulsavam frequentemente. Agora, pronta para receber o que iria jorrar daquele Homem, aquela jovem começa a sentir o significado da palavra esperar. Então, o professor assume as rédeas e continua:

Professor: Minha querida, vou lhe ajudar a realizar seu sonho, porque penso que meu papel será muito importante nele, pois, para você sentar a mesa com pessoas do alto escalão,

informadas e estudiosas, você deverá aprender muito bem o português, já que ninguém irá querer tê-la ao lado falando errado, até porque seria um marketing negativo para a figura daquela autoridade. Com certeza, não daria certo. Penso, também, que irei lhe ajudar com a matemática, afinal, você irá precisar aprender a calcular muito bem seu dinheiro, assim, ninguém lhe passará para trás, e você terá dinheiro de sobra para comprar suas roupas de grife, além de economizar e garantir seu futuro quando não mais conseguir trabalhar como prostituta. Terei também de ajudá-la com a história do nosso país, até porque, a cidade que você escolheu é a nossa capital, e todas as pessoas que lá residem, por mais que não sejam políticos ou estejam envolvidos com alguma mudança relacionada ao nosso país, elas já são sensibilizadas pelas raízes da história, contudo, a história será uma matéria em que iremos nos aprofundar muito, reafirmando que, em seus encontros e jantares nos belos restaurantes, você deverá também falar, e falar algo importante para conseguir conquistar clientes mais poderosos. Enfim, minha jovem, penso que irei contribuir muito com a realização de seu sonho, o que hoje, não será mais seu, mas, sim, meu também. Lembro-me até do grande poeta e cantor Raul Seixas, que dizia: “Um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”, essa então será a nossa meta, tornar realidade aquilo que hoje estamos sonhando, você topa?

Seguindo Adiante

Trinta anos depois, aquele professor ainda vive, hoje, aposentado, mas feliz por ter conseguido consumir a sua vida, por ter tido tantas oportunidades de manifestar seu sentido, contente por conseguir chegar aonde chegou, e mais, orgulhoso não pelas suas centenas de títulos, mas pelo fato de morrer como professor. Porém, inesperadamente, após tantos dias de vida vivida, ele passando com seu carro por uma Avenida de São Paulo, vê uma clínica médica gigante, linda, com uma bela e imponente placa, no qual estava escrito em letras garrafais o nome daquela menina que queria se tornar prostituta. Aquele professor, ao ver o que tinha visto, fica cego de visão, pois sua alma se iluminou de tal maneira que refletiu um brilho intenso em seus olhos, sendo esse brilho projetado por aquela mesma força que foi sentida após o encontro daquele vazio com a ideia que se manifestou em algo grandioso, diferente, não ainda sentido, não pensado, em um sentimento que se transformou em pensamento e que trouxe à tona toda aquela mudança de rota provocada há trinta anos naquele estupendo encontro. Por conseguinte, a face daquele homem, humano, professor, cicatrizada pelo tempo, demonstra uma vivacidade ainda não sentida em seu caminho. Seu corpo dançou uma música perfeita, que nunca foi dançada, seu passado vira futuro, seu futuro se entrelaça e se agarra mais uma vez no sentido da vida, seus vazios por segundos são preenchidos, sua vida tem mais vida, seu momento foi apenas um momento, que só ele, naquele momento, sabe o quanto

significou de alimento para seu espírito. Ali, naquela hora, extasiado pelo impacto da situação, o conteúdo da menina-médica transbordava no continente daquele professor que, assombrado novamente, amplifica naturalmente seu continente, a fim de se preparar para um conteúdo de tamanha envergadura e, com isso, ele se eleva e se torna Aquele professor.

Esta jovem, hoje, é uma das mais conceituadas e respeitadas médicas do nosso país. E, aquele professor ainda continua a ser professor. E, eu, sempre serei seu grande admirador.

SE NÃO DOMINAR, SERÁ DOMINADO.

“Toda história de uma pessoa é a história de seu fracasso”

Clarice Lispector.

O tempo é algo que, atualmente, anda confundindo muito o ser humano. Nos dias atuais, aquele que não realiza algo grandioso, que não consegue agregar valor a sua vida o tempo todo é pautado como fracassado, como um mau pai, mãe, um mau cidadão, improdutivo. Criam-se arquétipos que moldam personalidades conflitantes, com sentimentos atormentadores, que causam não só a si dores profundas internas, como também, modificam o meio externo através do contato com outras personalidades. Nessa circulação, se faz Darwin novamente, uns trombandos com outros, modificando aqueles que estão sucessíveis a mudanças ou, até, esperando alguém para modificá-los, e outros, do outro lado da ponte, observando e atuando frente às modificações criadas por aqueles que, incontroláveis, inconscientes, modificam o meio a fim de sentirem prazer, realizados, apenas por reproduzirem

algo que seja confuso, sem nexos, sem sentido, mas que fantasie algum significado, apenas algo, algo que existe porque foi impactado, porque é assim que o universo funciona, evolui ou regride, e como pauta grupos de cientistas. Ataques coletivos nos dizem que, a todo tempo, temos de ter sucesso, eficácia; que devemos fazer isso ou aquilo, vestir tal roupa ou usar tal acessório. Esse movimento, mecânica humana, na realidade, cria uma experiência abstrata, de fantasia nova, porém retrógrada, que deixa obscura os porquês do sentido e dos significados, de tal modo que se ascende abruptamente o sentimento de solidão naqueles que vivem nesta e através desta superfície flagelar. O amor e a solidão nunca estiveram tão próximos como nos tempos de hoje. Com efeito, esse pensamento é diferente daquele dos artistas citados, que tem profundidades abissais quando comparado a esse modelo, sendo ainda opostas em suas dissertações, porém, com momentos de aglutinações. Você deve estar pensando que, de um lado, quanto de outro, estamos fadados à infelicidade, com fins trágicos e fantasmagóricos, mas fique tranquilo, pois tudo é questão do ponto de vista ou do ângulo observado. Se encararmos de modo infantil, sim, porém, de maneira evolutiva, não, pois sabemos que essa é a cara da vida mesmo, que vamos falhar em algum dia, experimentar sentimentos nunca experienciados, que ficaremos confusos sem saber o que deveríamos saber; que tomaremos decisões erradas e que, em algum momento, seremos egoístas ao ponto de nos

Seguindo Adiante

impregnarmos de um narcisismo obsessivo, saturado, doloroso ou, ao contrário, nos tornaremos generosos demais, dispostos a absorver as dores do mundo, achando, com essa fantasia, de que estamos em uma posição superior aos demais, o que, na verdade, é a mesma coisa, uma posição que parece ser flexível, mas que é rígida. Apesar disso, essa é a experiência humana, da vida, do cosmos, que é essencial para que cheguemos à transformação ideal, que nada mais é do que a transformação de uma transformação, não ideológica, da experiência da falta, que constrói o amor, o nada, o sentido, a história da vida eterna, do dominante e do dominado.

HIGIENE DE SENTIDO

“O destino pode mudar. Nossa natureza jamais.”

Arthur Schopenhauer

O que nos diferencia dos animais é a capacidade de sonhar, de pensar, de agir quando devemos agir, de continuar na trilha da evolução, da incorporação da ideia de que, em algum momento, algo ou alguém faça sentido, faça ser diferente, se faça por algum tipo de potência. Não enxergamos tão bem quanto os animais, nós não voamos, não jorramos venenos e nem nadamos. A única coisa que nos diferencia é a capacidade de pensar, de decidir sobre algo, de agir sobre um prisma. Ser humano é pensar. Aquele que não pensa, não é humano, não vive consciente.

O que define um indivíduo é sua personalidade, em síntese, sua interação com o mundo interno e externo, suas expressões, sua originalidade, sua trajetória de vida acumulada até então, que é composta por elementos afetivos, isto é,

Seguindo Adiante

temperamento, energia afetiva, vontade de potência, a formação de seu caráter, suas experiências marcantes, seu componente intelectual, suas faculdades mentais de raciocínio, memorização, criatividade, imaginação, entre outras. Fiz questão de abrir esses “parênteses” para falar resumidamente da personalidade, a fim de dizer que a transformação humana pode acontecer por meio de todas essas vias, afetivas, de caráter, de intelecto ou do somático. Mudamos por algo afetivo, que nos afeta de tal maneira que nos redireciona, como, por exemplo, o nascimento de um filho, a perda de um trabalho.... Mudamos por não compreender, mudamos porque queremos mudar. Nós nos transformamos também por meio dos valores impregnados pela cultura familiar, do meio em que vivemos e das pessoas com que convivemos. Tornamo-nos outro quando evoluímos intelectualmente, no sentido do não saber, da busca da compreensão. Os cientistas, principalmente os astrofísicos, sabem muito bem o que é saber e não saber, ter perguntas e morrer sem as respostas. Eles trabalham com afinco, sem pretensões em afirmar verdades, pois já viram muitos se queimarem.

Mudamos também quando uma doença nos consome, por exemplo, a notícia de que temos câncer ou algo intratável, sem cura, que não há esperança, que não compreendemos por que tal fato está acontecendo. Tem gente que se força a ficar doente para se sentir vivo e, inconscientemente, busca algum tipo de dor física para sentir a vida, chegando a casos bizarros.

Tem gente que faz sexo com pessoas soropositivas – HIV, sem camisinha, porque querem correr risco de vida. Outros querem mesmo se contaminar, melhor, já tivemos movimentos no Brasil onde grupos de pessoas faziam esse protesto em público, transando com vários contaminados ao mesmo tempo. Outros, ainda, vivem em dramas afetivos, maníacos, criando situações para que sejam afetados. São aqueles tipos de pessoas que nunca se dão bem em relacionamentos, que, quando está indo tudo bem, é necessário criar alguma situação que gere dor e, sempre oscilam entre a perversão, a culpa e o amor. São os medrosos que não suportam serem felizes, isso mesmo, eles têm medo da felicidade.

Como havíamos dito, quando alguém perde ou se separa de seu parceiro “objeto”, na verdade, internamente está se separando outra vez de tudo aquilo que já se separou na vida: do útero materno, dos pais quando vai à primeira aula, do primeiro namorado(a), do primeiro emprego, da perda de amigos ou parentes, e assim por diante. A separação é interna, por isso, muitos se sentem divididos, desesperados, indecisos, inseguros, algumas pessoas, ficam dizendo repetidamente que o coração quer uma coisa, mas a razão outra; o conflito então aparece, toma vida, entram em um modo estagnado, não mudam, não porque não querem mudar, mas por terem medo da mudança. Sonham, mas não topam assumir a responsabilidade pela construção de seus sonhos, preferem recuar, se sentirem culpados, inferiores, apequenados,

Seguindo Adiante

passando a vida se queixando, vivendo em conflitos com si e com todos que estão em seu círculo de influência.

Vivemos carentes, morreremos carentes, insaciáveis de vida. Morremos em conflitos, morremos porque temos de morrer, porque a morte é o último conflito. Entretanto, mesmo sentindo que estamos vivos, buscaremos eternamente sentido para nossas vidas, a fim de achar que vale a pena viver, que algo de valor nós fazemos e que a vida é mais do que pensamos. Temos uma profunda necessidade de nos sentirmos especiais, úteis, diferentes uns dos outros. Fantasiamos o tempo todo, ainda bem! Tem gente que está viva, mas não sabe que está. Há pessoas que se mutilam o tempo todo para sentirem que estão mutilados. Cortes no corpo é a coisa mais comum entre adolescentes. A dor e o sofrimento surgem como um caminho, já que outros modelos afetivos falharam. Outros pagam para sentir medo, compram ingressos de parques para se divertirem em brinquedos que causam sentimentos de vida, porque medo também causa vida, se não for um dos principais propulsores. Assim sendo, nesta perspectiva de pensamento, se torna necessário criar uma unidade interna, um contexto de análise individual que projete consciências do que se é, no que se está transformando, qual caminho ou vida está sendo levada, quais os porquês e para quês, o que fazer para se deixar cada dia mais lúcido, consciente de quem se é e o que deve vir a ser.

Quando esse percurso não acontece de forma natural, apresentam-se as patologias mentais, sentimentos não nomeados, com pensamentos não elaborados, transtornos de personalidade, de caráter, etc. Por outro lado, quando o percurso se faz de forma “natural”, o indivíduo torna, ao longo de sua trajetória original, singular e personificado, poderíamos até nos arriscar a dizer, personalizado, idealizado. Com isso, a existência engendra maiores significados, sendo o sentido nos dois sentidos, o que conduz aquele que luta pela sobrevivência, que não desiste de viver, pois tem a esperança de que a vida ainda pode lhe apresentar mais sentido. O outro sentido é o direcionamento, o sentido para onde se deve seguir vivendo, procurando entender quem se é e o que se pode vir a ser.

Seguindo Adiante

EU, JULGADO, POR MIM MESMO.

Deixa-me sozinho com os meus pássaros...
com os meus caminhos...
com as minhas nuvens...

Mario Quintana

Todavia, esse ser diferente, que afirmamos aqui, é não no sentido de diferenciar frente às outras pessoas, de ser diferente porque faço algo diferente dos outros. Seria muita pretensão e perda de tempo pautar esse discurso de diferenciação, já que todos nós já nascemos e somos diferentes uns dos outros. O que vem acontecendo atualmente é que uma igualdade econômica, social e educacional vem com maior força. Esse movimento coloca a maioria das pessoas em um mesmo patamar, seja ele econômico ou de acesso às informações, por exemplo. Nesse contexto, muitas personalidades narcisistas, tendem a se conflitarem, buscando ser diferente daquilo que iguala. Cada vez mais deverá ser mais

forte para os seres humanos que sentem esse conflito interno, porque, na pós-modernidade está muito mais difícil se diferenciar. A prova disto é a onda de suicídios que não param de crescer.

Entretanto, ser diferente, sonhar e agir diferente significa tentar ser alguém para si mesmo, algo que se forme, mas que está em constante transformação, em plena articulação, que produza alguma dinâmica, algum risco, algo novo ou inventado, como nos escreveu a gloriosa Clarice Lispector: “Eu quero uma verdade inventada”. Para ainda nos ajudar, ninguém também melhor que Édith Giovanna Gassion, simplesmente a fascinante cantora francesa, Edith Piaf, que sentiu profundamente, em sua alma, situações das mais diversas, mas que soube transformá-las em oportunidades, e exprimir o que existe de mais inimaginável, intrigante e atraente dentro de um ser humano: ele mesmo e sua aceitação. Não poderia deixar passar em branco uma das minhas canções favoritas cantadas por Édith, que é “Non, je ne regrette rien”, a qual, além de espirituosa, alentadora e fugaz é contagiante em sua melodia. A letra nos passa memorável mensagem sobre a existência humana, desnudando-a a uma visão explícita e escandalosa da vida, de aceitação e simplicidade. Depois da leitura, sugiro para você escutá-la, sozinho (a), em um volume confortável. Feche seus olhos, deixe a música entrar e se misture com ela.

Seguindo Adiante

Non, je ne regrette rien

Não! Nada de nada...
Não! Eu não lamento nada...
Nem o bem que me fizeram
Nem o mal - isso tudo me é igual!
Não! nada de nada...
Não! Eu não lamento nada...
Está pago, varrido, esquecido
Não me importa o passado!
Com minhas lembranças
Acendi o fogo
Minhas mágoas, meus prazeres
Não preciso mais deles!
Varridos os amores
E todos os seus "tremolos"
Varridos para sempre
Recomeço do zero.
Não! Nada de nada...
Não! Não lamento nada...!
Nem o bem que me fizeram
Nem o mal, isso tudo me é bem igual!
Não! Nada de nada...
Não! Não lamento nada...
Pois, minha vida, pois, minhas alegrias,
Hoje, começam com você!

Quantas vezes não nos permitimos chorar, abrir mão de pensamentos que nos atormentam todos os dias, abrindo mão de tudo e elevando o pensamento de forma mais simples e objetiva, como nos afeta Édith cantando “Não! Nada de nada... Não! Não lamento nada...! Nem o bem que me fizeram. Nem o mal, isso tudo me é bem igual!”. Quantas vezes nos pegamos a nós mesmos pensando que somos péssimos profissionais, amigos, filhos, pais, seres humanos. Quando pensamos ou falamos sobre esses sentimentos, sentimos uma dor imensa, ficamos travados, amarrados, procurando algo que nos prove que somos melhores do que aquilo que se manifesta e, com isso, entramos em uma espiral invertida, do mundo externo para o interno, de ponta cabeças, lambendo as feridas narcisistas que estão ali desde a infância, confrontando vazios não nomeados, perfurando camadas da personalidade ainda primitivas, fragmentadas, desconhecidas. Essa teia que da nutrição das experiências, se somada, potencializa os efeitos de tudo, confrontando o próprio corpo, criando dor, mas não como uma maneira de fazer sofrer, porém de desespero, tentando avisar que existe algo que não está certo, que algo está incompleto, fragmentado, sem sentido, elaborado. Sem essa dor não teríamos um alerta, ou melhor, um convite para tentar mudar, para aprender com a experiência, para sentir medo. Não que deveríamos mudar sempre que sentirmos algo diferente, até porque a mudança interna levaria vidas, e, as

Seguindo Adiante

vezes uma só é pouco para se conseguir mudar algo. Precisaríamos de milhares de anos, ou até de milhões para chegar em algo mais evolutivo e, mesmo assim, ao final, talvez conseguiríamos uma pequena mudança. Observe o cosmos, quanto tempo já existe! Se analisarmos toda a existência da humanidade no contexto geral, desde o big-bang, seríamos representados apenas por trinta segundos comparado a tudo que já existiu, ou seja, para trinta segundos, já evoluímos muito, e podemos nos inclinar a pensar que estamos no caminho certo, seguindo sem lamentar nada de nada.

TUDO É MENTIRA, TUDO É VERDADE.

“O objetivo de uma análise não é o de o paciente vir a ficar igualzinho ao analista, e estar, curado igualzinho ao seu analista, mas, sim, o de ele vir a tornar-se alguém que está se tornando alguém!”

W.Bion

Uma gota d'água de chuva nunca pesará um litro e também nunca será apenas uma molécula de água. A busca está em tentar enxergar qual ponto de luz é o ponto que gera mais lucidez. As luzes das estrelas se deleitam aos olhos na escuridão; durante o dia, sabemos que estão lá, porém toda a luz do dia nos deixa cegos diante de quais pontos nós devemos ver. As cores que vemos não são cores porque as vemos, são cores porque as temos. Como um céu brilhante de estrelas funciona nosso mundo interno. Quantas vezes precisamos ficar sozinhos em “escuridão” a fim de tentar entender o que está acontecendo, ver quais estrelas ainda estão brilhando e onde estarão!? Porém, nosso medo é justificado porque

Seguindo Adiante

sabemos que um dia tudo irá acabar, e que estas estrelas irão se apagar, mas isso não se justifica, senão não viveríamos, seríamos apenas seres conformados. Viver é aceitar que sempre seremos fracos, frágeis, incertos, ignorantes, vazios, representativos para si mesmo, porém, a busca está em descobrir que é na teia do nada, da burrice, dos vazios que se encontra a essência da gota d'água, a fonte de sonatas. Andamos pela vida, como andamos pela nossa casa de madrugada.

Quantos não provocam essa escuridão, se mutilam, inconscientemente, apenas para tentarem encontrar alguma resposta, algo que lhes diga que estão vivos, que existe um sentido, uma luz que guie os próximos minutos de vida. Quem nunca viu pessoas fazendo mal para si e para os outros sem saber o porquê de o estarem fazendo? Quanto maior a escuridão, maior a chance de ver a luz. Não é assim esse efeito físico? Por outro lado, luz demais cega, confunde. Paixão cega, conhecimento cega, raiva cega, amor chega a matar. Verdade dói, mas cria lucidez, aceitar o que se é, dói, porém gera maturidade, sentido de vida, humanismo. Tudo que transborda pode cegar, a medida certa é a que traz lucidez. Esta será a luta eterna entre o prazer e a realidade.

Passamos a vida inteira morando em nossa casa interna e, de vez em quando, tiramos férias para visitar o mundo externo. Tudo isso para que nos reconheçamos como sujeitos,

indivíduos, unidades humanas, de entender como funciona cada camada que construímos. A dor serve como direcionamento, como tamponadora da existência. E, ela nos diz onde devemos remendar, como devemos fazer e por quê. Neste interjogo, observamos a atuação do prazer, realidade e dor, os quais se tornam uma mistura poderosa, veloz, porém esmagadora da consciência, da estrutura mental que construímos até aqui ou de que foram construídas porque chegamos até aqui. É interessante dizer que nosso aparelho mental não dá conta de si mesmo, daquilo que ele próprio produz. Seria como uma abelha que produz o mel, mas não consegue se alimentar através dele. A interface com o mundo externo complica tudo, pois, quando a fantasia idealiza o mundo perfeito nas camadas internas, o mundo externo destrói, em segundos, toda uma vida idealizada. Parece um ato cruel, o fato de que o mundo acaba com os nossos sonhos, mas não, ele é que nos ajuda a continuar mantendo a sobrevivência humana, esse mecanismo de expectativa – frustração – angústia – ação – nova expectativa... Tudo isso motiva o ser humano a seguir adiante. Dessa forma, o que acontece é que, na maioria das vezes, não conseguimos assimilar esse impacto, não de maneira teórica, mas afetiva, consciente, intelectual. Não temos modelos suficientemente bons para tudo. Parte do impacto deve, por segurança, ser reprimido, recalado, sublimado, pois cegaríamos de tanta luz. Consequentemente, são essas experiências que impulsionam o

Seguindo Adiante

próprio movimento de expansão da evolução humana, caso contrário, não estaríamos aqui, aliás, penso eu, que estamos indo muito bem quando se toca neste campo da evolução. A bobagem de dizer que estamos falidos, é que não paramos para analisar no cerne de que estamos vivos, continuando a caminhar em bandos, sobrevivendo. Não importa, pois mesmo que um cometa nos atinja e acabe com tudo, tentamos o quanto for preciso para escaparmos. Aliás, vale também retornar ao tema de que não somos os mais evoluídos do mundo. Existem tantas outras coisas que desconhecemos. Quem sabe, em algum dia conheceremos tantas maneiras diferentes de se adaptar, viver e manter a espécie ativa. Somos humanos, mas ainda não sabemos disso, porém, estamos no caminho certo. Ainda nos matamos, mas ainda continuamos a nos reproduzir. Nascemos diferentes, porém todos iguais, com a mesma trajetória a cumprir. Quanto mais novo, mais fácil, pois menos diferente. Quanto mais experiente, mais assustador, pois nos tornamos mais diferentes, porém, com a chance de sermos mais interessantes. Somos como uma flor, que pode nascer da mesma semente, mas suas cores serem totalmente diferentes umas das outras ao florescer, ao atingir a maturidade. Mesmo percorrendo o mesmo caminho biológico, percorreremos o mesmo psicológico, ambos com suas diferentes individualidades e especificidades. O DNA de uma árvore é quase idêntico ao DNA de um ser humano, pois seu código genético tem alterações mínimas.

Seguindo nesta linha de raciocínio, ou apenas conjecturas, porque não sei como chegamos até aqui, penso que, neste percurso, seja provável que nosso corpo sofra a vida inteira, alguns menos, outros mais, que podem durar a vida inteira se não tratadas, ou melhor, atenuadas. Sabemos que já é difícil aceitar a si mesmo como se é, encarar as próprias mudanças e o destino, pois tudo é incerto, até o nascimento de nossos fios de cabelos, nunca saberemos se vamos ficar calvos, com cabelos grisalhos, ou se conseguiremos chegar nessa fase biológica vivos. Certamente, o fato de procurar respostas já é muito trabalho para essa fugaz existência individual, ainda mais quando tentamos encontrar aquele ideal que projetamos a vida inteira, que construímos pela conjectura de modelos sonhados e inspiradores. Mas, é muito importante entrar em temáticas filosóficas como essas, pois para enxergar o todo, temos de exigir certa distância; e, se distanciar é tentar crescer, ampliar a visão sobre aquele ponto que desalinha todo o sistema, as suas engrenagens. Seria o mesmo como querer perceber a beleza extraordinária das obras de arte de Salvador Dalí, sem observar a profundidade, o distanciamento de cada representação, de cada ângulo e a sinergia com o todo excorporado pelo artista. Não suportaríamos a obra. Às vezes, para interferir em nosso planeta, é necessário enviar satélites ao espaço para tirar fotografias. Esse distanciamento de si, mesmo dentro de si, é como se conseguíssemos tirar fotografias de nossas mentes, afetos, experiências, revelar e fazer uma análise extra corporal,

Seguindo Adiante

como um médico examina uma tomografia. É como ser um hacker de si mesmo e do mundo.

Muitos irão morrer e não chegarão nem perto de suas idealizações, outros alcançarão mais do que seus ideais, suas vidas estão com sentido, sentem que, mesmo diante do caos, a vida vale a pena ser vivida, degustada. Não imaginem que esses, os quais estão conseguindo se privilegiar quando comparados com outros seres humanos, estão vivendo uma vida no céu, sem problemas, fracassos, dores, decepção. Pelo contrário, esses aprenderam a sentir a dor sem ter muitos problemas com a dor, seguem adiante, pois acreditam em “algo”, mesmo sabendo que esse algo se tornará poeira, trabalham para esse “algo”, mesmo sabendo que apenas trabalharam para resistir à existência. Eles respiram durante as 24 horas esse “algo” porque sem oxigênio sabem que correm o risco de virarem zumbis e, ao final, se tornam “algo”, mesmo sabendo que não representarão nada de algo para ninguém, nem para si mesmos, pois aprenderam que a expansão deve continuar, porque tem de continuar, porque sua existência não tem impacto no absoluto. Aprende-se, com isso, a fazer o que deve ser feito, recomeçar todos os dias, criando mais símbolos, significados, unidades de sujeitos, com a ótica de começar a fazer mais, porque fazer é o que cria a singularidade de cada um, que nos direciona ao caminho último, ao fim único da existência, ao sabor da vida, porque a vida é viver, e viver é continuar a viver... “Não preciso mais deles! Varridos os amores e todos

os seus "tremolos", varridos para sempre, recomeço do zero. Não! Nada de nada... Não! Não lamento nada...!” Essa atitude frente à vida torna o ser humano humanamente demasiado, pois configura em seu ser não apenas vida, mas uma mutação do que se pode vir a ser, com entendimento sobre as mazelas de suas personalidades, descortinando seus sentimentos mais vorazes, os quais estão engendrados e escondidos em cômodos internos ainda não esquadrihados. O poeta romano Terêncio resume, brilhantemente, presenteando-nos com este belo e assertivo pensamento, “Sou humano e nada do que é humano me é estranho”.

Ter significado por algo é ter em mãos a incerteza, amor por aquele que lhe ama, por aquilo ou aquele que lhe faz fazer, continuar. O céu, sem pássaros e sem nuvens, seria vazio, e os pássaros e nuvens sem céu não seriam pássaros e nuvens. Porém, o céu já foi vazio, do mesmo modo que os pássaros e as nuvens não sabiam até onde levaria o céu. Neste dualismo poético, aprendemos que, para se formar vínculos é necessário antes existirem ausências, vazios a serem preenchidos, pensamentos e verdades a serem suportados. Não existe amor sem o amante. Não existe parque sem crianças. Não existe vida sem o vivente. Não existe existência sem o existente. Se quisermos ser alguém, precisamos ser suficientemente bons para algo ou alguém, continentes a fim de suportar conteúdos ainda não suportados, dissecadores sistemáticos, afetivos, daquilo que não saberemos o que realmente é, que chegará a

Seguindo Adiante

nossa frente, tradutores da alma humana, poetas da vida, mecânicos humanos.

Dedico este trecho, como um gesto de profunda alegria e agradecimento a um ser humano diferenciado que, com suas envergaduras intelectuais de primeira grandeza e seus gigantes calibres afetivos, desenvolveu asas, que hoje não servem apenas para voarem com tamanha tranquilidade sobre o prisma da existência, da lucidez, da dissecação dos mistérios humanos, mas também para amparar, de forma indelével aqueles menores que o seguem, que estão leais ao seu lado, sendo transbordados pela elevação e sofisticação de seus pensamentos. Com carinho, ao Dr. Alcides de Souza, mestre Bioniano, responsável por conduzir nosso grupo de psicanálise todas as sextas-feiras.

Seguimos adiante, parece que repetindo muitas coisas, mas alerta que não, pois são coisas diferentes, parecidas, mas em contextos e vértices diversos, com interesses difusos. Seguimos na retórica de que o vazio cria a necessidade, que cria o sentimento, que se transforma em ideia, passando para o pensamento, sendo esse processo um meio que nos ajuda a entender, conscientemente, o que e como resolver aquilo que incomoda.

Seguimos entendendo que quando se vincula algo e esse algo preenche aquele vazio que clamava por algo, sentimos e pensamos, ao mesmo tempo, isto é, forma-se um vínculo entre

sentimento e pensamento, registrando, em nossa mente e em nosso coração, aquilo que tanto procurávamos, de que nos sentimos afetados e extasiados por ter conseguido significar e resolver o quebra-cabeça. Sendo assim, do mesmo modo, utilizando-nos de metáforas ou analogias, temos, por outro lado, o contrário. Quando o coração domina toda a situação, falta sangue para a mente, o que nos conduz a resolver o problema do incômodo pela emoção, já que todo suprimento de energia se encontra no coração, tamponando a razão. Entretanto, quando não conseguimos fazer essas conexões, quer seja pelo vértice emocional ou pelo racional, o resultado é frustração, mais dor, mais sofrimentos e angústias e falta de sentido na vida. Isso pode provocar, em quem não encontra respostas para suas frustrações, obrigações em perturbar o meio, a efervescer situações não adequadas, autodestrutivas, se passando por chato, negativo, vingativo, assassino, suicida.

Muitos dos seres humanos em desespero, em crise existencial, que sofrem por não encontrarem o sentido para suas vidas, preferem ter uma atitude de negação, tornando-se covardes frente a sua existência, e, sem vínculos firmes, optam pelo caminho da destruição. Do mesmo modo que o sonho precisa ser significado para se tornar o teatro da mente, o mundo externo também precisa se significar para se tornar realidade. Aliás, é através dos sonhos que temos tentativas como tornar o mundo interno verdadeiro, isto é, criamos tudo em nosso mundo interno, e tentamos replicar no mundo

Seguindo Adiante

externo, sendo a construção mundo externo produto do mundo interno. Os dois só existem porque interagem, se constroem juntos. Um ser humano, que não é dotado destas capacidades, torna-se patológico. Somos o que somos, porque conseguimos lidar com esse interjogo.

Talvez, a chave estivesse entre o vínculo do mundo externo com interno. Algo que se mantenha constante e em pulsante aproximação com aquilo que deveria existir e significar, simbolizando uma meta aglomerada de sentido, mas que, por ser tão audaciosa, é provável que nunca seja realizada em sua completude, sempre em faltante, esperando que algo se complete e se transforme. Sem dúvida, se você quer se conhecer, e tentar entrar lúcido, consciente no interjogo destes dois mundos, abrindo-se a novas transformações, terá de pagar o preço por essa escolha, pois quem não se deixa afetar, fica afetado por não conseguir demonstrar afeto, daí a frustração e a angústia de sentir que está perdido, sem saber o que fazer. Com isso, destruirá, minuto a minuto, cada pedaço de matéria que não quer viver, aliás, esta é uma lei universal: quem não tem o porquê viver, deve morrer para dar espaço para aquele que vive ou que vem por nascer. Nossas células são assim, quando uma está prestes a desistir o próprio sistema tenta transformá-la em uma célula mais forte, porém, em contraste, são destruídas aquelas que não servem mais. Nada se cria, mas tudo se transforma! Em momento algum, estou objetivando reduzir o ser humano a este exemplo, pelo contrário, apenas

tentando conjecturar pensamentos que se aproximem do tema que estamos escavando, até porque ele é infinito, trabalhoso, desconhecido e complexo, mas não inalterável. Aqui, temos tentativas de evidenciar demasiados vértices e deformações de ideias associadas ao contexto. Nem o próprio narcisismo do ser humano é capaz de suprir toda sua demanda de faltas. Em algum momento, sempre surgem conhecidas questões: Quem eu sou? O que eu represento para o mundo? Eu existo para os outros? Eu existo? Talvez, ajuntar vínculos é aprender a se direcionar para o que existe de mais genuíno em um ser humano: seu significado como sujeito, indivíduo, sua existência, sua sensação de existir, de fazer a diferença para si mesmo, não se tornando diferente dos demais, como já havia dito, mas significar alguém para si mesmo, sendo ponto de compartilhamento.

Eu prefiro escrever poemas e versos, ou melhor, livros-poemas, pois acredito que exista algo muito além dos números lógicos, já que números são apenas números se olharmos para eles como números, caso contrário, se olharmos como símbolos, algo que significa, certamente não serão números, serão poemas. Bion foi um grande poeta! Seu modo de transcrever a psicanálise se tornou brilhante! Ali sim, em suas obras, encontram-se grandes e belos poemas!

COMO PÁSSAROS ENGAIOLADOS

“Não precisa mudar por inteiro, pode ser quase. ”

Uma pessoa que tem números gravados em sua cabeça, tem, apenas números, sinônimos de grandezas, apenas. Para outra, que possuiu os mesmos números, mas consegue, com eles brincar, esse, se transforma em um ser humano de primeira linha, pois, articulando cada número, com cada novo modelo de pensamento, aprende a se expandir, a se degustar, a se encantar consigo mesmo. Esse sim, pode dizer que tem conhecimento, diferentemente do primeiro, que apenas o possui.

Do mesmo modo, é a vida, alguns, possuem pessoas, tem poder sobre elas. Outros, “tem pessoas”, têm, porque elas estão dentro delas, dentro de suas vidas; seus vínculos são como aos do amante e do amado, da tampa e da panela, da cara metade. Tudo gira em torno do prazer e do amor. Não existe peso. Não existe tempo.

Aqueles e aquelas que são possuídas, estão presas dentro de gaiolas, como os pássaros que muitas pessoas possuem em suas casas. Aliás, sabe-se, que não são pássaros verdadeiros, verdadeiros, só sendo cem por cento pássaros, vivendo vida de pássaro. Essas pessoas, apenas querem acreditar, que são seus, que os possuem, porque “tem medo” de descobrirem que não “tem nada”, além do medo. Mas sentem, no fundo de suas almas, que eles não são de verdade, que são apenas um modelo de pássaro possuído, criado por alguém que não entende nada de pássaros e, de ter.

É fácil de entender aquelas pessoas que temos de verdade. Com elas, nos alegramos a cada contato, estão sempre diferentes, são simpáticos, vivem cada instante, cada minuto de vida, vivem como o amante e o amado, o amado e o amante, parecem que acabaram de sair da placenta.

COM-VIVER, COM-VERSAR.

“Como a música sem fala, que fala agora em meus ouvidos, ouço, atento, procurando bem atrás dos meus pensamentos, qual é o som que toca, o que me toca, onde toca, dissecando, percebo que ouço sem ouvir. ”

Ao acordar todos os dias, prefiro também olhar pela minha janela e ver meus pássaros voando, minhas nuvens no céu caminhando, e confesso, não consigo imaginar números voando e caminhando no céu, prefiro mesmo meus pássaros e minhas nuvens, cada coisa precisa estar em seu devido lugar, pois números voando não teriam significado algum para meu complexo de símbolos, porém, números ajudando-me a entender por que milhões de pássaros devem voar em uma sequência lógica, programada, a fim de manter a sobrevivência, torna-se um grande significado. Juntar pássaros com números é possível, desde que isso signifique algo.

Igualmente e do mesmo modo, nosso mestre da clínica psicanalítica também tem o poder de criar em mim esse sentimento com seus pensamentos-presentes pela sua fala enérgica, assertiva, cética e frequentemente assombradora. Certo dia, ele expôs uma teoria simples ao grupo, porém, instigante, dizendo-nos que as pessoas se juntam para fazer três coisas: coito, conversarem e se matarem. Vamos, interpretar a ideia de coito que, em sua raiz, traz à tona o principal significado, a capacidade de reprodução, de algo que retorna a ser produzido, por isso, re-produção, reprodução esta que pode ser física, ou psíquica, por exemplo, reproduzindo ideias, pensamentos, resumindo, neste exemplo as pessoas se juntam para reproduzir algo. Quando o coito acontece, continuamos a nos manter com a proposta evolutiva, reproduzindo para continuarmos existindo, através de um filho, obra teórica, social, política, científica. Mais tarde, próximo ao final de nossas vidas, surgem medos, inseguranças, a necessidades de olhar para trás e analisar o que fizemos; o que foi reproduzido e qual foi o rastro que deixamos, se fizemos muitos coitos ou não, se algo ficará, se seremos lembrados, adorados por algo ou alguém, se valeu a pena o esforço de ter feito isso ou aquilo. O coito, não tem a sua importância apenas na dimensão física ou psíquica, mas na contabilidade final da nossa existência, representando a vida como vida, como fonte de outras vidas, como ponte para a sequência da criação contínua da sobrevivência, da meta atingida ou não atingida por aquilo que,

Seguindo Adiante

antes de existir, já estava programado à reprodução, à manifestação de suas potências, grandezas e vontades de continuar eternamente a se consumir. Como o vagalume, nascemos com a luz, mas não a percebemos. Então, corremos atrás dela, enquanto ela brilha em nós.

Pois bem, o segundo item, não menos ou mais importante, representa, em nossa simbologia, o campo da conversa, com o fim de nos entender, conhecer, expor conhecimentos, informações, relaxar na masturbação mental; juntamo-nos também para conversar. Quem nunca ouviu a expressão “jogar conversa fora”? que quer dizer “vamos relaxar, sair do campo rígido mental, do formal, do diálogo, vamos nos encontrar apenas para nos encontrar, para sorrir, para se manifestar fora do campo da lógica ou de qualquer responsabilidade.” Não dá para jogar conversa fora usando máscaras, assumindo responsabilidades, levando a sério qualquer que seja a comunicação estabelecida. Deve-se jogar tudo fora, e se deixar levar pelo contato com o outro. Esse movimento faz parte de ser, de ser humano, porque ser civilizado o tempo todo também cansa. Tem hora que temos a necessidade de retornar a milhares de anos, na filogenia da espécie, e sentir aquele espírito de chimpanzé pulsando. Um exemplo disso é quando estamos em um campo de futebol na torcida, ficamos iguais chimpanzés, pulando, gritando, levantando os braços e jogando conversa fora, desnecessária, mas necessária para nossa reconstrução, conservação,

construção. Porém, se não existisse a dimensão do campo do conversar, sem dúvida, não conseguiríamos reproduzir nada, não conseguiríamos nos entender, não conseguiríamos nos expressar, não conseguiríamos ser alguém para si e para o outro. Percebam que, quando algo de muito trágico acontece com alguém desconhecido, e assistimos o que acontece, automaticamente, conectamo-nos com a situação, com o sujeito e indivíduo. Mesmo não querendo, nós nos afetamos, porque somos assim, temos essa capacidade automática de com-viver, com-versar, uns com-os-outros, com-nós-mesmos. Quando jogamos conversa fora é porque temos a necessidade de acumular histórias dentro de nós, conversas internas, que valem a pena serem jogadas fora. Do mesmo modo é o tempo, que só se perde, porque tem valor, senão, seria apenas tempo. Ando perdendo tempo! Jogando conversa fora! Está dentro de nós essa capacidade de significar rituais, histórias, que fazem parte do sujeito, dos valores da vida, das subjetividades humanas.

Vamos, então, para o terceiro tópico, aquele que diz que os seres humanos se reúnem a fim de se matarem. Isto mesmo! Nós nos reunimos também para gerar mortes. Esse é o campo da destruição, do desfazer, desconstruir, da eliminação pelo confronto, pelos interesses individuais, no qual o ódio e a inveja são os protagonistas. Thomas Alva Edison foi um dos maiores cientistas, inventores que este planeta já teve. Um homem fascinado pela energia elétrica, e pelas suas

Seguindo Adiante

transformações e impacto que ela poderia causar em toda a humanidade. Edison era possuidor de um talento e intelecto admirável, determinado como ser humano. Foi aquele tipo de homem que, ao olhar nos olhos saltava sentido, disciplina, crenças por suas ideias e, principalmente, audácia em suas decisões. Uma de suas maiores invenções foi a lâmpada incandescente, a qual, em uma velocidade espantosa substituiu a iluminação à base de querosene entregue ao mundo por outro gigante, John Davison Rockefeller. O impacto de um invento como esse foi extraordinário, pois, na época, não existia quase nenhum recurso tecnológico e intelectual disponível, porém, estava nascendo uma grande revolução, revolução essa que impulsionou demasiadamente os homens a construírem uma das maiores potências do mundo, os Estados Unidos da América. Porém, esses mesmos homens, em sua maioria, estavam dispostos a pagarem qualquer preço para verem suas ideias concretizadas, seus pensamentos, suas ambições sendo satisfeitas, seus desejos mais profundos sendo realizados, que sejam eles pelo conflito e confronto daquilo ou daquele que cruzava seus caminhos.

Sabemos que por trás da revolução industrial muito sangue foi derramado, muitas pessoas perderam suas famílias nas fábricas, muita gente morreu de fome por não conseguir se empregar, o monopólio reinava, e o estado não tinha controle sobre quase nada, até porque, tudo era muito inovador, diferente para a época. Muitos foram mortos por criarem

movimentos internos contra a escravização nas fábricas, daí surgirem os sindicatos, aqueles que tinham como proposta a qualidade de vida humana, com um trabalho digno e justo, independente da classe social. Nesse meio efervescente, de pecados e glórias, da construção de algo extraordinário, ainda não pensado por ninguém, erros graves foram cometidos pela falta de controle emocional, por movimentos internos narcisistas, egoístas, desumanos; por exemplo, o mesmo homem que evoluiu o processo da lâmpada incandescente, foi o mesmo que criou a cadeira elétrica. Edison foi o inventor da primeira cadeira elétrica do mundo, um Homem que melhorou a vida de muitas pessoas, e que foi, também, responsável pela morte de várias outras, porém, o que valia em seu modelo mental, sabotador às vezes, era a competição de se tornar alguém, de chamar a atenção por seus feitos, preencher uma carência gritante através da ciência que, poderíamos dizer que seria a sua busca individual pela verdade, pela ciência última, por algo grandioso que marcasse a humanidade, mas que, às vezes, era tão insuportável para si, que o desorientava e conduzia a ações apelativas, não científicas, talvez, movimentos de fuga interna por não suportar ver que existiam pessoas tão inteligentes ou mais que ele, mais bonitas, humanas, ricas, com status social maior.

Nós, seres humanos, somos assim vaidosos. Sempre buscamos ser mais que os outros, mais belos, ricos, bem sucedidos intelectualmente, fisicamente, socialmente.

Seguindo Adiante

Queremos sempre estar além do que somos, porém, vivemos insatisfeitos com nossas vitórias, ficamos com raiva quando algo melhor aparece em nossa frente, outro ser humano melhor, algo que mexe com nossa vaidade, que nos mostra que não estamos com essa bola toda como achamos, que o que existe em nossa mente não é a verdade ou aquilo que se manifesta para o mundo externo, que a maioria das coisas que existem não são verdades, são apenas fantasias, delírios, alucinações, vaidade que reina, que quando olhamos para cima, para outros melhores, invejamos naturalmente, porque somos assim, sem controle. Quando olhamos para baixo, outros menores, humilhamos naturalmente, sentimos prazeres inconscientes, transvestidos, porque também somos assim. Lutar contra essas pulsões, essas necessidades é algo difícil, às vezes, insuportável. Construimos nossas crenças, valores, personalidade com base no movimento narcisista, vaidoso, no meio em que vivemos. Nós direcionamos a existência pelo conjunto de crenças. Levamos muito ao pé da letra quem “achamos” que somos e a nossa história, a trajetória de vida, isso como se fosse a melhor, ou a pior do mundo. Não suportamos enxergar que não somos nada, que somos apenas um fragmento perdido, com medo, desorientado, desesperado, em busca de saber lá o quê. Entendo, com razão, que devemos sentir medo a vida inteira, pois não sabemos de onde viemos, o que somos, o que devemos fazer na vida, o que é que estamos fazendo aqui. Parece filosofia, mas é verdade, pois inventamos

coisas o dia inteiro para não sermos esmagados, trucidados pela existência. Entretanto, do mesmo modo, conseguimos nos adaptar, manter a nossa espécie viva, evoluindo, construindo algo que nos faça sentir prazer, como conseguir consumir, comer, fazer sexo, reproduzir ideias, pensar! Somos praticamente um Deus amarrado em um corpo que, a qualquer momento nos chutará; um corpo que vive nos dizendo: “você está morrendo, olhe-se no espelho, mais uma vez, veja em que está se tornando”, um corpo que sempre ganhará no final. Quando nos sentimos aprisionados, é porque estamos aprisionados, pois, ao mesmo tempo em que temos esses insights, descobrimos que conseguimos enxergar, pensar, fazer poesia, deleitar nos prazeres do contato com o outro, viver, nem que seja uma história efêmera.

Se nós sentimos raiva, devemos nos perguntar: o que iremos fazer com essa raiva? Por que estamos sentindo isso? O que fez que nos identificássemos com esse turbilhão de sentimentos? Se sente alegria, o processo é o mesmo, o que acontece? E assim por diante...

Na história da humanidade, temos outros exemplos, vários casos que evidenciam que nós, seres humanos, nos reunimos também para matar outros seres humanos. Matamos de toda forma, e, entre elas, matamos tempo com outras pessoas, matamos aula, matamos ideias, nos matamos pelo trabalho, nos matamos por não conseguirmos respostas claras

Seguindo Adiante

sobre o sentido de nossas vidas, dos acontecimentos do destino, talvez, inconscientemente, queremos mesmo acelerar o processo de desintegração porque não estamos preparados para nos prepararmos para algo que ainda não conhecemos.

Deste vértice, o ser humano, que reproduz, é também aquele ser humano que, em sua essência, também mata, mas que também tem a oportunidade de se conhecer, de se entender consigo mesmo e com os demais. Nietzsche, em sua obra prima, “Assim Falou Zaratustra”, escreve poeticamente que

“A verdade é que os homens deram, a si mesmos, todo o seu bem e todo o seu mal. A verdade é que o não tomaram, que o não encontraram, que lhes não caiu como uma voz do céu. O Homem é que pôs valores nas coisas com a intenção de se conservar; foi ele que deu um sentido às coisas, um sentido humano. Por isso se chama “homem”, isto é, o que avalia. Avaliar é criar. Ouvi, criadores! Avaliar é o tesouro e a joia de todas as coisas avaliadas. Pela avaliação se dá o valor; sem a avaliação, a noz da existência seria oca. Ouvi-o, criadores! A mudança dos valores é mudança de quem cria. Sempre aquele que cria destrói.”

O desafio é sustentar o nosso desejo no mundo, tentando nos responsabilizar frente a toda dinâmica interna e externa pelas escolhas e decisões tomadas e reproduzidas ao longo de nossa existência. É entender que não só criamos

desejos indesejáveis para o mundo externo, como também desejamos, inconscientemente, não entender a maioria do que desejamos. Amamos desejar, muito mais do que realizar. O percurso da teia de criação dos desejos é o nosso vício, o âmago da existência da vida humana, que cria os mitos, a personalidade, que se transveste no mundo externo por personagens, criações bizarras, singulares em suas formas.

No final, todos nós já sabemos que iremos morrer algum dia. Até nossas ideias e ideais, tudo entrará em colapso, e as últimas badaladas cessarão todos os desejos que pulsam e que ainda dormem nas camadas mais profundas da mente, daquilo que jamais nasceu e emergiu para a vida. O fim calará as dores, barulhos, angústias, prazeres, e o silêncio não existirá, porque nem ele será escutado.

Vamos seguir adiante em nossa sedução, procurando provocar mais ausências, mais faltas, mais necessidades de desvendar mistérios e quebra-cabeças. Ao contrário de não continuar a seguir, temos entendido que, quando o porquê viver se torna menos importante do que o viver, a morte se torna a meta da vida, e aqui, não é esse o nosso objetivo. Aliás, não temos objetivos, temos intensões, espantos em provocar algo de diferente que crie verdadeiramente algo de valioso para aquele que busca, não algo que apenas mude uma rota, até porque, nem sempre existe mudança, encontra-se aquilo que é buscado. Tudo são tentativas de reiniciar a máquina pensante,

Seguindo Adiante

de colocar histórias sobre outras, de preencher fragmentos, como uma colcha de retalhos. Temos, como exemplo, a felicidade, que, quanto mais se busca, mais ela se distancia, pois se aproximasse, realizaríamos plenamente os desejos últimos e, com isso, entraríamos em colapso.

Não se pode confundir felicidade com obrigação. No campo humano, não tente mudar a si mesmo, ou mudar as pessoas, tente mudar a ideia que você tem sobre você e sobre as demais pessoas, sobre aquele momento que passa, que é a experiência. Mas, se quiser, também, tentar mudar as pessoas, use a mesma lógica: tente mudar as ideias que elas têm sobre si mesmas, sobre o que pensam. As pessoas não mudam, mas suas ideias mudam pelo pensamento afetivo, emocional, que projeta esperança, prazer, alívio, descarga de culpa. O mundo não é feito de matéria, mas sim de ideias. A única forma de trazer o passado ao presente é pelo caminho das ideias e dos pensamentos que, quando provocados, são transformados e reconfigurados em novos multiplicadores de sentidos. Nem tudo o que se vive é real. Pode apostar, a menor parte é o real, o mundo interno é real, como também o externo, mas, neste interjogo, existem infinitos vértices de análises. Não podemos fugir da ideia de que o ser humano é um animal devorador de significados, de construções psíquicas. Por este interjogo, somos criadores e transformadores por natureza, o que se torna assustador, porque, do mesmo modo que se criam espetáculos, cria-se também a autodestruição. Buscamos

significados o tempo todo, com o fim de sentir que estamos sendo acolhidos, reconhecidos, protegidos e pertencendo a algo, que estamos existindo. Por que olhamos no espelho? No fundo, além das feridas narcisistas, queremos mesmo é confirmar se ainda estamos ali, existindo. Na verdade, estamos o tempo todo tentando retornar ao útero materno, pois só nele existimos em plenitude, onde tudo era perfeito. Contudo, por outra ótica, nos confortamos sabendo que não existe felicidade maior do que a felicidade de um homem infeliz, porque, quando este homem experimenta um fragmento dela, se extasia completamente.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

“Os homens são como nozes, só revelam o seu melhor quando são esmagados”

Escritor francês Bernanos

Eu gosto de observar as folhas das árvores. Em algumas espécies, elas nascem com uma velocidade impressionante, mas também, morrem do mesmo modo. O que me chama atenção é que, na cidade, sempre tem alguém para varrer as folhas secas, aquelas que não servem mais, já no campo, o vento faz esse papel. Assim sendo, são poucos os seres humanos que conseguem ter um coração largo, resistente a esse ciclo, a fim de conseguirem amortecer esse processo, que é natural em todos os seres, que é necessário ser impetuoso e perseverante com toda a dinâmica existente, pois é o mesmo que faz nos tornarmos nós mesmos, o que, na verdade, apenas achamos que o mesmo é mesmo, quando não é, pois nada é igual.

Caminhando, entendemos que, quando o conhecimento fadiga e diminui sua caminhada frente ao entendimento das perguntas para as quais não existem respostas, o sentimento assume, o coração fica cheio do sangue, e falta para o cérebro. O sentimento pensa mais devagar, diferentemente dos pensamentos que são ágeis em suas conclusões, seus modelos lógicos, conceituados em conceitos falsos e ilusórios, teorias dentro de teorias, ilusões dentro de ilusões, com pontas de realidade, que se transvestem de medos. Nosso cérebro, por exemplo, é um grande contador de histórias. Ficamos o tempo todo contando histórias para nós e para outras pessoas. Pensamos até que não estamos pensando direito, e isso assombra, pois passamos a maior parte do tempo sendo controlados e não controlando. Por isso, surgem conflitos em demasia. Qual ser humano nunca experienciou um conflito? Não existem seres humanos apenas bons, ou seres humanos apenas maus, tudo, de uma forma lógica, é igual. O que acontece é que uns têm mais bondades e outros menos. Não é porque existe bondade que muita bondade existirá. Bondade é uma coisa, e maldade é outra, uma não anula a outra. Nessa linha, e nesse dessecamento, temos o cérebro “senti-dor”, isto é, aquele que provoca sentimento e dor, para sentir que está vivo. A dor vem em nosso pacote humano, como algo importante, que nos faz elaborar os pensamentos. Por isso que os poetas dizem que pensar dói! Agora, sentir dor é ótimo quando não tem ressentimento.

Seguindo Adiante

Ressentimento é sentir novamente algo que não conseguiu se elaborar, uma dor mal entendida, chamam-na, no senso comum, de dor de cotovelo.

Sentir dor é iniciar um processo novo de transformação, de passos adiante, e não de voltas, retomadas a reconfigurações pelo insucesso de não ter conseguido lidar com a dor. No mundo físico, biológico, os atletas de alto nível sabem muito bem o que é sentir dor, sua importância para a superação de novos desafios. Sabem que, sem dor, não conseguem uma performance ideal, diferenciada. Na verdade, não é a dor em si, mas o que fazem dela, que levam todos a se superarem. Tem gente que consegue aumentar a dor porque está em dor. É muito comum esse estado de repetição, re-volta, re-sentimento.

Fazendo uma autópsia do sentimento, penso, com efeito, que o sentimento pensante é aquele que objetivamente perfura, vagarosamente, como o som de uma sonata, ele grita lentamente, conjecturando tudo o que se vê pela frente, como um buraco negro engolindo tudo, até a luz não escapa, engole pausadamente, criando abscessos cabais, big bangs, publicando aquilo que não se pensa, mas que, a priori, se sente, se manifesta, porque, de alguma forma, tem de ser expandido, significado.

O pensamento dói, mas o sentimento anestesia. Às vezes, de tanta dor ou de prazer, ambos são poderosos

anestésicos. Na verdade, somos grandes senti-dores. A vida sem dor não seria vida, pois a ausência de dor é incompatível com a vida. Imagine um bebê não gritar de dor? Você cortando seus dedos em uma porta ao bater porque não sentiu dor, uma criança não se desenvolvendo, porque não conseguia se desviar dos móveis da casa, porque nunca sentiu dores ao trombar com eles. Enfim, poderíamos citar tantos outros milhares de exemplos. No entanto, com certeza, no vértice da dimensão biológica, morreríamos cedo demais.

No campo da dimensão humana, das almas profundas, espirituais, inconscientes, a dor é aquela que faz nascer, aquela que propaga o estímulo para que algo ausente seja preenchido, transformando-se, da posição de algo ordinário, para uma posição *extra-ordinária*.

Muitas vezes, o ser humano esquece a importância da dor. Isso se deve ao fato de conviver com ela diariamente; sofremos vinte e quatro horas. Tente ficar um dia sem beber água, sem se alimentar, sem utilizar roupas. Somos os seres que mais sentem dor no planeta, vulneráveis, frágeis, que, igualmente, talvez, sejamos os que também menos sabemos lidar com tamanha subjetividade do campo psíquico, da dor de cabeça.

Exorbitantemente, o ser humano tende a ser mais coveiro de seu destino do que escultor. Contudo, se existe um lugar onde o ser humano não pode exercitar seu amor, esse

Seguindo Adiante

lugar também não é para ele, por isso, deve seguir adiante, buscar algo que o faça sentir, como fazem os espíritos dos poetas, que sabem que amar é perder de si mesmo, que a perfeição não é perfeita; quando é perfeita, se torna chata, completa, pois tudo que é completo é acabado, tedioso.

É na ausência que sentimos e reconhecemos as coisas. Fazemos isso através do barulho que o corpo faz. Nenhum corpo vivo é silencioso. Quando o clima muda, as abelhas precisam também mudar, do mesmo modo o homem, que precisa ter esperanças para continuar a produzir seu mel, suas histórias. É necessário trocar de roupa sempre. As calças e saias do passado já não servem mais, os cortes mudaram, e continuarão mudando; mudar é preciso. O ser humano que tem medo de mudar, que se queixa, suicida-se todos os dias. Os homens do século XVIII que não se transformaram e que não se deleitaram na miséria humana, na dor do pensamento, estão todos mortos! Vivos, brilhando como estrelas, são aqueles que se imortalizaram e que ainda brotam todos os dias, como o Sr. Ludwig van Beethoven, que abala as estruturas do planeta com seu modo simbólico de traduzir a vida, resignificando aquilo que é íntimo, sem nome e estranho, talvez, aquilo que seja um ponto, como diria Wilfred Bion.

Esqueça-se de tua vida, e terás vida plena! Não tente viver, porque tentar viver não está no campo da dimensão da vida. Não tente entender sua vida, pois nunca conseguirá!

Aceite, pois está fadado a conviver com isso, nenhum oráculo lhe salvará! O ser humano não seria capaz de suportar tamanha grandeza de entendimento, apesar de humano.

Portanto, um alerta! O ressentimento está sendo o vício do Homem deste século. O mal opera sobre os fracos, indigestos humanamente, que fazem com que suas cabeças consumam tudo, como porcos, que não escolhem suas refeições, devoram pela quantidade, pelo desespero e pelo egoísmo.

Aposto que todos os viciados irão morrer! Porque mesmo ganhando asas, nunca terão forças e coragem para voar, porque escolherão se arremessarem ao abismo, como covardes, gemendo de medo e dor. É da natureza do ser humano sofrer e se angustiar. Neste percurso, surgem dois tipos de Homens, os ressentidos e aqueles que têm uma história para contar, os livres.

Ainda tem muita gente que prefere o contato com os Deuses que com seus próprios demônios. Outros se passam como idiotas achando que tudo deveria ser igual a todos. Nelson Rodrigues, diz que "O desejo é triste".

Nascemos insatisfeitos, morreremos assim, porém, podemos optar em não viver como retardados socialmente, e viver conscientes, suportando as verdades, aceitando que todo ser humano, visto de perto, é obsceno, que existe muita gente chata no mundo, que acham que amam a humanidade, quando,

Seguindo Adiante

na verdade, detestam a todos, a si mesmo, se protegem com esses discursos ridículos, cheios de inverdades, fazem por vaidade e egos inflados; mulheres de idades avançadas vivendo como adolescentes, estrangulando suas almas dentro de seus corpos, caminhando de costas na linha evolutiva. O medo reina os medíocres e covardes, e não tem jeito, pois a felicidade só aparece para quem está produzindo alguma coisa com coragem, pensando, sem muitas expectativas com a vida e com os outros. "Os homens são como nozes, só revelam o seu melhor quando são esmagados."

Os Homens são atravessados por mitos, caminham pela vida cumprindo sua tarefa, que é passar pela dor. Os mitos nos conduzem através das fantasias, e a dor nos mostra o quanto estamos vivos. A narrativa se passa em mexer e revirar coisas que provoquem espetáculos, algo de diferente, que provoquem a vaidade de si mesmo e dos demais. Um Homem que se tornou grande, se tornou também um grande conquistador, este, para o mundo, será agora um grande problema, pois será alvo de destruição por aqueles que são menores, que lutarão com afinco para sua extinção, pois seu cheiro de conquista provoca inveja e ciúme. As armas desses despersonalizados, desinteressantes, que não conseguiram seguir adiante, será a fofoca e a agressão física. Os grandes se tornam grandes, porque tiveram coragem para revirar as camadas mais infernais, escuras e profundas da miséria humana. Sua

curiosidade e insatisfação funcionam como combustível para a vida.

Esta mistura de Homens e não Homens cria a diversidade que sustenta o paradigma do inferno contemporâneo. Suas vidas vão se passando, formando narrativas fantasmagóricas. Eles não buscam o estranho em si, o vínculo necessário com os outros internos, pois sabem, também, que, se o fizerem, encontrarão uma desgraça. Não encontrarão também seus Deuses, suas respostas, e terão de conviver com verdades desprazerosas, não ideais, que assombrarão seus pensamentos fantasiosos, imperfeitos por toda a vida. Não acreditam que podem encontrar algo que crie um sentimento de conquista, de valor para si, para seus símbolos e vínculos. Pensam que, se mexerem nesse algo, ele por si só já nasceria morto, causando tormento psíquico por meio de manifestações facetadas e esmagadoras em sua subjetividade, seu modo confortável e operante de viver. Vivem em uma ambivalência, pois querem seus Deuses perfeitos, onipotentes, idealizados, porém, não têm coragem de buscá-los, entendê-los, aceitá-los como a coisa-em-si, e não andam de mãos dadas como os dias.

Toda narrativa da vida se torna uma representação cheia de contos e histórias, de amores e medos, de desejos obscenos e perigosos, de sabores e dissabores. Neste percurso, os grandes surgem com suas histórias, com seus jeitos de criarem

Seguindo Adiante

e se imortalizarem. Vivem como salva-vidas, salvando os demais, alimentando suas memórias, seus mitos, tornando-se, no futuro, seus Deuses. Quem não é fantasia.

Nesta esteira da vida, nasce o mundo contemporâneo, com seus vícios e virtudes, entre eles, esse novo Homem, aquele do tipo preguiçoso, covarde, invejoso, fraco, que tenta sugar o seio daquele outro tipo, que não é antigo nem novo, mas que sempre funcionou, o tipo virtuoso, conquistador e corajoso, que sempre levou a humanidade em suas costas, que sofre mais porque precisa pensar e suportar o que não é pensamento. Para ele nada falta, e seu maior desafio é viver plenamente na falta, porque é nela que se encontram suas virtudes e sua coragem. Ele também sabe que o mundo nunca deu certo e nunca dará, porque é simples: ele é resultado do comportamento humano, de Homens e sangue de Homens.

Por trás desta representação simbólica que é o mundo e a vida está o nada, aqueles virtuosos que conseguiram, até hoje, ficarem de pé. O fato é que quase ninguém tem uma personalidade autônoma e ativa, porque dói viver assim, pois implica muita solidão e insegurança. Muitos não suportariam, então, seguem pelo caminho da repetição, copiando, mentindo para si mesmos, esperando o seu fracasso, sua morte que não é nem mais morte. Fracos por natureza, eles odeiam profundamente os verdadeiros indivíduos, provocando uma caçada interminável.

Leonardo Peracini

“Lembrar que estarei morto em breve é a ferramenta mais importante que já encontrei para me ajudar a tomar grandes decisões. Porque quase tudo - expectativas externas, orgulho, medo de passar vergonha ou falhar - caem diante da morte, deixando apenas o que é apenas importante. Não há razão para não seguir o seu coração.

Lembrar que você vai morrer é a melhor maneira que eu conheço para evitar a armadilha de pensar que você tem algo a perder. Você já está nu. Não há razão para não seguir seu coração.” Steve Jobs

Seguindo Adiante

PARA ALÉM DO QUE SOU. DO QUE POSSA
ME TORNAR. ACIMA DE MIM.

“Quando estamos felizes sempre somos bons, mas quando
somos bons nem sempre somos felizes”

Oscar Wilde

Não há nada mais envolvente para um homem do que a mistura de medo e amor. Juntos não manifestam vida, mas a vontade de querer viver. Eles são as tintas que pintam a eternidade. Todavia, existem momentos em que abandonar os sonhos é o melhor caminho, porque nem todo sonho é bom, ou melhor, seu sonho pode até ser bom para você, mas, quando experienciado na realidade, não é um sonho que serve para você. Na verdade, ainda bem que a maioria de nossos sonhos não se realiza.

Leonardo Peracini

Sim! Essa coisa estranha sou eu!

Muito necessário suportar a si mesmo, para que o assombramento da existência humana não nos coloque na margem da vida.

Sim! Eu não tenho a menor ideia do que sou!

Eu só me entendo através de você, e por causa de você, apesar de você. Sem você, não consigo ser eu, também outro.

É você que me representa naquilo que está fora de mim.

Ando vivendo de extimidade!

“Sem provocação, sem o encontro. A provocação abre, por instantes, os enigmas que causam a energia para os desejos humanos brotarem como sonhos. O Encontro não acontece com o outro, mas com a proximidade de si mesmo, daquilo que vaga, perdido, no mais íntimo da inconsciência. O outro surge como Entre, entre o gatilho do sofrimento e da manifestação dos desejos. Quando mudamos, na verdade, apenas nos aproximamos daquilo de que realmente somos feitos. Portanto, não mudamos, nos aproximamos, continuamos a escrever nossa narrativa existencial. Fique tranquilo, porque estar perdido é mais do que natural, nada que nos surpreenda. Agora, não conseguir suportar as perdas, perdas de si mesmo, de objetos e afetos, é mais do que indicado que se procure o Outro, aquele que servirá de

Seguindo Adiante

continente para todo conteúdo de dor e sofrimento. Está angustiado? Marque um Encontro.”

É preciso estar sempre alerta como aquela mãe que, ao meio de barulhos intensos, tumulto, e distante de seu bebê, consegue escutar seu choro; ela pode estar dormindo em sono profundo, e o mundo caindo, que não acorda, mas se seu bebê soluçar, imediatamente, ela desperta, porque reconhece o vínculo existente, consegue traduzir os símbolos em uma narrativa, em representações conscientes. Reconhece, traduzindo, ao campo simbólico, em sentidos de valor, conseguindo reconhecer de longe até o tipo de choro que seu filho está tendo, se é dor de barriga, fome, vontade de colo. Impressionante, que muitos de nossos soluços não conseguimos entender. Choramos, muitas vezes, sem saber o porquê estamos chorando de verdade.

Como um filtro, é preciso separar o que deve ser separado daquilo que está em constante expansão, não pensando em se colocar eticamente no mundo, mas se colocar existindo, em suspensão, como ser humano, capaz de ser quem se é, pronto para transformações e mudanças inesperadas, a fim de sustentar a vida, quebrar paradigmas, ser independente de si mesmo, ganhar resistência sobre a própria consciência, porque, sustentar a vida é sustentar um luto contínuo.

Penso que minhas palavras são pequenas e não contribuem para o entendimento daquilo que está sendo

exprimido. Palavras são apenas palavras, elas nunca representariam aquilo que se deve buscar, como, do mesmo modo, não seria indicado desenvolver um manual para descrever uma obra de arte evidenciando seus mais profundos e ferozes significados. A única verdade está com artista ou com o vivente.

Contudo, para aqueles que não buscam significados e se isolam do pensar, esses são covardes, pois o que está à disposição do ser humano, não está a nenhum outro animal desse planeta. Por menor e impossibilitado que seja um ser humano, ele sempre estará infinitamente acima de qualquer outro animal, em todas as suas dimensões e recursos disponíveis. Aquele que quer ver a luz, esse sim será compensado pela sua coragem de continuar, de simbolizar aquilo que lhe faz sentido. Porém, aquele que vive em escuridão, sempre tentará transferir suas projeções, suas responsabilidades frente à própria vida. Os covardes sempre terão uma noite de sono melhor do que aqueles que nunca descansam, porém, também nunca sentirão o sabor de si mesmos.

“Atirar uma pedra ao fundo de um poço fundo e escuro é fácil, entretanto, buscá-la, não é para todos.”

Visitar o poço, com leveza, farejando, e com tranquilidade é para aqueles que têm asas. Para aqueles que vivem a vida com vida, que têm fome de sentido e que se

Seguindo Adiante

importam com a vida e não com as pequenas coisas que fazem a vida ser vida, são como descreve Fernando Pessoa:

“Se um homem escreve bem só quando está bêbado, dir-lhe-ei: embebede-se. E se ele me disser que o seu fígado sofre com isso respondo: o que é o seu fígado? É uma coisa morta que vive enquanto você vive, e os poemas que escrever vivem sem enquanto.”

Bernardo Soares, um dos heterônimos do escritor Fernando Pessoa.

Vivemos porque existem as lembranças, se não as existissem não seriam nada, não existiríamos. A única coisa que nos difere dos outros animais é a capacidade de nos lembrar, de fazer conexões, de conseguir criar, em nosso aparelho de pensar, pensamentos, sentimentos como amor, ódio e conhecimento. O que nos confunde, muitas vezes, não é o amor, o conhecimento e o ódio, mas sim as lembranças, aquilo que achávamos que tínhamos a certeza de que era, mas que, ao nos depararmos de frente com o crepúsculo da realidade, nos desconcertamos e ficamos confundidos, extasiados com que passa em nosso corpo. Não estamos prontos para entender e suportar toda verdade. Essa maçaroca, de amor, ódio e conhecimento é o que nos dá potência para continuar a caminhar. Diria que o homem que aprendeu a viver é aquele que aprendeu a separar, que é separado, a fazer filtros e decidir, mesmo indeciso no interjogo dele com ele mesmo. Quando

uma pessoa se lembra de mim e de você, na verdade, ela cria um movimento de resgate afetivo, que significa as palavras e pensamentos através do quem e o que representamos para ela. Quantas pessoas nos enxergam melhores do que nós mesmos nos enxergamos? Do mesmo modo, quantas pessoas também nos enxergam pior do que nós somos? E, eu e você, só conseguimos nos enxergar quando estamos diante de um espelho? Penso que esse não seria o melhor caminho, pois acredito que enxergar a si mesmo é saber fazer malabares com as lembranças, com pensamentos que não são o que é, e pensamentos que realmente representam algum fundo de realidade.

“Eu sou, o que acho que sou. O que você acha que sou é apenas representação. Eu não me sou.”

Deparar, pensar e refletir sobre o prisma de muitas situações nos impulsiona a atingir, organicamente, níveis mais profundos, diferentemente, daquela simples imagem projetada nos espelhos, daquilo que enxergamos ser o que estamos sendo naquele momento. Um alerta: Narciso morreu porque a água na qual refletia sua imagem ficou turva. Quantas vezes o ser humano entra em conflito porque não consegue ver e nem se aproximar do que é? Quantas vezes eu e você agimos como Narciso, nos matamos porque a água está turvada? Esquecemos que turvar a água é um excelente caminho para gerar um movimento em nossas emoções, a fim de deslocar

Seguindo Adiante

situações diferentes, que nos tiram da zona de conforto, daquilo que já somos. O problema é que nosso intelecto quer ser visto, desejando tudo que está em volta.

Internamente, temos milhares de espectadores olhando para nosso palco interno, com expectativas, esperando que o nosso eu apareça maravilhosamente e gentilmente perfeito, acima do padrão anterior, diferente daquilo que foi ontem, que apareça mais belo, mais atraente, feliz, sedutor, conquistador, virtuoso. Antes mesmo de o mundo externo nos notar, nosso mundo interno nos castiga, aprisiona com os grilhões da vaidade, da culpa, e dos demais sentimentos de inferioridade. Quantas vezes não vimos vários seres humanos abortarem suas vidas? Abortarem seus sentimentos mais preciosos!?

No campo entre consciência e inconsciência cria-se um vácuo, um meio que se transforma em um abismo que suga, que atrai e seduz a nossa personalidade narcisista, reprimindo-a, petrificando todo potencial humano. Sentimos que estamos caindo nesse abismo, mas não sorrindo e dançando como dizia Nietzsche, sentimos que a água está tão turvada que nosso espírito se petrifica, como uma estátua, uma escultura torta, fragmentada, pesada, des-culpada. Sentimos que a queda se torna mais profunda, mais rápida, porque uma estátua de pedra pesa mais do que qualquer alma humana.

O gatilho vem antes da nossa existência, antes das perguntas, antes do porquê que eu existo. Que significado tem

a minha vida? Antes de todos esses recalques, essas falhas objetivas humanas não intencionais, mas orgânico-espirituais, existem as lembranças, a construção e a conjectura do mundo interno, daquilo que fantasiamos, que acreditamos que seria o encontro com a vida plena, vivida de forma cabal, extasiante, vivente. Como é saboroso ouvir de outras pessoas que suas lembranças são boas quando se trata de nossa existência! Saber que já existimos para alguém. Que algo nos sustenta, porque conseguimos construir boas lembranças em outros seres humanos. O que seria do amor sem lembranças? Do mesmo modo, o que seria do ódio e do conhecimento sem as lembranças? O que seria do ser humano se não houvesse toda sua rede afetiva, sua teia daquilo que nem mesmo ele sabe o que é? Ser humano, é ser o sapateiro de seus próprios sapatos.

Como é assombrador ver que outros seres formaram lembranças sobre nós, que nunca existiram, que serviram apenas para alimentar as neuroses e delírios daquele outro que luta por sentido, por algo que se busca a se agarrar. Esses, nós, covardes, por não conseguirem enfrentar a própria dúvida, o rio turvado de narciso, atuam como parasitas de lembranças de pensamentos perversos, não construtores, detratores de significados, de pulsões mortíferas. Trocam não só uma perversão por outra, mas castigam dentro de si, tudo aquilo que se passa de forma invejosa em seu aparelho de pensar pensamentos. Quando olham no espelho, eles não olham com os olhos do coração, mas com um terceiro olho, aquele que

Seguindo Adiante

supervisiona, inconscientemente, o que falta em si e que sobra no outro, os olhos da comparação, do narcisismo, da amplificação daquilo que chamaríamos de inferno, de miséria e de pequenez humana, da vaidade, inveja por não conseguir ser algo.

Talvez, a maior dor de um ser humano seria a de ser esquecido. Imagine como seria difícil lutar com sentimentos tão ambivalentes como esse de ser esquecido? Esquecido até por ele mesmo. A morte, por exemplo, é o maior esquecimento que um ser humano pode experimentar, pois nem ele mesmo consegue se lembrar de si mesmo. Por isso, tantos têm medo de morrer. Conscientemente, aceitar a morte é aceitar que não teremos mais lembranças, que o fim, em algum momento, irá chegar. Contudo, a morte pode ser o fim, mas, com certeza, não é função, finalidade e meta da vida. A morte apenas faz parte da vida.

Lembrar, lembrar, como é bom, quando os saudáveis de espírito descobrem que sua mente é a maior fonte de entretenimento, que nela estão gravados todos os sabores já experienciados, aqueles entregues pelos pais e filhos, por todas as pessoas que demonstraram afeto e carinho, aqueles que, quando estamos com o sapato apertado, surgem para nos confortar ou confrontar diante da vida, pulsando vida, pulsando morte, nos dizendo para seguir adiante.

Por conseguinte, cada um representa e reage de acordo com o que existe dentro de si, por exemplo, se água turva, alguns entram em desespero, outros sofrem, outros sentem prazer. Por quê? Porque existe uma grande diferença entre aquele que está desesperado e aquele que sofre. O desesperado sofre porque não vê sentido naquilo que está se aglutinando com seu ser, ele não tem nada a que se agarrar, existem estrelas em seu céu, mas ele não as vê. Já, do outro lado, aquele que sofre tem sentido para tal sofrimento e, com isso, fica mais fácil conseguir pensar, saborear fragmentos de lucidez. Em seu céu, além de ver suas estrelas, existem cometas, planetas, luas, que representam a esperança, sabe que o percurso, mesmo árduo, deve continuar, porque sempre há o que se encontrar. Esse, tem um ato de fé de que tudo irá se encaixar. Sabe, também, que o sofrimento, como a morte, faz parte da vida, que o ser humano é transcender diante de situações inesperadas, de pesos não suportáveis, de esquecimentos não entendidos. Para aquele que sofre a vantagem é que, dentro de si, existem muitas saídas para saltar além de seu abismo. Ele consegue construir pontes, sabe usar paraquedas, resgata toda sua força interna através da música que toca em seu espírito, pensando, mesmo sozinho, alucinando, e nunca estará em solidão, pois sua vida é repleta de histórias grandiosas, nela, sempre viveu como um herói, como aquele que buscou incansavelmente o trono. Sua solidão preenche. Na solidão vazia, estará o desesperado, que, diante de tantas pessoas, estará vazio, angustiado, represado de

Seguindo Adiante

sentimentos não nomeados, assombradores. Esse, sim, estará sempre sozinho, pois não existem lembranças que valham a pena resgatar. Sua vida, diferente daquele que conseguiu gozar, produzir algo em meio a toda miséria humana, não se elevou, não se encheu de sentido, não foi preparada para atravessar o deserto que um dia viria bater à porta. Ele não coleciona sofrimentos e vitórias dignas de uma vida, pois sempre as recalcou, escondendo-as abaixo de seus olhos, fugindo de tudo que exigia transformações e dor. Esse, o deserto não o matará, pois sempre esteve morto, ele era o puro deserto e não sabia.

ACÚMULO DE MEMÓRIA.

“Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável devemos transformá-la e quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos.”

Viktor Frankl

Quantas vezes um ser humano está em sofrimento, e outro se põem como continente a fim de abraçar o conteúdo latente daquele que sofre? Quantas vezes esse ato faz lembrar, naquele que sofre, as imensas e infinitas lembranças boas que teve ao longo de sua existência? Ou melhor, recria os infernos humanos, suas subjetividades, suas histórias que ainda devem ser contadas, reconfiguradas, suas dores mais profundas não trabalhadas, sua existência.

Muitos julgam a vida de uma maneira muito reducionista, achando que apenas um grande momento pode representar toda sua existência, sua maneira de viver frente a toda representatividade do mundo. Aquele ser humano de

Seguindo Adiante

grande potência, o qual evidenciamos, nunca vê a vida por esse vértice, pelo contrário, ele sabe que relembrar tudo de bom e de ruim cura, quebra os grilhões daquilo que se está passando, pois seu copo, mesmo cheio, é trocado por outro, está sempre aspirando feitos maiores, grandiosos, porque já viu outros chegarem longe. Ele se inspira através do outro para se representar, tem consigo seus outros que se movem como dragões internos jorrando fogo; sua figura muda quando entra nesse estágio, saindo da posição de apenas conteúdo latente, manifesto, recalcado, para continente, acolhedor de tudo que atravesse seu caminho, inclusive ódio, vaidade, inveja e amor.

Ser continente para um ser humano que sofre é uma das maiores obras que outro ser humano pode construir. Evitar abortos internos, de sentimentos que podem se transformar em monstruosidades que atormentarão a outrem eternamente, é salvar, ao longo prazo, a vida que persiste naquela vida, que deve estar além de ser lembrada, ser vivida por aquele que sofre, mas que também sabe que, além das profundezas de seu corpo que sofre, existe algo sem nome que gera vida, algo que, mesmo quando desiste, luta para ser desobstruído, pulsa lentamente, mesmo fraco, abafado, mas que jamais será esquecido, mesmo naqueles seres humanos insignificantes, que não são dignos de sua própria existência.

Viver a dor é viver lembranças. Reconstruir lembranças é ter orgulho de viver a vida, de contar histórias. Nenhum ser

Leonardo Peracini

humano se sente feliz se não experienciar momentos que registrem e provoquem a superação de seus dramas, conflitos, traumas e desconformidades internas. Mas, é assim, errando que se vai descobrindo parte do enigma da verdade. Somos abençoados como espécie, porque somos únicos, somos capazes de levantar a poeira e dar a volta por cima, somos seres dotados de inteligência, que nos proporciona a vantagem de criar e desenvolver o que nos faz bem.

“Tentamos melhorar as condições de vida com ar puro, luz solar à vontade e água limpa, além de casas simples e horríveis para melhor acomodar as classes baixas. Mas estas coisas produzem apenas saúde, e não beleza. Esta última requer arte. E os verdadeiros discípulos de um grande artista não são seus imitadores de estúdio, e sim aqueles que se vão assemelhando às suas obras. Em síntese, a vida é o melhor e o único aluno da arte.”

Oscar Wilde

VAIDADE, FINGIMENTO, PURA VERDADE.

“Quando a dor de não estar vivendo for maior que o medo da mudança, a pessoa muda.”

Sigmund Freud

A voracidade de nunca descansar, buscando audiência, é um dos sintomas que nos dá um feedback interno de como estamos vivos. É necessário estar sempre alerta para não passar da borda da normalidade, como repetia meu grande professor Alcides, um olho no gato e o outro no peixe. A vantagem é que, em meio a todo esse caos, no interjogo entre o mundo interno e externo, desenvolvemos uma mente criativa, que nos mantém mentalmente saudáveis, sólidos como humanos, desenvolvendo resistência contra todo o tipo de maus tratos. Não sabemos onde podemos dar ou que somos capazes de fazer, apesar de tudo. Mas, a notícia boa é que estamos melhores do que aqueles que viveram há centenas de milhares de anos. Quantos milhões de anos não foram necessários para que atingíssemos um estado como esse? Quanto

biologicamente não foi modificado na estrutura humana? Estamos na era do afeto, um dos maiores enigmas da espécie humana.

Como deve ter sido belo assistir pela primeira vez dois seres humanos se comunicando, tentando não mais jogar pedras, mas buscando um denominador comum, a harmonia entre um continente e o conteúdo manifesto, algo que se afete, que criasse vínculos eternos.

Sem dúvida, o maior e mais belo passo da humanidade foi quando dois seres humanos se encontraram, olharam nos olhos, sentiram algo ainda não sentido, nomeado internamente, e descobriram que, além de carne e osso, de sua distribuição em grupos pela terra, pela busca de comida e sexo, existia algo além, que se abstraía quando em contato com o outro, algo extraordinário, diferente.

A espécie humana é única, diferente das outras espécies. Os seres humanos são os únicos que conseguem colocar a mão no seu peito e sentir que seus corações batem, que olham para algo e conseguem desfragmentar e decifrar o que está acontecendo, que, quando se encontram, sentem algo atraente, diferente, muita coisa além do caminho reprodutivo. Internamente, de uma forma tão significativa, conduzem muitos a nunca se separarem, tornando atos sagrados de sobrevivência, em prol não mais de comida e sexo, mas de sobreviver pelo afeto, pelo sentido da vida.

Seguindo Adiante

Hoje, não precisamos mais correr atrás de fogo, comida e sexo para sobreviver, pois esse episódio da evolução superamos. Não sobrevive hoje, aquele que não consegue fazer fogo com o afeto, vínculo com a comida e amor com o sexo. O que nos aterroriza é que, de todas as espécies que vivem em nosso planeta, a nossa é a mais sábia, mais consciente, inteligente, contudo, ainda não sabemos tudo que necessitamos, que gostaríamos, deveríamos, tudo o que desejamos. Por isso, vivemos angustiados, correndo atrás de respostas, procurando sempre nos satisfazer mais e mais com aquilo que ainda desconhecemos, vivemos eternamente em busca, vivemos porque buscamos. Essa busca é o preço que devemos pagar pela pouca sabedoria que conseguimos desenvolver. Entretanto, é nesse percurso que se encontra o sentido da vida, os porquês e para quês devemos viver, o brilhantismo de conseguirmos enxergar, todos os dias, algo diferente, algo que está em constante mudança, se transformando e transformando todo meio, todo aquele que é atingido e perfurado pelos seus estímulos. “Diferentemente das aranhas, que nascem doutoras em produzir teias, que nascem sabendo, prontas, acabadas, sabem o que devem fazer, o modelo que devem seguir. Passam a vida inteira produzindo só teias, as mesmas teias, o mesmo processo continuamente, são escravas de seus instintos, vivem eternamente aprisionadas em produzir suas teias, porque já nasceram sabendo fazê-las”,

diz o filósofo Mario Sergio Cortella em muitas de suas palestras.

Ao contrário do ser humano que nasce inacabado como uma tela em branco a ser pintada, seus instintos são fortes, dominadores, mas administrados pelo aparelho de pensar pensamentos, uma rede magnífica, que se transforma e transforma todos aqueles impulsos que entram em contato com o corpo, com nossa estrutura humana. Percebam, um formigueiro do século XIII é o mesmo do século XXI, não mudou nada, sua estrutura hierárquica é a mesma, as formigas fazem o mesmo trabalho, seguem a mesma função desde que são formigas no planeta, mas têm o mesmo problema das aranhas, elas também são escravas de seus instintos, vivem em prol de segui-los, não mandam em si mesmas, só seguem sua programação instintual, vivem uma vida sem graça, sem sentido, sem delírios, não fazem escolhas, não se tornam formigas. Dificilmente você verá uma formiga pedindo demissão do formigueiro porque cansou, está estressada, que não aguenta mais viver fazendo aquela mesma coisa, que está se demitindo porque não se dá bem com as outras formigas, que sua vida está sem sentido, que irá buscar novos ares, ou melhor, aprofundando mais um pouco, não verá aquela formiga dizendo que está com uma crise existencial, que tirará um ano sabático para refletir sobre sua existência. Meu amigo leitor, fique tranquilo, isso nunca acontecerá com uma formiga, mas talvez com você, porque a palavra que move essa diferença

Seguindo Adiante

brutal entre aqueles que são dominados por instintos e os que não são, é a escolha, a capacidade de pensar, de agir frente a determinado estímulo, de gerar mudanças, transformações, novas redes internas, de se afetar. Por isso que o homem do século XVIII já não se adequa perfeitamente ao século XXI, porque muita coisa mudou, e mudou fortemente.

Nesta corrida sem chegada, com toda essa estrutura evoluída a nossa disposição, não fazer nada, ou escolher não fazer algo benévolo, seria viver a vida de má fé. Provoca-nos novamente Cortella: “O animal não come nada que lhe faz mal. O ser humano, sim, porque pode escolher. ” Além de muita verdade nesta simples, mas arrebatadora reflexão, aliás, fazendo uma ponte, Leonardo Da Vince dizia que a simplicidade é o último grau de sofisticação e Mario Sergio Cortella tem esse poder da simplicidade, de elevar pensamentos a graus muito sofisticados. Pois bem, retomando, nenhum animal comerá aquilo que lhe faça mal, claro, só se for engando, pois seus instintos e aparelhos não permitirão que o faça, sua programação consegue reconhecer o que é bom e o que é ruim. Diferentemente de nós humanos que, pelo fato de possuir o poder da sabedoria, da escolha, da capacidade de conjecturar e formar pensamentos, escolhemos, por muitas vezes, nos destruir, pegamos caminhos errados, sem voltas, escolhemos mal, e transformamos para pior o meio em que vivemos, regredimos à evolução da espécie, impactamos os demais negativamente, alimentando nossas mentes igual os

porcos, com isso, nos tornamos resultado da mudança de nossos comportamentos. Temos, como resultantes, efeitos coletivos e individuais, negativos ou positivos, dependendo do vértice analisado. Criamos novos valores, novos códigos. Evoluímos também quando erramos, porque o erro nos dá a oportunidade de parar e refletir sobre o que aconteceu, ou está acontecendo. Conseguimos, através de nossas capacidades humanas nos desenvolver para que superemos tudo aquilo que está fazendo mal ou não gerando prazer. Ao contrário de um pombo, que voa o dia inteiro, também dominado por seus instintos, suas ritualísticas, programadas na execução de fazer ninhos, de se alimentar e reproduzir. Em algum dia, ele também resolve parar, analisar sua vida, e decidir não ter mais filhotes de pombos, porque está cansado, porque já existem muitos pombos no mundo, porque quer viver sozinho, acredita pelos seus conjuntos de crenças e valores, que chocar ovos é chato pra caramba, dá trabalho, e que não quer perder tempo fazendo isso, prefere se divertir, ser livre. Resolve, então, mudar de conduta, e em vez de ir para casa voando, hoje resolve ir a pé, observando novos ângulos, pois hoje, também estaria cansado de voar e anda para quebrar a rotina, porque é um pombo livre, um pombo contemporâneo.

Entendam, jamais você como humano verá uma cena dessas, porém, pode fantasiar sobre por que tem a capacidade para isso, pode pensar a respeito. Sua liberdade está em poder escolher, ao contrário dos pombos, escravos de seus instintos,

Seguindo Adiante

fazem, porque devem fazer. Você pode escolher viver de acordo com seu tempo, com o que o destino impõe, com a música que toca e que lhe toca, pode viver benevolmente em seus atos de fé, em suas escolhas, pode se arriscar em querer aprender a viver, e tudo depende exclusivamente de cada um, pois cada um tem consigo seus conjuntos de crenças e valores que permitem fazer escolhas, que serão resultantes de seus comportamentos, pensamentos, exemplos, permitindo evoluir a formação do sujeito, das subjetividades suportadas, registradas inconscientemente, das revoluções dos valores, como proponha Nietzsche em seu conceito das transvalorações de todos os valores. Não espere que o mundo dê certo, pois ele nunca dará! Para você, que pensa ao contrário, se prepare, porque sofrerá mais do que os outros. Agradeça que, com um pouco de evolução, hoje, muitas de nossas escolhas são permitidas, que, quando não suportadas pelas massas, pela coletividade, não nos levam a sermos queimados em praças públicas.

SEMPRE EXISTIRÁ ALGUMA COISA
ERRADA.

“Morreu de que? Se sufocou com as palavras que nunca disse.”

Sabemos que a maior parte dos processos de uma mente humana é inconsciente, por exemplo, todo o sofrimento nada mais é do que um acúmulo de demasiadas pulsões entendidas e não entendidas, com o fim de evidenciar o quanto nosso organismo está regulado frente a todas as descargas de estímulos, a todo processo de processamento e digestão de energia mental. É tão verdade que o sofrimento brota quando não conseguimos nos defender de um ataque. Quando ficamos sem chão, sem saber o que fazer, ficamos assim, porque muitas das vezes não sabemos mesmo o que fazer. Por outro lado, um ataque de elogios que, quando é feito a nossa pessoa, também ficamos indefesos, sem saber como reagir. O Dr. Freud dizia que “sofremos de reminiscências que se curam lembrando”. Retornamos, aqui, um dos pontos cruciais desta obra, de que a

Seguindo Adiante

cura, a orientação para a desorientação está nas lembranças, naquilo que deve ser superado, não só com um retorno e uma reconstrução do passado, mas com uma visão do que podemos vir a ser.

“Vamos retornar, vem comigo, porque passado que volta, não é passado. É vida não vivida. É presente entregue. É repetição nova. Gosta de ganhar presentes? Somos constantes repetições. Somos o que somos, porque repetimos. Já tentou não se lembrar de você? Tem gente que faz isso o dia inteiro, vive sem ser, tem amnésias de Sou, de passado. Se não fossemos, não seríamos. Sei o que sou, porque o passado sempre voltou. A diferença está na vida que volta, não no passado repetido, preste bem atenção na vida, naquilo que está atrás do passado. Quando se trata do meu passado eu sou ciúme próprio, sou ciúme de vida, não ciúme de morte. Não lamento nada de nada! Você pode sentir ciúmes de vida ou ciúmes de morte. A diferença está na vida que vem, naquilo que brota, não nos ciúmes.

Dependendo do contexto, chamar uma pessoa de ciumenta pode ser um belo elogio, já elogiou alguém assim? Se não gostarem, não se preocupe, eles não sabem que sabem. E é verdade, não sabemos de onde vêm esses ciúmes, nem da vida que vem. Ciúmes é vontade de engolir outra pessoa. É vontade. É pessoa. É humano. É não ser naquele momento, para ser de outro jeito, ser, cem por cento o outro. Quando sou outro, livro-me daquilo que sou, do outro que não quero,

que não me satisfaz sozinho.” – Trecho do livro Certo, mas por linhas tortas.

Pode existir o melhor medicamento para reduzir a dor existencial, mas, certamente, esse medicamento nunca será mais eficiente do que bondosos pensamentos e palavras. Um medicamento novo é apenas um medicamento novo, ajuda, mas não se pode compará-lo a milhões de anos de desenvolvimento entre o humano de um ser humano. Ambos podem até caminhar em parceria, mas, efetivamente, a melhor maneira de tratar um ser humano em sofrimento ou em desespero, é através de outro ser humano.

Mesmo o amor, que muitas vezes acreditamos que sentimos, na maioria das vezes, usamos outro humano para projetar a nós mesmos, nossas perversões, nossas carências e faltas. Com efeito, todo homem tem seu caminho, contudo, ninguém pode fazê-lo. Só a experiência de trilhar a existência é capaz de desenvolver um humano, diferentemente de qualquer outra espécie. Freud também dizia que “Cães amam seus amigos e mordem seus inimigos, bem diferente das pessoas, que são incapazes de sentir amor puro e têm sempre que misturar amor e ódio em suas relações.” Portanto, poderíamos ser muito melhores e mais desenvolvidos do que já somos, se, talvez, fôssemos menos narcisistas, egoístas, invejosos, e fracos emocionalmente, se caso o fosse, esqueceríamos a nós mesmos e projetaríamos as necessidades dos outros seres humanos em

Seguindo Adiante

nossa existência, o que, certamente, fariamos de nós seres mais livres, responsáveis e preenchidos. Sentiríamos orgulho, não só de nós mesmos, mas de ver nossos próprios desejos sendo realizados, consumados pela audiência do intelecto e do interlocutor. Nossos delírios seriam mais controlados, menos opressores, e a inteligência dominaria os instintos mais detratores, abrindo espaço no mundo interno para demasiados estímulos promotores, impulsionando, assim, não só o ser humano a ser quem deveria ser, mas transvalorando suas potências, seus valores, seu estado atual, seus sonhos e fantasias em desejos reais, realizáveis no mundo externo, trazendo à tona, constantemente, à sensação de vida uterina, lugar onde sempre se existiu, sem pensamentos; apenas a existência em sua forma mais cabal.

Nesse prisma, evocamos para assombrar ainda mais a reflexão, o filósofo francês, escritor e político Michel Eyquem de Montaigne, que escreveu “Que há mais diferença entre dois homens do que um animal e um homem. E a coisa é que devemos viver com os vivos.” É uma missão difícil, pois exige que o ser humano crie em seu mundo interno uma forma de retornar sempre que necessário ao seu útero psíquico, a fim de reconstruir e saborear sentimentos magnos de proteção, conforto, segurança, paz e amor, conjecturando nesse movimento os ciclos da reprodução, reavivando psiquicamente todas as fases da elaboração humana, como se houvesse uma capacidade de renascimento, de se reproduzir

continuamente, suspirando e clamando, por segundos efêmeros, à própria imortalidade, dando as mãos com o inferno interno, ódios reprimidos, sentimentos não sentidos; que seria um encontro com o que há de mais estranhado em um ser humano. Talvez, esse renascimento seria o céu sagrado que tantos buscam. Nele, todas as carências são deixadas de lado, o sentimento materno, que surge com sua potência e vivacidade, demonstra aquele que sente o alcance mais profundo de suas raízes, envelopando e enviando mensagens de reelaborações necessárias à vida que suspira, que enche os pulmões de sentido e exala toda a angústia e sofrimento que impede seu pleno caminhar, seu modo intrínseco de dinamizar aquilo que se é, e que ainda não se fez, aquilo que um dia virá se tornar a ser, como gaiolas que estão vazias, esperando de portas abertas seus mais belos pássaros, como pássaros que estão engaiolados, com as portas abertas, sonhando, e com seus espíritos inquietos, esperando um dia os mais belos e deliciosos voos.

OU A GENTE VIVE, OU A GENTE
TERMINA.

“Por que é que me deste a tua alma se eu não sabia que fazer dela como quem está carregado de ouro num deserto.”

O que move as montanhas não é apenas o ato de fé de que, um dia, tudo entrará nos eixos da existência, mas, a culpa de não conseguir atingir ou se mover diante daquilo de que se carece, porque, nunca, nada, entrará no eixo. A existência só existe porque não há nada fixo, definido, programado. Tudo é incerto.

Mover o mundo é mover a si mesmo, é tentar viver como os poetas que, antes de escutarem as palavras, desengendram, a tradução de seu sentido. São intelectuais da dor, sentem, e sabem dizer o que sentem. Seus ouvidos apenas não escutam, transmutam além do que se ouve. Para eles, nenhuma palavra é a mesma palavra, como nenhum homem é

Leonardo Peracini

o mesmo homem. Tudo está em expansão, transformando e sendo transformado.

Fragmentos do nada

Águas que rolam,
Pensamentos úmidos, inacabados.
Portas fechadas,
Janelas de ferro.

Bloqueios inconscientes,
Vida em espera,
Com verdades surpreendentes.
Vaidade. Vaidade.

Culpa negada,
Dor incansável,
Vivente dentro do Eu,
Egoísta.

Pensamentos que somem,
Pessoas que aparecem,
Com culpas destorcidas.
Vaidosas.

Seguindo Adiante

Dor pensante,
Desejos divididos.
Vida que segue.
Indivíduos vivos.
Morte aterrorizante.
Existência insignificante,
Significante.

Um dos motivos que paralisa um ser humano a não conseguir seguir, a continuar viver sua vida com sentido é a dor psíquica em demasia, suas compulsões e defesas. Aquele ser humano que se ocupou em apenas criar fundações de prédios e deixou de lado as fundações humanas. Talvez, em situações de dores psíquicas, ficará desnordeado e clivado em sentimentos ambivalentes, com cesuras profundas em sua personalidade, em seu modo de lidar com aquilo que Nietzsche alerta em seu texto, “O Que se Pode Prometer”: “Pode-se prometer ações, mas não sentimentos, pois estes são involuntários. Quem promete a alguém amá-lo sempre, ou odiá-lo sempre, ou ser-lhe sempre fiel, promete algo que não está em seu poder; mas o que pode perfeitamente prometer são aquelas ações que, na verdade, são geralmente as consequências do amor, do ódio, da fidelidade, mas que também podem emanar de outras razões, pois a uma ação conduzem diversos caminhos e motivos. A promessa de amar sempre alguém significa, portanto: enquanto eu te amar,

manifestar-te-ei as ações do amor; se eu já não te amar, pois, não obstante, receberás para sempre de mim as mesmas ações, ainda que por outros motivos. De modo que a aparência de que o amor estaria inalterado e continuaria sendo o mesmo, permanece na cabeça das outras pessoas. Promete-se, por conseguinte, a persistência da aparência do amor, quando, sem ilusão, se promete a alguém amor perpétuo. ”

Quando algo atinge nosso corpo físico de maneira insuportável, defendemos a ele involuntariamente. Temos, como exemplo, queimaduras de quase 100% do corpo, os pacientes de tanta dor, não sentem a dor, do mesmo modo, perdas de membros em acidentes. O que acontece é que, pelo excesso de estímulos, o corpo não consegue processar tamanha demanda, acontece um desligamento completo que causa pane em todo o sistema. Por vezes, tudo é desligado a comando do nosso sistema nervoso, com o objetivo de proteção. Em nossa dimensão psíquica, tento, aqui, representar do mesmo modo. Por muitas vezes, perdemos a consciência quando recebemos uma péssima notícia. Perdemos o “rumo” quando não conseguimos interpretar o porquê estamos em dor e por que tudo isso está acontecendo. Mas, também, em situações em que a dor é tão grande que não conseguimos senti-la, ela pode ser recalcada, escondida, mascarada por mecanismos humanos que existem para nos ajudar a nos defender, a não “explodir” pelo impacto. Por isso,

Seguindo Adiante

em situações de profunda dor, de traumas, a dissecação e a biopsia da psique são tão importantes.

O preenchimento se faz com um retorno àquela dor não suportada, àquele momento de impacto, porém, de maneira cuidadosa, no tempo necessário. O sentimento de amor e de sentido pela vida é o que impulsiona aquele que sente que deve seguir adiante, a dizer para si mesmo que, mesmo diante de tanta dor, essa, por si, é a chave para produzir uma quantidade desejada de sentido, de amor, de prazer, tornando os desejos mais fortes a favor da vida. Sabemos que não existe amor se não houver ausências. Não prometemos amor a ninguém. Entre o ser humano e, o amor, existe uma ponte, que se chama dor.

Coroai-me de Rosas

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade,
De rosas —

Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!

Coroai-me de rosas

Leonardo Peracini

E de folhas breves.

E basta.

Ricardo Reis, in "Odes"

Heterónimo de Fernando Pessoa

Um dia tudo irá acabar, as luzes irão se apagar, a cortina será fechada e o fim chegará, para todos. O que nós, seres humanos queremos, é não querer esquecer. Aprendemos que, quanto mais se passa o tempo na inexistência da temporalidade do nosso aparelho de pensar pensamentos, descobrimos que sabemos menos coisas, que poderíamos saber muito mais, e que a nossa capacidade de engendrar novos pensamentos é ilimitada. Esse movimento deixa nosso corpo em polvorosa, ambivalente, em quase um curto-circuito entre pensamento, sentimento, existência, dor, conhecimento, amor e ódio.

“O tempo passa, mas passa tão depressa, que estou quase contratando um advogado para me defender contra o tempo, ou algum assassino que consiga matar esse tempo. Tempo se ganha, se perde, se mata. O problema é que damos muito valor ao tempo neste mundo moderno. Dizemos que corremos contra ao tempo. Acho que não. Pensando aqui, o problema não está no tempo, mas na vida temporal. Sem dúvida, a vida não tem tempo, vida é como uma pintura, o artista nunca sabe a hora que irá acabar. Ele sente, interrompe,

Seguindo Adiante

não porque terminou, mas porque ali é ponto de interrupção para que a obra se immortalize e continue a produzir a si mesma por aqueles que degustam seus mistérios, belezas e valor. “A Noite Estrelada” de Vincent van Gogh, quando foi acabada? Em que ponto Friedrich Nietzsche resolveu finalizar sua obra “Assim Falou Zaratustra”? Quando Fernando Pessoa parava de pensar e finalizava seus versos? Do mesmo modo é o homem, atemporal, sabe que irá morrer, porque já viu morrer, mas não sabe em qual tempo pode viver. Então, não irei contratar ninguém, nem advogados, tampouco assassinos, perderei muito tempo com isso, pois eu já estou sendo demasiadamente os dois, um excelente assassino.”

Deste alvoroço do deleite da vida, entre a travessia das lembranças e as conjecturas de emoções alentadoras, se edifica a sabedoria pelo sabor das narrativas sonhadas, das histórias contadas, as quais vivem o Homem, sustentado pela superestrutura, protetora da loucura, que a estimula, mantém sua normalidade não patológica, alucinatória, atemporal. Quem sonha não adocece. Sabedoria é conseguir lembrar o gosto daquilo que foi sonhado, é não querer esquecer, é querer existir não no antes, nem no depois, mas no alvoroço da travessia daquilo que está entre o entre, em polvorosa no aparelho de pensar pensamentos.

Como em uma hierarquia dos pensamentos vamos guardando, acumulando a nós mesmos, todas as lembranças,

momentos que pulsam com uma vivacidade vaidosa, que criam alças e gavetas que esperam serem abertas, a fim de nos permitir saborear o rastro que deixamos. Essa hierarquia que transpõe cada lembrança, cada pensamento a ser sincronizado em sua rede, cada ato de vida, cada sentido sentindo. Do mesmo modo, somos contrariados, provocados por abriremos gavetas que não deveriam ser abertas, mostrando-nos coisas que causam gosto amargo, que nos fazem sofrer, que nos amarram, impedindo de seguir aos próximos pensamentos, a continuar na escalada da hierarquia do pensamento que estamos buscando; a busca daquele sentido que sabemos que mesmo em dor irá nos curar. Essas gavetas cheias de entulhos, bagunçadas, sem asseio, nos orientam para o próprio consumo, aquele, em que o corpo se consome no seu consumo, transformando, nossa mente em um poderoso crematório. Aos poucos, e aos pedaços, sem perceber, vamos fazendo fumaça, dissipando cinzas, nublando a visão e nos intoxicando. Quando se nota, e se é que todos notam, além de virar o crematório de si mesmo, nos tornamos também um crematório para outras pessoas, geralmente, para nossos filhos e seres humanos mais próximos, que seguem do mesmo modo, como um ritual, um modo de agir, a fim de sentir, de matar a saudade, visitando sempre, em seu mundo interno, a mistura das nossas e das suas cinzas.

Dias mais, outros menos, o apetite sempre muda. Um dia, comemos mais, outro menos, como o sono, que tem dias

Seguindo Adiante

em que queremos dormir mais e outros menos, como a vida, que tem momentos em que sentimos que estamos vivendo mais, em outros menos. Por outro lado, quando encontramos imediatamente a lembrança que procurávamos, conseguimos resgatar vida, sentimos novamente o que sentimos naquele momento, como um retorno àqueles segundos efêmeros de pulsões de vida, de liberdade, carinho, conforto, amor, de vida com vida, ou nos encontramos com o próprio terror.

Interessante que, nesses momentos extasiados, frequentemente ficamos excitados por dentro e calmos por fora. Entramos em um transe, em um movimento de sonhar, acessando às milhares de gavetas e conexões deliciosas que causam prazer e desprazer, entusiasmos pelo que se degusta na mente, até mesmo aquelas lembranças tristes que foram gravadas para nos mostrar sempre o rosto daquele que não mais está ao nosso lado, seu jeito de agir, seu conteúdo, sua personalidade, sua forma de odiar e amar.

Comparamos essas sensações com o sono, que nos vai tomando aos poucos. Vamos sumindo lentamente, perdendo a conexão com a realidade, percebendo o desfazer de nós mesmos e, sem consciência, entramos em sono profundo. Assim é o amor que, aos poucos, vai nos dominando lentamente, nos consome, seduz e anestesia. Igualmente, sem perceber, começamos a esquecer de nós mesmos, e acabamos nos esquecendo. Entramos em uma dimensão parecida com a

do sonho, onde tudo é permitido. Ambos, sono e amor, são grandes roubadores de vida, pelo seu poder em dominar um espírito, um corpo que se esquece, mas que se sente seguro, por se deixar levar. Sem perceber, fechamos os olhos, e entramos no ritmo da pulsão que pulsa, porque deseja pulsar, porque é desejo desejante. Levemente, fechamos os olhos e tudo que está a nossa volta some, o mundo passa a não existir, sentimos apenas o sentido da vida, das potências humanas, das fantasias, dos delírios, dos prazeres, das subjetividades, a satisfação cabal de anestesia, da inexistência de fome e dor, pelo que tudo vira poesia.

“O que é o Homem?

O que não é?

Não é mais que a sombra de um sonho.”

Píndaro

Ser humano não é desfazer-se de nada, substituir aquilo que faz mal, pelo contrário, é acumular lembranças, pensamentos, sentimentos, sentidos que nos tornam mais sábios, livres para escolher o que deveríamos ser, sem manias de trocar, de derrubar, de desconstruir. Conseguimos lidar com tudo acumulado, pois somos diferentes dos animais, nossas capacidades nos levam a criar conexões e filtros em muitas dimensões, a saber lidar com aquilo que, a princípio, não aceitamos, não entendemos, mas que também nos move, que

Seguindo Adiante

acrescenta em outras conexões fragmentos e ensaios de formas e coisas novas, que se entrelaçam e transformam o transformado, como a música, que transforma cada ouvido, cada momento, que, em suas pulsões e toques, acessa nossa mente de maneiras, funções e mapas diferentes. Cada melodia ou ritmo provoca uma sensação, uma expressão de arte, de misturas que formam uma maçaroca perfeita, com raízes de alta e baixa potência, mas que são raízes que fazem o sistema funcionar como ele é.

Não existe fumaça se não houver fogo. Não existe fogo se não houver atrito. Não existe pensamento se não houver sentimento, travessias, cesuras, conexões, coisas acumuladas, gavetas abertas, bagunçadas, asseadas. Não existe vida se não houver sentido. Podem existir várias teorias e estímulos tentando nos ensinar a viver, mas a vida, essa não tem regras. Não se ensina a viver, não temos um ponto fixo, pois estamos em constante transformação. O que é antigo no mundo externo serve pouco para hoje, e o que se imagina, o futuro, também não se adapta ao hoje, pois não se construiu ou, provavelmente, talvez, nem venha a existir. Quem se preocupa em aprender a viver, esquece de viver. Se existe algo que se deva preocupar, é aprender a morrer. A morte sim, essa é crucial para dar sentido à vida, pois mesmo nunca morrendo, deliramos de medo, do medo que temos de não existir, do fim que irá ser fim.

Leonardo Peracini

Mestre - Álvaro de Campos, por Fernando Pessoa

Mestre, meu mestre querido!
Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
Vida da origem da minha inspiração!
Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?
Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem
de nada,
Alma abstrata e visual até aos ossos,
Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre
múltiplo,
Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,
Espírito humano da terra materna,
Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva...

Mestre, meu mestre!
Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,
Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,
Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de
mim!

Meu mestre e meu guia!
A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem
perturbou,

Seguindo Adiante

Seguro como um sol fazendo o seu dia
involuntariamente,
Natural como um dia mostrando tudo,
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua
serenidade.

Meu coração não aprendeu nada.

Meu coração não é nada,

Meu coração está perdido.

Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.
Que triste a grande hora alegre em que primeiro te
ouvi!

Depois tudo é cansaço neste mundo subjetivado,
Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,
Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.

Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao
relento

Pela indiferença de toda a vila.

Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
Deixadas aos molhos em alinhamentos sem sentido.

Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem
ninguém.

Depois, mas por que é que ensinaste a clareza da vista,
Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver
clara?

Leonardo Peracini

Por que é que me chamaste para o alto dos montes
Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?
Por que é que me deste a tua alma se eu não sabia que
fazer dela

Como quem está carregado de ouro num deserto,
Ou canta com voz divina entre ruínas?
Por que é que me acordaste para a sensação e a nova
alma,
Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre
a minha?

Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele
Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
Que poderia ao menos vir a agradecer,
E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.
Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!

Feliz o homem marçano
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda
que pesada,
Que tem a sua vida usual,
Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio,
Que dorme sono,
Que come comida,
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.
A calma que tinhas, deste-me, e foi-me inquietação.

Seguindo Adiante

Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.

A característica dessa reviravolta, em que o ser humano sempre está se debatendo com a algo, se deve ao fato das manifestações de ausências e faltas psíquicas que nunca serão preenchidas, as quais acometem, de maneira desigual, uns mais, outros menos, chegando a existir uma parcela que poderíamos nomear como analfabetos emocionais que, provavelmente, desses, muitos estejam morrendo sem sentido, sem experienciar o movimento de exorporação, não de si mesmos, mas da totalidade da natureza humana.

Nesta desordem é que se encontraria a subjetividade que nomeamos de liberdade, daquilo que não existe nomeação, que ficou gravado, em nosso cerne, como um borrão, com o propósito de nos fazer sentir que perdemos algo que se foi para sempre, que deixou um vazio não preenchido. Não sabemos o que é, mas o passamos a vida inteira procurando. Seria algo que conseguimos sentir a pulsão de seus fragmentos, mas que nunca iremos encontrar. Buscamos coisas parecidas, similares, mas que também nunca nos deixam satisfeitos. Seu prazer e sentido são efêmeros, sem serem percebidos. Quando notamos o vazio, ele reaparece, e o desejo de buscar volta a assombrar. Olhamos para os lados e assistimos, do mesmo modo, outros buscando o que também não sabem o que se

busca, tentando entender o que era aquilo que se foi, se é real ou fantasioso, se é necessário ou natural, se é o que se é. Nunca seremos completos, pois somos facetas em meio ao completo-complexo. Vamos vivendo essa estranha insatisfação divididos, e não de indivíduos, o que me fez, agora, lembrar um pensamento de Nietzsche, que diz que “Amamos mais o desejo do que o ser desejado”. Para existir esse desejo de que fala Nietzsche, antes, deve faltar algo, pois não existe desejo, sentido, e amor, se não existir a falta, a ausência de algo. Esta incompletude nos convida a provocações do tipo: Se eu odeio o que me falta, o que faz esse ódio se manifestar? Se eu amo, o que me falta para eu continuar a amar? Se eu não sei, o que me impulsiona a querer saber? Se eu penso, o que existe antes do pensamento que me faz pensar? Se eu sinto, o que existe antes desse sentimento que me conjectura por dentro, convidando a sentir mesmo quando não quero sentir? O que me faz ouvir uma mesma música, tantas vezes na vida, e não enjoar?

Quando estamos de frente para nossas vidas, observando-as com profundidade, nos desarmamos, pois, neste movimento natural, vamos percebendo que os papéis começam a se alternar. Ficamos estupefatos com nosso desarme e, confusos com sentimentos ambivalentes, desnorreamos, sem saber mais quem somos. Podemos comparar esse movimento com a observação de uma poderosa obra de arte, que também produzem impactos estelares em

Seguindo Adiante

nosso mundo interno, nos desarmando. Quando notamos, estamos sendo interpretados por ela, e não mais estamos na figura de intérprete, a coisa muda.

Sendo engolidos pelo poder e beleza das obras de arte, sentimos, que são provocações humanas as quais, dinamicamente, em giros espirais internos psíquicos, ganham forma e deformam o que se é, afetando as subjetividades. Sem percebermos o impacto, mudamos e nos retiramos de nós mesmos. Transformamos algo em algo, uma coisa em não coisa, a coisa em si, em representações condensadas, não entendidas, mas sustentadas em fios psíquicos, que nos conduzem a querer mais prazer, a beber daquilo que nos impactou, da fonte da memória não acessada, não pela felicidade hedonista, mas sim, pela alegria de que algo se modificou internamente, que faz bem ou mal, que é reescrito sobre o que já estava escrito, gravado e publicado em nosso corpo, porque somos identificados projetivamente. Neste percurso, compreendemos que se pode até morar na mesma casa todos os dias, mas entendemos que nunca seremos os mesmos moradores, pois ser humano é se mudar todos os dias.

JÁ TEVE CORAGEM DE SE PERGUNTAR, O
QUE NÃO TERIA CORAGEM DE SE
PERGUNTAR?

“Não sabemos que sabemos.”

Sigmund Freud

Quanto maior se deseja o desejo de ter prazer, mais forte se torna seu consumo. Muitos seres humanos retardam suas transformações, se deliciam com suas dores, sofrem, porque, inconscientes, pensam que o prazer será pleno. Sofrem porque acreditam em um monte de mentiras, de fantasia, ilusões. Essa lentidão pensante aprisiona o espírito humano nos grilhões de sua existência. Aumenta o nível de tensão e pressão na vida. Cria-se um ciclo interno, viciante, que desvitaliza. Emir Tomazelli, psicanalista brasileiro, mais um dos brilhantes professores que tive a honra de conhecer, complementa, em seu artigo “O laço de Sangue: uma leitura Kleiniana da fraternidade”:

Seguindo Adiante

“Submetido às formas asfixiantes, derivadas da força formalizante do próprio corpo e do contato com a percepção do outro, o sujeito que vive no interior desse mundo interno coloca a percepção do objeto no campo da devoração e não suporta sua própria capacidade para descobrir a beleza íntima das coisas descobertas diariamente na experiência de viver. Submetido, escravizado, subjugado pela própria loucura e pelo sensorial, experimenta o dia-a-dia como desespero, desamparo, como desafeição. As coisas do simbólico, as coisas da lei, as coisas da fraternidade, em Klein, vêm de outras bandas. São emoções cultivadas na tristeza, na dor contida e solitária, no recolhimento, no desaparego, na contrição. Não é a repressão que conduz a lei ou que contribui para que ela se estabeleça. As experiências simbólicas, que conferem singularidade ao sujeito, nascem do luto e da capacidade para experimentar tristeza e desilusão sem entrar em colapso, usando a hipocrisia como uma defesa contra o encantamento exercido pelo objeto. As leis do simbólico, em Klein, nascem das experiências que vêm do mundo das emoções mais delicadas de serem constituídas, vêm do mundo da elaboração difícil dos ódios primitivos, quando eles adquirem as primeiras formas mentais representadas. Vêm do mundo construído pela emoção, mas nobre do entristecimento e da força, por vezes, desnorteadora, que a beleza nos traz. Penso que um homem sem a sua tristeza é um homem incapaz para o simbólico, incapaz para a cultura, incapaz, infelizmente, para

a beleza e para a beatitude. O narcisismo destrói o laço de amor entre os pares e, ao seu redor, acrescenta lixo, solidão e penúria. O conhecimento morre, a ilusão que sustenta a esperança necessária à vida desaparece e com ela a fraternidade não se torna possível. Sem tristeza não há um sujeito, sem desilusão acolhida pelo par humano o conhecimento não se formula. Sem conhecimento, que fraternidade poderá ser compreendida? ”

Se aquele que experimenta inseguranças, frustrações, desilusões, que sofre por não ter condições internas para compreender e elaborar o significado de sentimentos brutos, violentos, ele se aprisionará dentro de si, em seu mundo interno, como um mundo interno dentro de outro. A dor não serve apenas para doer, ela precisa ser sentida, elaborada, ressignificada. Pessoas neste estado de alienação tendem a sofrer grandes depressões, vazios internos, dores psíquicas atormentadoras. Elas sofrem sem saber por que, vivem desesperadas, buscando algo sem saber o que é, entram em vias psíquicas que potencializam ainda mais, fazem com que o corpo produza mais sentimentos sobre aqueles sentimentos de tristezas não elaborados. Com isso, paralisam, se entorpecem, não melhoram, vivem uma vida de Pinóquio, o verdadeiro Pinóquio dos livros, escrito pelo italiano Carlo Collodi, em Florença, intitulada a obra completa em *As Aventuras de Pinóquio*. Esse sim é o que gostaria de lembrar, o Pinóquio que, em sua essência, se nega a apreender com a experiência,

Seguindo Adiante

que está fechado em si, negando sua vida, vivendo uma vida de madeira, paralisado, entorpecido, cheio de rachaduras, que só consegue se movimentar, mecanicamente, em modelos formados, enformados, feitos por outros, e que consegue sentir vida pulsando, se manifestando em si, apenas quando pega fogo, quando serve de lenha para alguém; se destrói, se mata, porque sua chama não é controlada, é voraz. Quando se acende, fica sem controle; é para queimar tudo, destruir por inteiro, sua vida histórias viram pó. Quem nunca passou por uma fase de vida de Pinóquio? Quem nunca achou que, em algum momento de sua vida, já estava sabendo o que deveria? Quem nunca ficou desesperado, sentindo vazios e não sabia de onde e por que isso estava acontecendo? Sendo arrogante, achando que não precisaria de outro para se transformar? Mas, é assim mesmo, como dizia Emir Tomazelli em suas provocantes reflexões: “Um inteligente, discutindo com um burro, sempre perderá, porque o burro é mais inteligente. Vejam só: a inteligência tem limites, fronteiras, é insuficiente, enquanto a burrice é sem fim.” O Homem é um Pinóquio tentando se transformar em carne, um pedaço de madeira falante procurando vida, buscando se acender. Alguns, por não suportarem suas ausências, perdas de sentido, buscam se acender no álcool, nas drogas, nas Igrejas, nas caixas de espelhos contemporâneas, nos shopping centers. Outros colocam fogo em tudo, destroem, em minutos, o que entra em contato com eles. Sua missão é o prazer máximo, aquele que

vai acima de todos os prazeres já sentidos. Entretanto, aqui não o poderíamos chamar de prazer, porque, quando o prazer é muito prazeroso, se torna loucura, doença. Aquele que consegue, em seu percurso, sair da vida de Pinóquio e se transformar em demasiadamente Homem, certamente, terá conseguido, ao final de sua trajetória, uma vida em que entrou sofrendo e saiu sofrendo diferente. Aranha, que nasce pronto, relembramos Cortella; “Como deve ser tedioso uma vida pronta! ” Jaques Lacan, grande psicanalista, conhecido por intervenções provocadoras e alto poder intelectual, dizia, em seus seminários, que “nossa tarefa é conseguir inserir nossos desejos no mundo. ” Essa busca é desafiadora, pois, além de inseri-los, antes, devemos entender o que são, e se realmente serão aceitos, feitos para valer a pena, não de uma maneira redundante, pela qual tudo estaria liberado. Quando Lacan fala dos desejos, o que quis dizer é que conseguimos nos tornar sujeitos frente o mundo, quando nossos desejos entram em contato com o mundo real. Quem não consegue sofrer a dor e sofrer prazer, está vivendo uma vida de Pinóquio.

Diminuir as capacidades psíquicas de sentir dor, sem dúvida, causará diminuição nas capacidades de alargamento humano, de gotejamento entre o que é vida e o que é tédio, conformando-se apenas com a deformação das potências humanas, que provavelmente, não serão mais potências e nem humanas, talvez, uma verdade pessoal insuportável, patológica, apoiada em crenças e ritualísticas obsessivas. Aquele que

Seguindo Adiante

aprende a lidar com suas dores, consegue lidar com suas incertezas. Cortella cita, em seu livro, “Não nascemos prontos”, o grande filósofo alemão do século XX, Martin Heidegger, que dizia que a angústia é a sensação do nada. Quando se pode sentir o “nada”, todas as opções se apresentam e todos os horizontes são possíveis.

Vivemos por atos de fé, não o podemos negar. Sem eles, retornamos a pensar que somos cérebros amarrados em tubos digestivos. Prefiro eu ter um caso de amor com a vida, mesmo que seja para sofrer, mas que seja com sentido. Poesias, músicas e arte não servem pra nada, pode ser, para a vida prática, pautada em produtividade, mas, para vida humana, são brinquedos, criadores de sentidos, provocadores daquilo que está no mais íntimo de nós, depois do “nada”, além do que deveríamos ser.

Quando tomamos esse caminho, abordamos a dor como meio de funcionamento, de saída daquilo que se tem como esperança. Não queremos, portanto, aqui, misturar modos de operar, como, por exemplo, o masoquismo ou sadismo. Então, seguimos, sem delongas, dizendo que o ser humano, por mais complexo, intrigante e misterioso que seja, possui maneiras para dissecar coisas, para se tornar eternamente um contínuo, sempre operamos assim, desde que descobrimos, quando criança, que aquela imagem no espelho era nossa, e que aquele corpo também o era, que pertencia ao

nosso mundo interno, ao nosso jeito de funcionar e viver. Descobrimos que, muito do que está fora, ainda é preciso ser elaborado. Neste limbo do tempo, que arrebatava o cerne humano incessantemente, tentamos nos entender e entender o mundo externo, vivendo como se fôssemos representados por um círculo, que, dentro, representaria a nossa individualidade, nosso eu, nosso ser que está para além de si mesmo, mas que é singular e individual. Do outro lado, fora do círculo, encontramos o que não é nosso, tudo aquilo que pertence ao mundo externo, que não nos representa e que não é o que não somos, apenas nos afeta.

Neste interjogo entre o mundo interno e externo, manifestamos nossa individualidade, lidamos com estímulos externos que nos atacam a todo o momento. Por exemplo, um bebê que sente fome e, pela falta do leite reage, chora, sofre pela ausência do leite, fica angustiada, vazia de consistências mentais, sofre pela falta de si e sua mãe, porque não o atende naquele momento. Os adultos atuam do mesmo modo, buscam todos os dias satisfazer suas necessidades, choram quando estão em solidão, pela ausência, por serem incompletos, vazios, choram por não serem algo ou alguém.

O mundo interno pede, e não encontra dentro de si o que é desejado, o que move. A única saída é buscar o conteúdo que irá preencher essa ausência. Todavia, vivemos como humanos, tentando esgotar o mundo, a fim de nos esgotar, de

Seguindo Adiante

nos entender, de sentir o que é ser humano. Somos desbastados, e nos desbastamos com o mundo interno e externo, procurando, esperançosamente, algum sentido para nossas vidas. Nesse desespero de buscar, chegamos a criar um enredo de memórias que nunca vivemos, fantasiando muita coisa, a fim de figurar e simbolizar algo que nos faça sentir menos dor, que nos ensine a lidar melhor com nossas angústias. Trocamos as memórias por outras subjetivas, porque não suportaríamos nos lembrar de muita coisa. Ainda bem que têm horas em que é melhor ter a presença do outro, conversando, porque é difícil conviver consigo as vinte quatro horas. Esse complexo, essa mistura de consumo e de ser consumido, de realidade e de fantasia, de significado e de falsidade, nos assombra, chegando, por vezes, a nos despersonalizar, desumanizar, desorientar e desesperar.

Perdendo é que se existe!

Para eu ser quem sou,
Antes tenho que ser quem não sou,
É preciso se perder.
É perdendo que se encontra.
Que se é

Não me procuraria se não tivesse me perdido.
Como me encontrar se não sei quem sou?

Leonardo Peracini

Por onde começar?
Talvez, pelas perdas.
Pela música tocada.

Viver é se perder todos os dias.
Se perder é viver todos os dias.
Todos os dias são dias.

Não existe partida,
Se não houve encontro.
Despedir de quem?

A vida não se resolve.
Viver e resolver são coisas,
Coisas distintas,
Por isso são coisas.
Coisas incertas.
Coisas estranhas.
Coisas vividas.

O viver não se resolve.
Porém, resolver viver
É brincar de se perder;
É desejar sem querer;
É ter ciúmes de vida.
Você é ciumento?

Seguindo Adiante

Nossos pensamentos, fantasias, delírios e lembranças boas ou ruins são percursores de uma conexão complexa que visa sempre a sobrevivência, são mecanismos que se utilizam de todo complexo humano para nos proteger. Parece incognoscível essa ideia de que os pensamentos ruins são protetores, mas os são, pois se não os pensassem, não encontraríamos saídas para pensar pensamentos bons, produtivos, reprodutivos. Antes pensar mal de uma pessoa, do que agir por instinto e matá-la, como antigamente faziam nossos ancestrais primitivos, aliás, muitos ainda fazem. Fazemos isso o dia todo, falamos com nós mesmos, com nossos outros, como se fosse uma conferência, todos eles discutindo e decidindo o que e como fazer as coisas do modo menos brutal. O problema é que quando alguém não tem suas ferramentas, isto é, seus outros para ajudar soldar as conexões psíquicas, são obrigados a viver com o que têm, como aranhas e formigas; guiados por instinto.

Com efeito, quando um pensamento ou sonho negativo toma a nossa mente, ele nos atordoa e nos deixa, muitas vezes, com sentimentos nada agradáveis. Na verdade, esse abalo ou quebra no equilíbrio interno, soa como um alerta, nos convidando a dissecar, o que está acontecendo que tais sentimentos e imagens estão recorrendo ao nosso corpo, se repetindo constantemente. Nesse contexto, ficamos em uma

encruzilhada procurando decifrar o enigma, buscando alguma resposta para que essa confusão interna retorne ao seu ponto de equilíbrio humano. Quando não conseguimos dissecar esse mistério, somatizamos todos os efeitos e descargas para nosso corpo. No âmago deste interjogo está a dor, a angústia, o sofrimento psíquico, o trauma que quer ser transformado em prazer, em sentido, em símbolo, em conhecimento, em vida, da brutalidade para humanidade.

Soldados que retornam de uma guerra sem histórias para contar, certamente, estão entorpecidos, vivendo grande dor o impacto que o mundo externo causou. No dia-a-dia, em menor grau para uns e maior para outros, também assim. Quantas vezes não queremos ficar reclusos, sem falar com ninguém? Quantas vezes sofremos calados? Quantas vezes pensamos em desistir? Quantas vezes não agredimos os outros para externalizar sentimentos? Quantas vezes não colocamos fogo em nós mesmos? Tem gente que não aguenta o tranco e consegue acabar com a vida de todos aqueles que estão a sua volta, saem destruindo tudo, alguns, com palavras e atitudes desumanas, outros com armas em cinemas e escolas matando criancinhas. Provavelmente, todos buscam por medo, pela sensação de ver o outro morrer para ver como é que é, como seria com ele. Buscam descarregar seu Auto-ódio, aquele que é produzido por si mesmo, que tem vida, que não tem mais controle da realidade, de seus mundos internos, que nesses, são mais reais do que o externo. Colocam fogo em si e em tudo.

Seguindo Adiante

Quanto maior o incêndio, maior a sensação falsa de vida, de felicidade. Bauman, em seu livro “A arte da vida” nos complementa escrevendo que “A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumindo, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade “genuína, adequada e total” sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele. “Os desejos naturais são limitados; os que brotam de falsas opiniões não têm onde parar, pois a falsidade não tem ponto final.”

Desistir de encontrar as repostas para as perguntas que nem sabemos de onde vêm e por que nos tomam a mente é uma busca identitária que não deve ser respondida, mas criada como arte. Quantas vezes sentimo-nos estressados de ficar nessa luta que nunca acaba, que, quando não é uma coisa é outra, e que tudo deve exigir atenção, energia, manobras mentais, entendimento e tolerância. Quando chegamos a esse patamar de consciência, de que a dor psíquica não tem cura, e que nunca irá nos abandonar, fazemos uma grande descoberta, descobrimos que somos humanos. Por isso, Freud a põe em relevo, e diz que somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro. Mas, vejam só: temos a oportunidade de escolher ficarmos cansados e não estressados.

Estressado é aquele que faz alguma coisa que não está ligado com sua obra, sua identidade, já aquele que se sente cansado está fazendo algo que faz parte de suas subjetividades, sua existência, sua obra de vida. Por isso produz muito, não se estressa, apenas se cansa. Eu, por exemplo, gosto de escrever, não me estressa, mas me cansa.

“As marcas em meu rosto começam a saltar. Sinto-me bem diferente de quando era criança. A palavra tristeza tem um símbolo forte, marcante, como a pele que já não resiste ao tempo. Às vezes, durante o dia, a qualquer hora, sou tomado de forma sensível, inflo todo meu corpo de tanta inspiração, quase não consigo caber dentro do que sou, parece que alguma realidade me possui, estou vivo, estou vivo, vivo estou. Outrora, estremeço por dentro, fico pequeno, devaneios surgem hiatos, sinto como se meu corpo estivesse saindo da forma sólida para a gasosa.... De repente, todas essas coisas sem nomes desaparecem. Vou junto com elas e acho que, nesta hora, estou morto. As novas marcas já estão ali, junto com as outras. Assim, vou deixando minhas pegadas, confessando meus pecados, sentindo minhas graças, dizendo meus segredos ao público, revelando que um dia roubei rosas, que tenho vontade de virar os chinelos de muita gente, que prefiro balas a chiclete pelo conceito de eternidade, pois não sou daqueles que querem as coisas eternamente. Por aí, continuo, e já descobri que não nasci para todas as coisas. Eu dou um caldo mesmo e nas coisas da

Seguindo Adiante

alma. Trabalho com feitiçaria, com as coisas invisíveis, por isso me machuca tanto. O invisível machuca, e como machuca! Saudade, Deus, Amor, Ódio, Culpa, Ansiedade, Desespero... Deus não existe, mas persiste. (Se criou o mundo, quem o Criou?) Saudade não tem nome. Amor é amor. Ódio, a maioria ainda não descobriu que nasce com ele. Culpa é a soma de nossas misérias. Ansiedade é vontade de ter valor, de existir para si mesmo. Desespero é o que aparece dentro de nós quando não conseguimos suportar a luz. Por aí eu vou brincando, traduzindo, me traduzindo, ficando do avesso, olhando olhos enxergando, desnudando-se, umedecendo e transformando seus registros em rios de lágrimas. Com isso, eu vou seguindo, tentando não me trair, porque não gosto de enfeite, gosto sim de me misturar com os outros. Ai como eu gosto! Vou com meus sentimentos, com aquilo que eu exprimo, que contorno e consigo publicar. No início, eles são sem nomes, mas com vida em demasia. Pecado seria se os deixa-se de lado. Acho que morreria, eu com meus pecados, não sei bem o que faço, se estou tentando me salvar, ou se gosto de apenas trabalhar, com essa coisa que chamam de vida. ”

Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual

Leonardo Peracini

Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real

Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza

E esse caminho
Que eu mesmo escolhi
É tão fácil seguir
Por não ter aonde ir
Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Eeeeeeeuu!
Controlando

Seguindo Adiante

A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez

Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com toda certeza
Maluco, maluco beleza

Raul Seixas

DELÍCIA DE DOR!

“E na vida a gente
Tem que entender
Que um nasce pra sofrer
Enquanto o outro ri”

Tim Maia

Trabalho, sociedade e desejos, essas são as amarras que impedem o ser humano de ser reconhecido como gostaria, de sentir afeto do jeito que deseja, de existir no mundo como pensa que deveria. O ser humano contemporâneo tem sido arrebatado por um sofrimento que se traduz em profundos sentimentos de dor e angústia, transcrevendo demasiados sintomas que se somatizam, que ganham força, e reconfiguram o modo pelo qual existimos, criando paradigmas pelos quais nos forçam a escolher entre um e outro, isto é, temos de lidar com a pressão no trabalho, a pressão social, realizar nossos desejos internos, conscientes e inconscientes. Instalam-se sentimentos, que conflitam entre si, transfigurando diferentes

Seguindo Adiante

formas de sofrimentos, alguns, ocupando lugares privilegiados, porém, todos são interlaçados, compartilhados. Observe que, na maioria das vezes, quando um ser humano está sofrendo, instintivamente, compartilhamos com ele tal sofrimento. Internamente, não é diferente, pois compartilhamos, a todo o momento, nossas dores, angústias, medos, ansiedades, cada qual com sua metamorfose, função, e programação para algo que deve se transformar.

Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante.
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo.

Raul Seixas

Como já havíamos dito, até os pensamentos ruins são protetores, pois eles têm uma função e são essenciais para que não adoecemos. Se não fosse assim, quando tomados por pensamentos de morte, certamente, matariamos, porém, em muitos casos, pensamos, a fim de tentar dissecar o que está acontecendo internamente conosco. Tentamos racionalizar qual a melhor maneira de lidar com aquilo que pulsa, que surge espontaneamente e procuramos encontrar a resposta para aquela dor que nos aponta, que diz que existe algo que deve ser harmonizado. Aqueles que não conseguem, ao longo de sua existência, encontrar respostas para as manifestações de suas

dores, vivem uma vida doentia, com limiars de dores insuportáveis, ao ponto de não senti-las, devido à imensa quantidade de delírios, alucinações para a mente não parar, para não entrar em pane total.

O sofrimento afeta diretamente a liberdade, suas capacidades de se manifestar frente às dificuldades. Diminuir o estado de sofrimento é tentar reinventar a obra humana, como ilustra a capa desta obra, que representa o ser humano como uma árvore, a qual, enquanto viva, troca suas folhas, deixando-as pelo caminho, pois, quando estão secas, elas não servem mais. Quando olhamos de uma certa distância que dê para apreciar o contexto, observamos que, entre as folhas secas e novas, também existem as folhas que estão no meio do processo, mistas, com tonalidades que demonstram que já viveram alguma coisa. Por conseguinte, este é um processo natural, programado, onde folhas ficam secas e devem ser varridas, enquanto outras estão nascendo com o objetivo de substituir aquelas que estão indo, dando mais vigor e sentido àquilo que se deve manter, que é o todo do todo. Folhas murchas não servem mais. Varrer as folhas secas é um processo natural.

Quando escolho e nomeio o título desta obra, “Seguindo Adiante”, quero fazer um convite a todos que procuram ter uma vida melhor, mais produtiva, menos angustiante, com uma forma de sofrer melhor, que sirvam

Seguindo Adiante

como modelos de transformações, de autoanálises, de desenvolvimento humano, de influências e interações mais claras, saborosas com o mundo externo e interno, universalizando o lugar do ser humano no mundo, como uma representação mais positiva, potente, que, mesmo sofrendo e passando por tudo que cai nas malhas do destino, vale a pena sentir a vida vivendo dentro de si, buscando, na trilha da existência, um sentido para aquilo que se torna experiência, seu lugar no mundo. Não estou fazendo, aqui, apologias ao sofrimento, pelo contrário, estou tentando criar estímulos, provocações, para que se aspire àquilo que está dentro de nós e que nos faz mal, aquilo que, mesmo não entendendo, temos a obrigação de limpar, organizar para seguir adiante, afinal, tudo o que nos faz mal é humano porque faz parte da nossa constituição, da nossa matéria, como no exemplo dos maus pensamentos, que tomam uma forma positiva, transformadora. O sofrimento inicia a transformação e, a partir do momento em que sofremos, que buscamos sofrer diferente, estamos buscando seguir livres, contínuos, permitindo a vida ser vivida humanamente.

Ah!

Se o mundo inteiro

Me pudesse ouvir

Tenho muito pra contar

Dizer que aprendi

Leonardo Peracini

E na vida a gente
Tem que entender
Que um nasce pra sofrer
Enquanto o outro ri

Mas quem sofre
Sempre tem que procurar
Pelo menos vir achar
Razão para viver

Ver na vida algum motivo
Pra sonhar
Ter um sonho todo azul
Azul da cor do mar

Azul da Cor do Mar

Tim Maia

DESABROCHAR

“Eu sou, sendo,
Demasiadamente, sendo sem querer.
Quando querendo,
Contínuo, descontinuamente sendo,
Tentando ser.
Ser sem querer,
Vivendo,
Porque é assim que tem que ser.”

Nossos fantasmas são maiores no mundo interno do que no externo. Tudo que está dentro de nós é dinamizado pelos nossos mitos internos, pelas conjecturas delirantes, que se formam e se entrelaçam umas nas outras, que desintegram, engendram pensamentos, delírios, objetos bons e maus. Quando aprofundamos tais questões, sentimo-nos arrebatados pela inconformidade de não encontrar respostas. Sem mais, fechamos a cortina e retomamos transtornados, acumulando

uma série de perguntas sem respostas. Ficamos angustiados por não conseguir simbolizar, dar “sentido” para aquilo que se manifesta, para aquilo que achamos que cria um vazio dentro de nós, o que não é verdade, pois o vazio é sentido porque não conseguimos dar um “nome” para o que se sente. Não simbolizamos e, por isso, deliramos, saturamos nossos pensamentos, ardemos em pulsões de dor e sofrimento, angustiamos, acumulamos dor, perguntas sem respostas, sentimentos que não estão sendo sentidos. Existe muita coisa que deve ser nomeada, sentida, compreendida, manifestada. Nesta roda gigante da evolução entre o que existe fora e o que existe dentro, por horas, enxergamos lá de cima, por outras, estamos no movimento de aprofundamento necessário, que novamente nos impulsionará para cima, a fim de sentir o vento bater mais forte, a luz brilhar em novas intensidades, o olhar mais amplo sobre o que era grande, com uma visão de mosaico. O mundo é uma grande peça de mosaico, com demasiadas formas e cores. Por isso, se nossos mitos internos, construídos por nós mesmos, forem apenas nossos, nunca iremos sentir parte deste mosaico, pois o mito, por sua natureza, é coletivo, criado pela observação, com a função de prover a experiência coletiva da vida, da verdade, de experienciar situações que se repetem com a maioria. Quando ele se torna algo individual, ele perde suas funções, pois dependemos do outro para que tenhamos uma capacidade de relação melhor com nós mesmos, com o mundo, com a vida.

Seguindo Adiante

Quando não entramos nesta roda gigante, ficamos naquela posição em que, mesmo da gaiola de portas abertas, o pássaro tem medo de voar, de seguir adiante seu destino porque não saberia por onde começar, não saberia o porquê deveria voar, não saberia se seria melhor voar. O Homem também age assim. Do mesmo modo que ele se adapta a se superar na vida, a vencer desafios, a crescer como ser humano, ele também se adapta ao fracasso, ao sofrimento, as suas angústias. Poderíamos dizer até mais, que muitos, ao deixarem suas angústias, seus medos e sofrimentos, perdem o sentido de suas vidas. Contribuí, brilhantemente, para nossa reflexão, Ana C. Almeida, que disserta, em sua tese de mestrado, intitulada “Ensaio para a Informatização da Tabela de Bion”: “A vivência de uma situação de frustração origina sentimentos que são difíceis de tolerar. A intolerância a estes sentimentos varia de indivíduo para indivíduo. Varia com a idade e com características intrínsecas à sua personalidade. Quando se tem uma experiência de frustração é-se forçado a tomar uma decisão: ou se decide negar a frustração ou se decide modificá-la. Quando a decisão tomada é a de negar a frustração e se continua a negá-la, a consequência é um "empobrecimento" da percepção da realidade. Na situação extrema da negação da frustração, encontramos as bases da psicose, já que a ausência de contato com a realidade é a sua problemática fundamental. O ódio à frustração é facilmente estendido, e acaba por abarcar a própria realidade, ou até abarcar aquela parte do aparelho

mental de que a percepção da realidade (e da frustração) depende. ”

“Há vários graus de intolerância à frustração, e há vários níveis de intensidade com que se tenta negar a frustração. Quando a intolerância e o grau de intensidade da negação é moderado, o indivíduo está na posse de um "estado de espírito" adequado ao predomínio do princípio da realidade, onde a frustração e os sentimentos dolorosos a ela associados são suficientemente tolerados para permitir à personalidade a possibilidade da modificação da frustração, em oposição à sua negação.”

"... mas pessoas há, tão intolerantes ao sofrimento ou à frustração (ou para quem o sofrimento e frustração são tão intoleráveis) que sentem o sofrimento sem sofrê-lo e assim não o descobrem. ...".

“Se, pelo contrário, a intolerância à frustração é menos intensa e permite a tomada de decisão no sentido da modificação, então as funções anteriormente referidas poderão desenvolver-se e amadurecer sob o domínio do princípio da realidade. ”.

Quando se trata de analisar o sofrimento, antes, devemos nos ater ao fato de que o sofrimento faz parte da vida, e que este é um processo que todos os seres humanos, que estão vivos, irão experimentar, cada um de uma maneira. Por

Seguindo Adiante

consequente, o que faz um ser humano sofrer, está ligado com algo que está vivo, isto é, um ser vivo que interage com outro ser vivo. Quando sentimos angústia, dor psíquica, na verdade, estamos vivendo, experimentando fragmentos de vida, da relação com nós mesmos ou com o outro. Nesta efervescência de estímulos, de contato, de encontros e conexões com o outro, entramos em um movimento de conflitos abissais, quase não humanos. Este mal estar, quando não nomeado, gera angústia, o que, por outro lado, quando nomeado, gera sofrimento. Quando entramos nesta ceara, nos deparamos com demasiadas formas e diferenças de sofrimento. Um exemplo disso é quando aquele sentimento de mal-estar toma o nosso corpo, provocando angústia, desespero, nós sentimos que estamos sofrendo, mas não entendemos o porquê, qual a causa, qual o motivo, o nome deste sofrimento? Por outro lado, diferente deste mal estar, existe outro tipo de sentimento que nos leva também a sofrer, é aquele de que sabemos o porquê estamos sofrendo, sentir o que estamos sentindo, é um modo de sofrimento que tem nome, que, em partes, entendemos suas pulsões, seus fragmentos, sua excorporação. Muitos, por não saberem nomear seu sofrimento, se tornam agressivos, sem qualquer controle emocional, perdem o sentido de suas vidas, lutam o tempo todo contra tudo aquilo que contém vida. Assim, passam pela existência sofrendo, sem saber que estão sofrendo e que algo dentro de si precisa ser

conjecturado, reelaborado, reencaminhado, religado, formando novas e duradouras conjunções constantes.

Poder-se-á, igualmente, afirmar que, quanto maior for a resistência de um ser humano em lidar com suas frustrações e com a realidade, maior será sua capacidade de articular seu sofrimento e respeito pela vida. Já, do outro lado, em uma ótica contrária, quanto menor e mais primitiva suas capacidades, maior será sua dificuldade em lidar com o seu sofrimento. Por que sofremos do que sofremos? Por que estamos sempre penhorados a alguma coisa? O que está acontecendo em minha vida que não consigo identificar o que acontece? Por que tudo, por vezes, parece se repetir? Nessa dissonância, entre o que é e o que deveria ser, o ser humano, se torna um vale de lágrimas. Muitos tornam suas vidas amargas, chatas, pois são convictos de que já sofreram demais, que todo sofrimento que deveria ter passado já se fez, se projetam como uma exceção no mundo, como aqueles que foram vítimas do destino e de tudo que aconteceu de mal em suas vidas. Esquecem que até Eros, o amor, é sofrimento.

Amor, ódio e conhecimento são significantes, são símbolos criados para resistir ao impacto de tudo o que é humano, que já nasceu dentro de todos aqueles que um dia conseguiram nascer. Muitos também se esquecem de que o que traz prazer numa conquista é o limite. O limite é a altura do sarrafo, da barreira de contato que planejamos superar,

Seguindo Adiante

entender, da virulência que produzimos frente a algo ou alguém que nos incomoda, que causa algo além de si, da não-coisa, da coisa-em-si, do aprender a suportar o desconhecido.

O que se entende é aquilo que se entende de si mesmo, não daquilo que está em contato. Sempre projetamos nosso entendimento no que entendemos que existe dentro de nós. Por isso, tentar entender o sofrimento de outro ser humano é uma tarefa quase que impossível. O ser humano cresce por subtração. Não dá para desejar paz e amor ao mesmo tempo, porque o amor não tem nada de paz, suas formas operantes de se manifestar causam caos, enlouquecimento naquele que o torna experiência.

De repente a dor
De esperar terminou
E o amor veio enfim
Eu que sempre sonhei
Mas não acreditei
Muito em mim

Vi o tempo passar
O inverno chegar
Outra vez mas desta vez
Todo pranto sumiu
Um encanto surgiu

Leonardo Peracini

Meu amor

Você

É mais do que sei

É mais que pensei

É mais que esperava, baby

Você

É algo assim

É tudo pra mim

É como eu sonhava, baby

Sou feliz agora

Não não vá embora não

Não não não não não

Não não vá embora

Não não vá embora

Não não vá embora

Não não vá embora

Vou morrer de saudade

Vou morrer de saudade

Vou morrer de saudade

Não vá embora

Não vá embora

Não vá embora

Seguindo Adiante

Vou morrer de saudade

Vou morrer de saudade

Não vá embora

Não vá não vá

Vou morrer de saudade

Vou morrer de saudade

Você – Tim Maia

O AMOR, A DOR E A VIDA

“Um amigo me chamou para cuidar da dor dele. Guardei a
minha no bolso e fui.”

Clarice Lispector

O caminho do amor é um caminho em que não existe paz. Ele inunda e faz transbordar todo aquele que passa em seu caminho, como um tsunami, que vem e que vai, que deixa diferente tudo aquilo que era o que era. A diferença está em conseguir suportar esse amor, o que ele traz consigo e oferece àquele que o deseja. Acredite, a maioria das pessoas tem medo de amar. Muitos não conseguem ser felizes porque preferem a infelicidade. Muitos, por não conseguirem suportar tamanho impacto, entram em estados delirantes, ficam confusos, sofrendo não pelo amor, mas por não saberem lidar com tamanha manifestação humana, por não conseguirem nomear o que acontece. Outros, vivem do cheiro da morte quando

Seguindo Adiante

desejam o amor. Quantos seres humanos não se mataram por amor? Quantos não mataram? Quantos não ficaram doentes? Quantos ainda não vão matar, se matar e continuar neste caminho patológico? Onde existe amor, existe ausência, e onde existe ausência, existe sofrimento, desejo não realizado. Ser humano é não ter fim, é aprender a lidar e ser responsável pela sua singularidade, seu modo único de funcionar, de interagir com si mesmo e com o mundo, com o conhecido e o desconhecido, com aquilo que existe e aquilo que ainda não existe. Triste daquele que desiste de si mesmo! Um dia todos virarão pó por terem feito muito fogo e fumaça, outros, porque o tempo e calma os mortificou. Uns vivendo com motivos, outros sem motivos.

Sabemos que a vida não é medida pela quantidade de tempo que se vive, mas pela quantidade de vida que existe na vida que se vive. Ter a oportunidade de passar pela experiência de estar vivo, pensando, tentando dissecar os mistérios humanos, tentando se conhecer a vida inteira. É assombroso, mas também, uma honra grandiosa. O ato de querer viver é um ato de vida. Negar o sofrimento é negar as funções mais magníficas de um ser humano. Negar a vida é destruir a si mesmo. Para além disto, retornamos a mais um trecho de Ana Almeida:

“Se a curiosidade em relação à verdade é suficientemente forte, e se encontra acompanhada por uma preocupação em

relação à vida, então o indivíduo irá "esforçar-se" no sentido de aumentar o seu grau de tolerância à frustração e às emoções a ela associadas. Pelo contrário, se existir um predomínio do ódio à verdade e à vida, o indivíduo irá reforçar os mecanismos de identificação projetiva, que lhe permitem "livrar-se" rapidamente de sentimentos e emoções indesejadas. A utilização excessiva dos mecanismos de identificação projetiva aumenta a intolerância à frustração, porque priva o indivíduo do exercício da faculdade de pensar, e por isso mesmo priva-o da possibilidade de produzir modificações sobre a realidade (interna e externa; consciente e inconsciente) e, dessa forma, diminuir a frustração. Nessas circunstâncias, as emoções são vividas de forma muito intensa (violentamente), operando uma mudança qualitativa que se expressa através da crueldade e de um reduzido respeito por si próprio, pelo objeto, pelas coisas vivas e pela verdade. ”

Flávio Gikovate escreve que “é curioso constatar que as rupturas amorosas, mesmo quando ansiadas, tendem a provocar enorme vazio: uma dor típica da sensação de desamparo. A impressão que tenho é a de que todas as rupturas sentimentais repetem a sensação experimentada ao nascer: a nossa grande vivência de ruptura. Mesmo os que nunca viveram as dores ligadas às separações adultas sentem medo delas: todos nós guardamos algum registro da primeira ruptura. Costumamos associar a dor de ruptura à da morte (que não

Seguindo Adiante

sabemos se é dolorosa): acho que transferimos para a morte o que sentimos ao nascer. O desamparo corresponde à sensação desagradável que nos acompanha desde sempre: ela é mais forte e viva quando estamos sozinhos e/ou ociosos. Os que aprenderam a conviver melhor com a dor do desamparo sentem menos medo das rupturas sentimentais; assim sendo, fazem menos concessões. Pessoas com mais maturidade emocional convivem melhor com as frustrações e contrariedades; sofrem menos, mas também sentem dor na separação. A sensação de desamparo nos acompanha desde o nascimento até a morte. Ela se atenua com bons vínculos amorosos e quando estamos entretidos. ” Por conseguinte, descobrimos, em todas as nossas cesuras, feitas ao longo de nossa existência, que cada ser humano é singular, único, especial, diferente, que existe algo que é inato a sua constituição. Mas, o que é então essa coisa única, esse humano, essa singularidade? Não existe resposta para essa pergunta, pois elas são o que são. O que nos interessa, aqui, é explicitar que cada um leva dentro de si algo que é singular, algo que se manifesta e que gera vida, sentido em sentir o que se sente, com uma vontade de continuar a fazer, a sentir aquilo que é dinâmico e que move tantas coisas. O porquê está dentro de cada um e é tão diferente quando se tenta comparar uns com os outros. A questão é que muitos, por não conseguirem descobrir essa “coisa única”, sofrem, buscando, em outras coisas, o que não é único. Wolfgang Amadeus Mozart

descobriu cedo essa coisa única, tanto é que parece que morreu de tanto entrar em contato com ela, não pela coisa-em-si, mas por não conseguir controlar suas potências, que cresciam a cada momento em que se encontravam, a cada reprodução daquilo que só ele e a “única coisa” conseguiam fazer juntos. As sonatas, por exemplo, impactam cada um de uma maneira, mas a maneira em que impactavam Mozart, apenas ele saberá. Nenhum ser humano tem a capacidade de traduzir perfeitamente ou sentir o que o outro sente.

Os que vivem em grandes sofrimentos, em dores psíquicas insuportáveis, esses devem buscar sua singularidade, pois é nela que todas as respostas aparecerão. É com ela que devemos andar de mãos dadas, através dela encontraremos qual a posição que ocupamos no mundo, dentro de nós mesmos. Nós, seres humanos, nascemos para sentir tudo que atravessa nosso caminho, sentimos tanto que sentimos que somos humanos quando estamos em dor, quando estamos alegres, dormindo, acordados, sentimos o tempo todo

Se não sentimos dor, não sentimos que estamos vivendo, nunca sentiríamos o que é o amor, o que é ser humano, o que é todas as coisas que se tornaram importantes, que penhoramos dentro de nosso ser, dentro daquele pedaço que é só nosso, que articula com a “única coisa” que cria personalidades, que diferencia uns dos outros, que convida a ser diferente todos os dias, que se manifesta a fim de produzir

Seguindo Adiante

sentido, de resguardar a vida, as conexões grandiosas de prazer, de alegria, de contatos com o sabor da matéria daquilo que fomos feitos, transformados pelo cosmos.

Quando, verdadeiramente, conseguimos tocar a nossa música, entramos em um estado que perpassa patamares próximos à verdade pessoal, que se manifesta com tanto sentido a ponto de ficarmos extasiados, tomados por algo que parece uma feitiçaria, que nos encanta com aquilo que nos tornamos. Temos a sensação de que não estamos dentro do próprio corpo, e que tudo está em êxtase. Arrepiamos com aquilo que se manifesta através das nossas conjecturas, daquilo que transformamos e entregamos a nós mesmos, como um presente que foi feito com muito carinho. Quantas vezes eu e você entramos em momentos de dores profundas e, de repente, em um estalo de segundos, algo nos toma?

“Um amigo me chamou para cuidar da dor dele. Guardei a minha no bolso e fui.”

Clarice Lispector

Poderíamos pensar que não iremos sentir dor? Sofrimento? Turbulências internas? Conflitos? Crises existenciais? Seria muita inocência pensar desta maneira. Todo

ser humano, em qualquer momento de sua vida irá passar por um momento depressivo, com uma crise existencial, mesmo aqueles mais resistentes, preparados psiquicamente. A diferença estará entre o quanto cada um consegue suportar essa expansão e todas as transformações, que são mais do que naturais, necessárias, na trilha de qualquer um que foi agraciado com um aparelho de pensar, com matéria humana, com vida, com o universo.

Existem seres humanos em outros patamares, demasiadamente humanos, naturais em seus processos de amplificação de suas capacidades. Muitos até parecem que vieram no tempo errado, que deveriam vir anos à frente, e vários, por esse motivo, morrem frustrados por não terem sido compreendidos. Certamente sentiram muita dor por existirem em seus modos de funcionamento. Suas noites de sono não eram tão tranquilas como as mentes mais primitivas, que passam a vida atrás de comida e sexo. Esses que vivem e viveram em um patamar mais complexo, sentem na pele a recompensa da vida, são premiados pelo amor, pela transformação do ódio ou do conhecimento. São avatares que estão, a todo momento, se transformando e transformando tudo que está a sua volta. São seres humanos que sabem que, mesmo em dor, na angústia, a vida é muito maior do que os sentimentos primitivos. Durante o percurso, fiz questão de citar grandes pensadores, porque temos que tentar aprender com cada um deles, são grandes doutores na matéria do

Seguindo Adiante

“pensar”. E a vida, é aprender a pensar. Como eles, todos nós somos dotados de forças humanas poderosas, complexas, que estão em constante transformação, que nos impulsionam a continuar a viver, e a seguir adiante. Experimente pensar de verdade e, perceberá, que aquele que consegue seguir, é aquele que consegue pensar.

Nietzsche:

“Quem tem um porque viver, suporta qualquer como”.

Viktor Frankl:

“Pode-se tirar tudo de um homem exceto uma coisa: a última das liberdades humanas – escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o próprio caminho.”

Freud:

“Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro.”

Leonardo Peracini

Rubem Alves:

“O prazer engravida, o sofrimento faz nascer.”

Shakespeare:

"Sofremos muito com o pouco que falta, e gozamos pouco o muito que temos."

Kafka:

"O quotidiano em si mesmo já é maravilhoso. Eu não faço mais do que expô-lo."

Albert Schweitzer:

“A tragédia do homem é o que morre dentro dele enquanto ele ainda está vivo.”

Nise da Silveira:

“Não se cure além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade

Seguindo Adiante

mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas
ajuizadas. ”

Ray Charles:

Love In Three Quarter Time

Eu gosto de "enchilados" do el Dorado que brilha,
de velhos amigos de guitarra, canções,
mulheres e vinho.
Eu sou assim.

Eles dizem que vivo depressa,
mas me sinto bem,
eu me sinto bem,
e eu continuo no tempo de 3/4.

Às vezes fico num canto
acordado a noite toda escrevendo canções.
Eles dizem que não é saudável,
mas de alguma forma eu sigo em frente.

Escrevo o que sinto,
e não ligo se não dá rima.

Leonardo Peracini

Só me dê uma nota
e toque no tempo de 3/4.

É um mundo grande
e todos temos que viver a vida.

Uma coisa é certa
nenhum de nós vai ficar vivo,
sinto muito.

Enquanto estou falando
vou continuar tocando minhas músicas.

Eu gosto do que faço
e espero que não morra logo
porque a vida toda tem uma coisa
que espero encontrar;

uma mulher que goste de fazer amor
no tempo de 3/4.

Seguindo Adiante

A psicanálise pode levar uma pessoa até a beira do rio,
mas a decisão de atravessar, será sempre dela.

Sigmund Freud

Nosso tempo terminou.

Ficamos por aqui.

SOBRE O AUTOR

LEONARDO PERACINI



Natural de Uberaba, possui um currículo multifocal. É Escritor, Poeta, Psicanalista, Logoterapeuta, Administrador, Fisiologista do Exercício, Educador Físico, membro da ABL de Araraquara, ocupando a cadeira de imortal de número 59. Autor de obras publicadas no Brasil e na Europa, entre elas, “Além da Liderança: Devaneios de uma Gestão”, “O que a vida me Falou” “O Grito e O Inconsciente”, “Sendo Humano: reflexões de uma existência”, “Certo, mas por linhas tortas”. Sua filosofia, de maneira poética e cética, é fomentada pela observação das relações sociais e individuais dos seres humanos.

BIBLIOGRAFIA

ABUJAMRA, A.. *Antônio Abujamra Lê Fernando Pessoa*. Curitiba - Paraná: Editora Nossa Cultura, 2012

ALMEIDA, A. C., ISPA. *MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA*. 1998 s.l.:s.n.

BAUMAN, Z. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKSON, K. *O melhor de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

CORTELLA, M. S. *Não Nascemos Prontos! Provocações Filosóficas*. s.l.: Editora Vozes, 2006.

CORTELLA, M. S. *Qual é a tua obra? Inquetações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2014.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Editora Quadrante 2010.

FRANKL, V. E. *Em Busca de Sentido*. Petrópolis, RJ / São Leopoldo - RS: Editora Vozes, Editora Sinodal, 2011.

FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*. São Paulo: Companhia Das Letras., 2010.

GAY, P. *FREUD Uma vida para nosso tempo. A Biografia definitiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MEZAN, R. *Freud: A trama dos conceitos*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2011.

NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo: Editora Escala, s.d.

PERACINI, L. *SENDO HUMANO: REFLEXÕES DE UMA EXISTÊNCIA*. RIBEIRÃO PRETO: EDITORA LIVRE EXPRESSÃO, 2013.

PONDÉ, L. F. *Contra um Mundo Melhor*. São Paulo: Editora Leya., 2010.

SEGAL, H. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Editora Imago, s.d. TOMAZELLI, E. O laço de sangue: uma leitura kleiniana da fraternidade, s.d.

BION, W.R. *Transformações - Do aprendizado ao crescimento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 2004.

